



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

IDELVÂNIA RODRIGUES DE OLIVEIRA

OS MONAIKÓ: NARRATIVAS ORAIS E REGISTROS LINGUÍSTICOS

Boa Vista, RR
2012

IDELVÂNIA RODRIGUES DE OLIVEIRA

OS MONAIKÓ: NARRATIVAS ORAIS E REGISTROS LINGUÍSTICOS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Estudos da Linguagem e Cultura Regional.

Orientadora: Prof^a Dra. Maria Odileiz Sousa Cruz

Co-orientadora: Prof^a Dra. Olendina de Carvalho Cavalcante

Boa Vista, RR
2012

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

O48m Oliveira, Idelvânia Rodrigues de
Os Monaikó : narrativas orais e registros linguísticos /
Idelvânia Rodrigues de Oliveira – Boa Vista, 2012
127p.:il.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Odileiz Sousa Cruz
Co-orientadora: Profa. Dra. Olendina de Carvalho Cavalcante
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima,
Mestrado em Letras, Estudos da Linguagem e Cultura Regional.

1 – Monaikó. 2 – Narrativa. 3 – Variação linguística. 4 – Dialeto.
5 – Karíb. I – Título. II – Cruz, Maria Odileiz Sousa (orientadora).
III – Cavalcante, Olendina de Carvalho.

CDU – 806.90-087

TERMO DE APROVAÇÃO

IDELVÂNIA RODRIGUES DE OLIVEIRA

OS MONAIKÓ: NARRATIVAS ORAIS E REGISTROS LINGUÍSTICOS

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima. Área de concentração: Estudos da Linguagem e Cultura Regional. Defendida em 03 de março de 2012 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Profª Drª Maria Odileiz Sousa Cruz
Orientadora e Presidente da Banca-UFRR/PPGL

Profª. Drª. Stella Virgínia Telles de A. Pereira Lima
Convidado externo/PPGL/UFPE

Prof. Dr. Elder José Lanes
Professor da UFRR/PPGL

Prof. Dr. Ernesto Migliazza
Suplente /Utah University

Ao meu pai, o primeiro professor que conheci ensinou-me a ler e a escrever (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço Aquele que me fortalece todos os dias, mantendo-me firme para enfrentar os maiores desafios, Deus.

À minha orientadora, prof^a Dra. Maria Odileiz Sousa Cruz que contribui imensamente com o meu desenvolvimento intelectual, a partir de suas discussões claras e objetivas, seus comentários árdios e sua capacidade de compreensão. Agradeço sua paciência, confiança e a dedicação ao meu trabalho.

À minha co-orientadora Dra. Olendina Cavalcante, pelas sugestões do primeiro capítulo.

Ao colega Jorge Manuel, pela motivação e por acreditar na minha capacidade de superar desafios.

Aos professores: Dra. Carla Monteiro, Dra. Deborah Freitas, Dr. Elder José, Dra. Cátia Wankler, Dr. Lourival Neto, Dr. Manuel Gomes, Dr. Roberto Mibielli pela socialização dos conhecimentos em sala de aula.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Roraima, pela oferta do curso. Agradeço também ao Eneo, secretário do PPGL, pela disponibilidade na elaboração de documentos.

À CAPES, através do programa Observatório da Educação Escolar Indígena sob a coordenação do prof^o. Dr. Elder José Lanes, pela disponibilização de bolsa a qual favoreceu muito a pesquisa de campo.

Aos colegas de sala que compartilharam de diferentes maneiras a minha trajetória no decorrer do curso e em alguns momentos vivenciados de angústias e perspectivas.

Aos amigos: Sílvia, que soube me escutar nos momentos mais difíceis confortando-me no decorrer do curso; Jairzinho, pelas sugestões no decorrer da pesquisa; Lúcia por demonstrar cuidados especiais para com a minha saúde; Adriana pelas palavras de segurança e enfim, por termos compartilhados experiências em diversas tardes.

A todas as Organizações Indígenas de Roraima, que permitiram a realização da minha pesquisa na área indígena, em especial aos tuxauas das comunidades: Enseada, Pedra Branca, Igarapé do Galo, Araçá da Serra, Placa, Contão e Canta Galo.

Aos Monaikó e Makuxi que me acolheram durante a pesquisa de campo em especial aos informantes, Alberto, Alzenir, Ambrósio, Antonia, Benedita, Bonifácio, Carmelita, Celestina, Celina, Dina, Gildo, Idália, José, Luís, Matilde, Madalena, Martina, Naíde, Neir, Secundina e Silvério. Agradeço a paciência de cada um durante as entrevistas e pela receptividade em suas residências.

Aos colegas da Divisão de Educação indígena, em particular ao professor Sobral que diversas vezes me orientou sobre a língua Makuxi, Ineide que compartilhou comigo seus conhecimentos; Maria Anunciação, Sebastiana e Jupira pela paciência em fornecer dados, Toni que sacrificou uns dias de suas férias para me acompanhar na pesquisa de campo ajudando-me a dirigir. Gelson, pela disponibilidade em ajudar correr atrás de alguns materiais necessários à pesquisa.

Aos colaboradores: Ariadna, Esmerina, Edmilson e Antonio que contribuíram na tradução de alguns termos Monaikó e a Genisvan pela ajuda na confecção de mapas e imagens.

Ao padre Ronaldo pela nossa amizade e por ter colaborado com significativas sugestões.

À minha ex-aluna, Dalila Marques, graduada em Letras, que mesmo em meio aos seus trabalhos na igreja, se dispôs a ajudar organizar este trabalho.

À minha mãe, meus irmãos, irmãs e cunhados que sempre acreditaram na minha capacidade motivando-me a nunca desistir dos meus propósitos.

Não tenho palavras para agradecer a João Sarmiento, meu esposo, que esteve comigo ao longo dessa caminhada, me acompanhando em algumas viagens com a maior paciência. Agradeço pelas vezes que ficou ao meu lado, até altas horas da madrugada, em silêncio, transmitindo energia positiva para que eu pudesse fluir na produção dos textos.

Aos meus três filhos, maior presente já recebido e a motivação de minha batalha, Giovana que incansavelmente se propôs a me assessorar nos equipamentos tecnológicos; Georgina, que muitas vezes se privou de seu lazer para organizar o meu material; Eduardo, que inúmeras vezes contribuiu nas pesquisas passando a limpo minhas transcrições. Sou grata principalmente pelo carinho recebido e pela colaboração, no sentido de abrir mão dos momentos prazerosos correspondentes à idade de cada um em prol da minha pesquisa.

E a todos aqueles que direto ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho, o meu muito obrigada.

RESUMO

A presente dissertação é um estudo descritivo sobre os Monaikó, identificando-os no conjunto da família Karíb. Foram registradas narrativas orais com informantes Monaikó cujo intuito foi de reconhecer se eles seriam um grupo ou subgrupo dos Makuxi. Por isso, que do ponto de vista etnográfico, as narrativas orais ajudaram tanto a revelar uma identidade própria como também uma variação linguística entre os falantes que se declaram Monaikó. Nessa perspectiva, com o objetivo de saber se existiria realmente uma língua Monaikó ou dialeto, recorreu-se aos vários conceitos referentes à língua, dialeto e variação linguística para subsidiar a análise dos dados. O corpus linguístico constituiu-se de dados da fonologia, da morfologia e morfossintaxe, além de uma lista de itens lexicais. Em termos metodológicos este trabalho selecionou sete comunidades onde vivem os Monaikó: Araçá da Serra, Placa, Contão, Canta Galo, Igarapé do Galo, Pedra Branca e Enseada, todas localizadas na Terra Indígena Raposa Serra do Sol entre os municípios de Pacaraima, Normandia e Uiramutã – Roraima, além de 21 informantes que contribuíram com a pesquisa. Dessa forma, constatou-se a existência do dialeto Monaikó, bem como sua população, ainda que de forma preliminar, pois os dados analisados não foram suficientes para comprovar a existência de uma língua. Ficou evidente também que, apesar de os Monaikó já estarem convivendo há muitos anos espalhados entre os Makuxi, eles trazem consigo o desejo de se autoafirmarem como diferentes desses últimos a fim de fortalecer suas identidades.

Palavras-chave: Monaikó. Narrativa. Variação linguística. Dialeto. Karíb.

ABSTRACT

This dissertation is a descriptive study on Monaikó, identifying them throughout the Carib family. We recorded oral narratives with Monaikó informants whose purpose was to recognize whether they would be a group or subgroup of Makuxi. For this reason, from the ethnographic point of view, the oral narratives helped so much to reveal their own identity but also a linguistic variation among speakers who declare themselves as Monaikó. From this perspective, aiming to know if there was really a language or dialect Monaikó, we appealed to the various concepts related to language, dialect and language variation to help analyze the data. The language corpus consisted of data from phonology, morphology and morphosyntax, and a list of lexical items. In methodological terms this study selected seven communities where Monaikó live: Araçá da Serra, Placa, Contão, Canta Galo, Igarapé do Galo, Pedra Branca and Enseada, all located in Raposa Serra do Sol Indigenous area between the cities of Pacaraima, Normandia and Uiramutã - Roraima, and 21 informants who contributed to the research. Thus, we confirmed the existence of Monaikó dialect as well as its population, albeit preliminary, because the data analyzed were not enough to prove the existence of a language. It also became evident that, although Monaikó are already living together for many years scattered among Makuxi, they bring with them the desire to assert themselves different from Maluxi in order to strengthen their identities.

Keywords: Monaikó. Narrative. Linguistic variation. Dialect. Carib.

LISTA DE FIGURA

Figura 1 - Alongamento de segmentos vocálicos	68
Figura 2 - Alongamento de segmentos vocálicos	69
Figura 3 - Tipo de sílaba CV. CVC.CV/kuto'ka/ 'algodão'	81
Figura 4 - Tipo de sílaba CVC.CV.CV /po'kome/ 'lenha'	81
Figura 5 - Tipo de sílaba CV.CVC.CV.CV.CV /karankarapo/ 'carvão'	81
Figura 6 – /iwarîka/ 'macaco'	82
Figura 7 – /warara/ 'tartaruga'	82
Figura 8 – /iwarîka/ 'macaco'	83
Figura 9 – /warara/ 'tartaruga'	83

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Resultados das opiniões sobre os termos Monaikó ou Monoikó	25
Gráfico 2 - Número de Monaikó por município	34

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Número de Monaikó por comunidade.....	33
Quadro 2 - Caracterização dos informantes.....	54
Quadro 3 - Variação linguística.....	61
Quadro 4 - Fonemas e alofones vocálicos do Makuxi.....	65
Quadro 5 - Fonemas e alofones consonantais do Monaikó	71
Quadro 6 - Les consonnes makuxis.....	72
Quadro 7 - Distribuição dos pronomes pessoais	90
Quadro 8 - Marcas de posse.....	96

LISTA DE SIGLAS

CIR - Conselho Indígena de Roraima

CIDR - Centro de Informações Diocese de Roraima

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

FUNASA - Fundação Nacional da Saúde

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SODIUR - Sociedade da Organização dos Índios Unidos de Roraima

TIRSS - Terra Indígena Raposa Serra do Sol

UFRR - Universidade Federal de Roraima

LISTA DE ABREVIATURAS

ADJ	adjetivo
ADV	advérbio
AUX	auxiliar
ERG	ergativo, ergatividade
MARC. fem.	marcador feminino
NEG	negação
NLZ	nominalizador
O	objeto
PAS	passado
PD	pronome demonstrativo
PN	pronome
PL	plural
POS	posse
POSP	posposição
PRES	presente
PREF	prefixo
SN	sintagma nominal
SV	sintagma verbal
SUF	sufixo
SUJ	sujeito
VERZ	verbalizador
V	vogal ou verbo
1p	primeira pessoa
2p	segunda pessoa
3p	terceira pessoa
1pl	primeira pessoa plural
2pl	segunda pessoa plural
1 + 2	primeira + segunda pessoa
3pl	terceira pessoa plural
1pos	primeira pessoa/posse
2pos	segunda pessoa posse
3pos	terceira pessoa posse

LISTA DE SÍMBOLOS

- [] colchete, segmento fonético
- / / barra, segmento fonológico
- ~ flutuação, variação
- : segmento alongado
- > deriva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I – OS MONAIKÓ.....	19
1.1 O contexto indígena no cenário de Roraima.....	19
1.2 Monoikó ou Monaikó: a pragmática do etnônimo.....	20
1.2.1 De onde vieram os Monaikó.....	26
1.2.2 Monaikó em histórias e mitos.....	27
1.2.3 Os Monaikó e suas trilhas.....	30
1.2.4 Localização dos Monaikó.....	32
1.3 Os parentes Monaikó em suas comunidades.....	35
1.3.1 Araçá da Serra e suas mesclas intergrupais.....	36
1.3.2 Placa: um lugar de passagem.....	37
1.3.3 Contão: a comunidade de referência.....	39
1.3.4 Canta Galo em seus imaginários.....	41
1.3.5 Igarapé do Galo e seu canto.....	43
1.3.6 Pedra Branca a partir do contato.....	44
1.4 Os Monaikó e o ressurgir do silêncio.....	47
CAPÍTULO II – ASPECTOS METODOLÓGICOS E TEÓRICOS.....	49
2.1 Introdução.....	49
2.2 Uma abordagem metodológica.....	49
2.2.1 Os caminhos percorridos.....	51
2.2.2 Seleção dos informantes.....	52
2.2.3 As variantes.....	53
2.3 Contextualizando os caminhos da linguagem.....	55
2.3.1 Monaikó: língua ou dialeto.....	59
CAPÍTULO III – FONOLOGIA MONAIKÓ.....	63
3.1 Dois momentos: fonético e fonológico.....	63
3.1.1 Segmentos vocálicos.....	64
3.1.2 As vogais do Monaikó.....	65
3.1.3 Contraste fonêmico: as vogais.....	69
3.2 Consoantes.....	71
3.2.1 Os fonemas consonantais.....	72
3.2.2 Fonemas consonantais em oposição.....	77
3.3 Sílabas.....	78
3.3.1 Estrutura silábica.....	79
3.3.1.1 A estrutura das sílabas fonéticas.....	80
3.3.2 Regras de acentuação.....	81
3.4 Processos fonológicos.....	83
3.4.1 Harmonia vocálica.....	84
3.4.2 Redução silábica.....	84
3.4.3 Metátese.....	85
CAPÍTULO IV – DA MORFOLOGIA À MORFOSSINTAXE.....	87
4.1 Introdução.....	87
4.2 Morfologia: a partir da forma, função e significado.....	87

4.2.1 Definição de morfema	88
4.2.2 Nomes em Monaikó.....	89
4.2.3 Prefixos e sufixos	90
4.3 Pronomes Livres.....	94
4.3.1 Pronomes Pessoais forma livre	94
4.3.2 Pronomes Possessivos	95
4.3.3 Pronomes demonstrativos	97
4.4 Verbos.....	97
4.4.1 Nominalizador e verbalizador	98
4.4.2 Verbos intransitivos e ordem sintática.....	99
4.4.3 Verbos transitivos e ordem sintática.....	100
4.5 Posposição	101
4.6 Adjetivos.....	102
4.7 Advérbio	103
4.7.1 Tempo	104
4.7.2 Lugar.....	105
4.7.3 Intensidade	105
4.7.4 Advérbios de Afirmação.....	106
4.7.5 Negação.....	106
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110
ANEXOS	115
ANEXO 1 - Localização da Terra Indígena Raposa Serra do Sol.....	116
ANEXO 2 - Localização das comunidades em estudos na TIRSS.....	117
ANEXO 3 A - Termo de consentimento e esclarecimento	118
Anexo 3 B - Autorização para entrevista gravada em áudio e uso de imagens.....	120
ANEXO 4 - Inventário lexical do Monaikó - Português.....	121
ANEXO 5 – Imagens	125

INTRODUÇÃO

A partir da metade dos anos 80, período em que as organizações indígenas discutiam propostas para a Constituição Federal de 1988, comecei a minha trajetória como participante ativa nessas organizações, de forma mais decisiva e consciente em relação a minha própria identidade étnica. Desde então, tenho participado de diferentes trabalhos junto aos grupos indígenas, acompanhando diversas discussões e o processo de elaboração de propostas sobre questões pertinentes à língua, identidade e cultura dos grupos indígenas em Roraima.

Nesse sentido, o meu ingresso na pós-graduação, pela Universidade Federal de Roraima, foi motivado pelas minhas inquietações a respeito das línguas indígenas remanescentes no estado de Roraima, em especial dos Monaikó considerados um grupo minoritário em relação aos Makuxi, família Karíb¹. O interesse em compreender a dinâmica de línguas indígenas também foi um dos motivos que propiciou a busca do entendimento do processo referente a essa dinâmica de modificação no decorrer dos tempos. Por isso, a motivação para a escolha do tema perpassou pelas minhas indagações quanto ao processo linguístico dos Monaikó.

O fato de ser indígena e ter acompanhado toda trajetória dos grupos indígenas em Roraima no decorrer de várias décadas e ter observado as transformações socioculturais da vida desses grupos, faz-me tentar compreender, a partir da concepção de alguns teóricos, como de fato se processam as modificações, mais precisamente no que se refere à língua dos grupos indígenas não só em nível de Roraima, mas de todo Brasil.

O Brasil é reconhecido como um país que possui grande diversidade cultural e linguística, principalmente no que diz respeito aos grupos indígenas. Reporto-me às pesquisas de Rodrigues (1986) que têm contribuído com trabalhos referentes às línguas indígenas, considerando-as relevantes para as discussões linguísticas em geral.

Este trabalho, por sua vez, se vincula às pesquisas envolvendo línguas indígenas e tem por objetivo responder a seguinte pergunta: existe de fato uma

¹ Utilizo o termo “karíb” pelo fato de já está presente na literatura citado por alguns autores, mais precisamente nas pesquisas de Gildea (1998), que analisou as línguas Karíb, inclusive Makuxi, a partir de uma perspectiva descritivo-comparativa.

língua Monaikó? Ou se trata apenas de um dialeto? Se dialeto, de que língua? Ou se trata de variação da fala de certa língua como o Makuxi? Por que os próprios Monaikó dizem que falam diferente dos Makuxi? E os próprios Makuxi dizem o mesmo?

Em Roraima, poucos foram os trabalhos que contemplaram as línguas indígenas, ainda mais aquelas que correm riscos de desaparecimento, por exemplo, os Saporá, os Atoraiu, Monaikó e Patamona. Nesse sentido, a realidade linguística dos Monaikó não foge à regra, pois, hoje eles são uma minoria frente aos Makuxi. Pois, as informações que dizem respeito aos Monaikó aparecem na literatura se referindo apenas aos dados etnográficos, já quanto aos dados linguísticos não há nenhum registro, sendo esse o primeiro.

No entanto, é pertinente apresentar os recentes trabalhos envolvendo línguas indígenas desenvolvidos por Cruz (2005), que aborda a fonologia e gramática Ingarikó dentro de uma perspectiva de identificação dessa língua, assim como as respectivas pesquisas Sociolinguística e Linguística Aplicada de Macdonell (2003) e Freitas (2003) entre os Makuxi, além do trabalho de Santos (2006), que analisa as construções possessivas da língua Wapichana.

Nessas pesquisas vários aspectos são abordados, tendo sido estas pesquisas relevantes para o estudo em foco, além do trabalho clássico de Abbott (1991) e Amodio e Pira (1983), sobre os Makuxi. Ainda de acordo com a justificativa da importância de registros linguísticos de um grupo, Cruz (2004) afirma que o registro de um dialeto Karíb, desprovido de estudos linguísticos prévios, é altamente relevante para as diferentes comunidades, acadêmica e social.

Por isso, Cruz tentou em 2004 fazer um levantamento prévio sobre os Monaikó na comunidade do Contão, entretanto, não foi possível apresentar dados linguísticos. Portanto, subsidiar os Monaikó quanto à sua visibilidade histórica e linguística pode ser uma oportunidade estimulante para que eles revelem peculiaridades dantes nunca registradas.

Sob essa perspectiva, estudar as línguas indígenas torna-se também relevante quando se busca motivações que subsidiam o fortalecimento da identidade desses grupos, haja vista a existência de uma “preocupação com o caráter minoritário dessas línguas, que as torna vulneráveis frente à língua oficial portuguesa” (D’ANGELIS, 2005 p. 23). Dessa forma, o presente estudo contribui

para a visibilidade e valorização desse dialeto, pois o seu registro e o conhecimento junto a outros grupos evidenciam uma maior probabilidade de não ser esquecido.

Mediante essas observações foram inseridos também estudos de diversos pesquisadores, entre eles os do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que buscam mapear línguas indígenas, por exemplo, que estão sob ameaça de desaparecimento pela falta de registro.

As comunidades selecionadas para a pesquisa estão todas localizadas na Terra Indígena Raposa Serra do Sol (TIRSS),² entre os três municípios: Pacaraima, Normandia e Uiramutã (Ver Anexo 1, localização da TIRSS). Esta seleção se deu a partir das indicações dos próprios informantes e estas são: Araçá da Serra, Placa, Contão, Canta Galo, Igarapé do Galo, Pedra Branca e Enseada, todas localizadas na TIRSS (Ver anexo 2, localização das comunidades na TIRSS).

Do ponto de vista organizativo, essa pesquisa está dividida em quatro capítulos, além dessa introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo aborda a questão etnográfica dos Monaikó passando pela origem do termo Monaikó, de suas histórias e mitos, todos carregados de significados, a origem das pessoas ligadas a esse grupo. Também está inserida nessa abordagem, a localização de todas as comunidades envolvidas na pesquisa e a localização dos Monaikó em diversas comunidades, algumas fora da TIRSS. Na sequência, no segundo capítulo são abordadas questões sobre os aspectos metodológicos e teóricos pertinentes à pesquisa. O terceiro capítulo apresenta a constituição linguística do dialeto Monaikó, os processos fonéticos e fonológicos analisados, buscando-se, assim, reconhecer os sons produzidos em Monaikó, bem como identificar como e onde são articulados. Já no quarto capítulo, a ênfase maior está sobre a morfossintaxe, associando alguns traços da sintaxe do Monaikó. Assim, serão apresentados, neste último capítulo, alguns aspectos das classes de palavras e suas respectivas funções: nome, pronome, verbo, adjetivos e advérbios.

² Trata-se de uma “área contínua”, com 1.747.464 hectares que se estende das fronteiras com a Guiana e a Venezuela (leste e norte) aos limites com a Terra Indígena São Marcos (oeste) e o Rio Tacutú (sul). Foi homologada pelo Presidente da República em abril de 2005, através da Portaria 534. Ali vivem cerca de 17.000 índios das etnias Ingarikó, Patamona, Makuxi, Taurepang e Wapichana (COSTA, 2009).

CAPÍTULO I – OS MONAIKÓ

1.1 O contexto indígena no cenário de Roraima

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, o Território Federal de Roraima deixa de existir e cria-se um novo Estado, com uma área física total de 224.301,040 km². Este está localizado na região Norte do Brasil fazendo fronteira geográfica e política com os países Venezuela, República Cooperativa da Guiana e ainda, com os estados do Amazonas e Pará. Roraima é dividido em 15 municípios distribuídos em duas mesorregiões: Norte e Sul de Roraima; e quatro microrregiões: Boa Vista, Caracaraí, Nordeste de Roraima e Sudeste de Roraima (IBGE, 2010).

Em todos os municípios que formam o estado de Roraima existem povos indígenas, que aqui já viviam quando os primeiros europeus chegaram (CIDR, 1989). Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, conforme o censo demográfico 2010, hoje, a população de Roraima é de 450.479 habitantes. Dessa população, 11,02% são indígenas, ou seja, 49.637 pessoas de diferentes grupos oriundos de três troncos linguísticos: Karíb (Makuxi, Wai Wai, Taurepang, Ingarikó, Patamona, Y'ekuana, Waimiri-Atroari); Aruak (Wapichana, Atoraiu) e Yanomami (Yanomam, Sanumá, Yanomamö e Yanan ou Ninan), considerada como família linguística isolada. Lembrando que cada língua pode possuir vários dialetos.

Na zona urbana de Boa Vista há um total de 6.072³ indígenas vivendo em diversos bairros da cidade. Os demais indígenas estão situados, tanto na zona urbana, quanto na zona rural dos municípios. Os que vivem na zona rural, isto é, em território juridicamente reservado ao uso exclusivo desses povos, conforme determina o artigo 231 da Constituição Federal de 1988, estão distribuídos em 478 comunidades⁴ ligadas às diferentes organizações indígenas existentes no estado de Roraima (FUNAI, 2010).

De um modo geral, a organização política, social, econômica e cultural dessas comunidades gira em torno do núcleo familiar, onde a maioria das pessoas são

³ Esses dados se referem às pessoas que se declararam indígenas no Censo 2010. É possível que haja muito mais indígenas morando na cidade de Boa Vista.

⁴ Apesar dos termos *aldeia* e *maloca* estarem presentes na literatura, optei pelo uso da palavra *comunidade*, por estar vigente entre os indígenas.

parentes⁵ entre si. Politicamente, as comunidades são representadas por lideranças como: primeiro tuxaua, que tem a responsabilidade de acompanhar todo processo voltado às reivindicações da comunidade junto às instituições públicas, e ainda, de participar de reuniões e assembleias que são realizadas em nível regional, estadual, nacional e até internacional.

Cabe ao segundo tuxaua, assessorar o primeiro tuxaua, bem como representá-lo no decorrer de sua ausência respondendo por todas as questões que dizem respeito à comunidade. Quanto à organização dos trabalhos internos da comunidade, esta é destinada ao capataz que, a partir de um planejamento, convida as pessoas para a execução dos trabalhos através de mutirão, seja na preparação de roças, na construção de cercas, casas ou limpeza da própria comunidade.

Há outros cargos que também são incluídos na categoria lideranças, tais como: professor, agente de saúde, catequista, pastor e vaqueiro. Porém, se for detectado que certas lideranças, no decorrer de seus trabalhos, tenham demonstrado um comportamento que não corresponde aos anseios da comunidade, deixando de cumprir com suas responsabilidades, elas são substituídas por novos representantes selecionados em reuniões comunitárias que ocorrem mensalmente.

Os Monaikó, por vários motivos, entre os quais estão os casamentos vivem ao longo de muitos anos, espalhados entre os Makuxi e, conseqüentemente, não têm uma organização social própria, isto é, não há um grupo à parte, estes se adequaram às determinações do grupo majoritário, os Makuxi.

É importante observar que, apesar dos Monaikó estarem partilhando das mesmas questões inerentes à vida política, social e linguística dos Makuxi há bastante tempo, eles próprios, se identificam e reconhecem que existem diferenças linguísticas entre os dois grupos.

1.2 Monoikó ou Monaikó: a pragmática do etnônimo

Os termos Monoikó, Mo'noikó ou Mo'öiko aparecem na literatura no início do século XX, nos estudos realizados por Koch-Grünberg entre os anos de 1911 a 1913. Esse autor respalda muitas de suas informações com base em pesquisa *in*

⁵ O termo "parente" é pragmaticamente usado por todos os grupos locais e inclui parentes consanguíneos ou não.

loco, mas também a partir dos irmãos Schomburgk (1836, apud COSTA e SOUZA, 2005) que estenderam suas observações até o alto rio Essequibo, regiões do Mau, Surumu, Unamara, Tacutu. Acredita-se também que estes tenham visitado toda região norte e nordeste de Roraima, onde permaneceram por um período no interior do território Makuxi.

Para Grupioni (2002), a nomeação de muitos povos indígenas foi dada por aqueles que realizaram os primeiros contatos, ou por grupos indígenas vizinhos. Nesse contexto, nem todos os nomes correspondem à autoidentificação desses povos, e ainda, nem todos os povos se reconhecem nos nomes que lhes foram atribuídos.

Tomando por base essas observações, pressupõe-se que também os termos Makuxi e Monoikó, como citados na literatura, tenham sido empregados por outros grupos, no decorrer do processo de afastamento das Ilhas Karíb de onde são imigrantes. Estes alcançaram as áreas ao norte do Rio Branco até a região do Rupununi, na Guiana, na metade do século XVI (COSTA e SOUZA, 2005, p. 45).

Segundo Santilli (2001, p. 19), o termo Macuxi aparece nas fontes historiográficas referentes à região Circum-Roraima desde meados do século XVIII, com o início da ocupação holandesa e portuguesa na área. Muito embora, *Makuusi* seja de origem e significado desconhecidos, as pessoas pertencentes a esse grupo se autodenominam por *Pemonkon*, isto é, 'eu sou gente'. Porém, por questões históricas, este termo não é empregado, denominam-se Makuxi (CIDR, 1989).

Em relação à denominação Monoikó, já existente na literatura, aqui serão trabalhadas as duas vertentes: Monoikó e Monaikó, levando em consideração as narrativas orais, que nesse contexto serão compreendidas a partir das colocações de Bruner (1991), ao afirmar que:

A narrativa é uma forma convencional, transmitida culturalmente e limitada pelo nível de domínio de cada indivíduo e por seu conglomerado de dispositivos protéticos, colegas e mentores. Ao contrário das construções geradas por procedimentos lógicos e científicos, que podem ser eliminados por falsificação, construções narrativas só podem alcançar a "verossimilhança". Narrativas, então, são uma versão da realidade, cuja aceitação é governada por convenções e "necessidade narrativa" em vez de verificação empírica e lógica, embora ironicamente não temos nenhum receio em chamar histórias verdadeiras ou falsas (BRUNER, 1991, p. 4, tradução minha).

Também, na perspectiva de Souza e Maravilha (2010), a narrativa oral está relacionada a uma representação da vida e do mundo em que o narrador está inserido. Este busca representar-se como ser coerente no tempo e no espaço.

Nos depoimentos dos informantes pode ser observada a existência de várias denominações expressando os dois termos, Monoikó e Monaikó cujos significados são pertinentes à história desse subgrupo. Daí a perspectiva do que se entende por etnônimo ser pertinente ao contexto, pois, segundo Fenton (2003) etnônimo está relacionado ao étnico e estabelece que:

A ligação primária das pessoas é com outros que são considerados como sendo da mesma “raça”, que são aparentados, que falam a mesma língua ou cujo sentido de passado e futuro coletivo se baseia na experiência baseada de uma região, da mesma religião ou numa comunidade de cultura e costumes [...] estas são comunidades reais e imediatas em relação às quais as pessoas sentem uma pertença (FENTON, 2003 p. 101).

Segundo Sobral André,⁶ do grupo Makuxi, atualmente morando na cidade de Boa Vista, que conviveu por muitos anos entre os Monoikó/Monaikó, na região⁷ do Contão *mo* significa “minhoca”⁸ na língua Makuxi. Esse termo também foi confirmado por informantes que se autodenominam Monaikó/Monoikó. E quanto ao termo *nai* significa “capinar”, já o sufixo *ko* tem por explicação “origem de”. Pode-se compreender o seguinte: “alguém que trabalha, capina na terra de minhoca”, ou seja, “capinar onde há minhoca”.

A denominação Monaikó também foi relatada pela senhora Antonia, que nasceu na comunidade Contão e se reconhece filha de Monaikó. Seu relato corresponde às informações dadas por Sobral. Isto é, capinar ou trabalhar onde há minhocas. Hoje dona Antonia é moradora da Comunidade Pedra Branca, região das Serras, - TIRSS.

⁶ Professor indígena do grupo Makuxi, atualmente coordena o curso de formação para professores de língua indígena.

⁷ Território mais amplo, além da comunidade.

⁸ Designação geral dos animais anelídeos, oligoquetos, sobretudo das formas terrestres. São em certos países usadas comercialmente para a pesca amadorística. Constituem, por outro lado, substancial parcela na alimentação de certas aves, anfíbios, peixes e outros invertebrados e é utilizada, ainda, como adubo (FERREIRA, 2003).

Segundo Alzenir da Silva, Makuxi, morador da Comunidade Teso do Gavião, as informações que ele tem sobre a origem do nome Monaikó foram repassadas por sua avó, Makuxi, pertencente ao subgrupo Iriang. Esta disse que o termo “Monoikó” está relacionado a tudo que é “gêmeo, dois a dois e bem juntinho”, como uma “banana gêmea”.

É pertinente também apresentar o conceito de Monóico de acordo com o dicionário ¹[De *mon(o)-* + *-óico*¹.] Adjetivo. 1. Bot. Que apresenta monécia; monécico: *árvore monóica*. O que é uma monécia? Monécia (cí) [De *mon(o)-* + *-ecia*.] Substantivo feminino. 1. Bot. Ocorrência de flores femininas e masculinas no mesmo indivíduo, sendo, pois, as flores unissexuais, embora as plantas sejam andróginas, como no milho (FERREIRA, 2003).

Nesse sentido, diz-se que a língua Monoikó (termo expresso por Alzenir) é gêmea da língua Makuxi, por serem muito parecidas, próximas. No entanto, na língua Makuxi, gêmeos se fala *monai* que de fato corresponde com as explicações de Alzenir. É provável que haja em ambos os termos, apenas uma variação em relação à pronúncia expressa pelos falantes, já que o entendimento é inteligível entre todos.

Outra denominação a respeito do nome Monaikó foi relatada pelo senhor José Ribeiro, que também se identificou como um Monaikó, nascido e criado no Contão, hoje reside na comunidade Mudubim, localizada na Região das Serras, TIRSS. Este disse que o referido nome está associado a um grupo que tinha como alimento principal a minhoca.

Segundo Ribeiro, a história dos Monaikó foi contada a ele por sua mãe, que se dizia Monaikó. Ela contava que ouvia de seus pais a história de que esse povo vivia catando minhocas em lugares baixos e úmidos, em período chuvoso, por isso, essas pessoas foram identificadas por Monaikó, isto é, “gente que come minhoca”. O senhor José confirmou ainda que, não se trata de qualquer tipo de minhoca, mas uma espécie aparentemente gorda, e bem maior que as minhocas conhecidas tradicionalmente.

O nome Monaikó e não Monoikó, também foi confirmado pelo senhor Ambrósio morador da comunidade Contão, que segundo ele, o nome estava relacionado aos moradores do outro lado do rio, informação que corresponde com as observações de Koch-Grünberg (apud SANTILLI, 2001, p. 23). Apontados como

subgrupo Makuxi, “os Mo’noikó ocupavam as serras a leste do baixo cotingo”. Ambrósio disse que ouvia de seu pai as seguintes colocações:

[ta, tɔ' ða] [mɪ, rɪ' rɪ] [ɛ, raʔ, dɔi' kɔ] [ta, tɔ' ða] ‘que mora do outro lado, chamava monaikó, ‘pessoal que morava do outro lado’. [monaikó] [ta, dɔ' ða] [ɛ, raʔ, dɔi' kɔ ða' mā] [i, ka, mɔ' rɔ] [ɛ, radɔi, pō' gō] ‘eles chamam Monaikó (AMBROSIO, entrevista concedida no dia 02/04/2011).

Ao entrar em contato com o Senhor Silvério de 98 anos de idade, Makuxi da região de Surumu, indaguei sobre a origem do nome Monaikó ou Monoikó. Este, apesar de ter sido tuxaua por mais de 25 anos, atuando na comunidade do Barro, disse não saber de onde vem esse nome, mas afirmou que essa gente participava das reuniões organizadas por ele e era conhecida por Monaikó e não Monoikó.

De acordo com o senhor Luís Henrique, morador da comunidade Igarapé do Galo - TIRSS, que se declara Monaikó, há outra versão sobre a origem desse nome. Este, quando criança ouviu de seu pai e dos mais velhos a história de como surgiu o nome Monaikó:

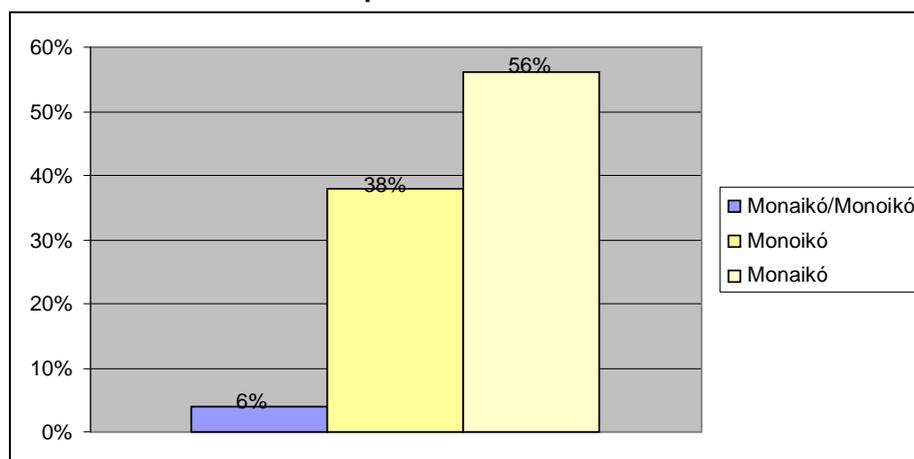
Aí, ele me contava assim: esse Monaikó prá saiu como hoje né? Num falou local, mas que se encontrava o parente hoje, como gente se encontrava no reuniões, né? Daí diz que juntaram, quando chegaram no reunião deles, reunião antigo né? Chegava no reunião aí falava: Como nós vamo ficar? O que nós somos mesmo? Quem é todo somos? Aí procura o que é se vai ser Ingarikó, Wapichana. Aí disque, nós somos daqui. Não é do outro mundo. Nós somos povo daqui dessa terra daqui. Aí procuraram um meio... procuraram até que disseram: não, vamo falar assim: nós somo daqui do região, nessa terra aqui onde nós tamo, nós reunidos aqui, então, se fala assim: nós somo Monaikó que é Makuxi né? Monaikó, Monaikó, [Monaikó'pe, u, ru, kō' zi...] Aí os outros confirmaram dizendo que nós somos daqui mesmo né? Aí ficou aqueles grupos que tavam no reunião se ajuntaram ficou como Monaikó hoje né? Aqueles grupos que tavam lá. Então de lá que vem se espalhando já daquele povo, né? Aí vem, se espalharam até aqui, né? Então, os Monaikó vão subindo, vão chegando, aí foram situando lugar, aí onde já nasceram aqueles velhos, até ficou os filhos dos velhos, aí é filhos daqueles Monaikó que vieram de lá prá cá todinho, então hoje, se chama Monaikó. Então até hoje, não saiu da minha cabeça o que finado meu pai me contava, nós todos do Contão. História que peguei do meu pai já vem de muito tempo. Então, eu sou filho do Monaikó (HENRIQUE, entrevista concedida em 15/04/2011).

Os dados concernentes aos termos Monoikó e Monaikó revelam significados que convergem para as mesmas informações, já citadas anteriormente. As pessoas com as quais conversei, quando foram perguntadas sobre quais das duas denominações eram atribuídas ao grupo em estudo, observou-se o seguinte resultado:

1. Apenas uma respondeu que os dois termos podem ser utilizados sem que haja qualquer interferência na sua compreensão.
2. Seis disseram que o termo é Monoikó, mas quando foi perguntado a elas qual era o significado dessa palavra, vieram à tona os mesmos significados já citados, ou seja, tudo estava relacionado à minhoca, anzol e gêmeos.
3. Nove disseram que o verdadeiro nome é Monaikó. E este se refere a vários significados: pessoas que vivem do outro lado do rio; pessoas que se alimentavam de minhoca; pessoas que foram pescadas com anzol e isca de minhoca; pessoas que trabalham, capinam na terra na qual há minhocas; pessoas que foram tiradas do poço para o outro lado, isto é, para o seco e ainda, tudo que se refere a pares, dois, juntos, ou seja, gêmeos.

No gráfico a seguir, pode-se observar os resultados das dezesseis pessoas entrevistadas acerca do nome Monaikó ou Monoikó.

Gráfico 1 - Resultados das opiniões sobre os termos Monaikó ou Monoikó



Fonte: Elaborado pela autora, 2011

Levando em consideração os depoimentos dos informantes acerca dos termos Monoikó e Monaikó, cheguei à conclusão de que não se pode afirmar que o termo correto seja Monoikó ou Monaikó, pois os resultados das explicações

compartilham dos mesmos significados, ou seja, tanto Monaikó como Monoikó representam o mesmo subgrupo dos Makuxi apontado por Koch-Grünberg já citado anteriormente.

Conforme se pode observar, Monoikó ou Monaikó é um termo carregado de simbologia e metáforas, podendo qualquer uma dessas denominações ser considerada como legítima. Vale ressaltar que os Monaikó, como outros grupos indígenas também trazem consigo um conjunto de saberes relacionados ao contexto em que vivem. Essa realidade complexa se apropria de elementos simbólicos para ser explicitada.

A partir dessa perspectiva é relevante considerar o conceito de metáfora à luz dos autores Lakoff e Johnson (1980). Estes abalizam o pensamento de que a metáfora não é simplesmente palavra. Ao contrário, o pensamento humano é fortemente metafórico. As expressões linguísticas existem porque há metáforas no nosso sistema conceitual. Ainda conforme esses autores, a metáfora é uma maneira de expandir os significados de palavras além do literal ao abstrato, portanto, é uma maneira de expressar o pensamento abstrato em termos simbólicos.

Após analisar todo o contexto referente aos termos em foco, ou seja, Monoikó/Monaikó optei pelo termo Monaikó a ser empregado no decorrer desse trabalho por algumas razões: primeiro, pelo fato de ter o maior número de informantes que pronunciaram Monaikó e segundo porque os informantes que assumem essa denominação são pessoas com idades que variam entre 47 a 98 anos⁹.

1.2.1 De onde vieram os Monaikó

Um conhecimento mais profundo acerca da origem de determinados grupos, mais precisamente os grupos indígenas e, dentre estes os Monaikó, permite-me mergulhar no mundo mitológico e refletir sobre as concepções carregadas de significados vivenciados por esses grupos.

De acordo com Lopes da Silva (1994), as narrativas míticas estão intimamente relacionadas com as concepções cosmológicas de cada povo em

⁹ Lembro que, a partir de agora, se no decorrer do texto surgir Monoikó é porque se trata da variação dada pelo informante.

particular, e como tais concepções expressam a ordem do mundo, a hierarquia entre os seres e suas relações com outras dimensões do universo:

Cosmologias são teorias do mundo. Da ordem do mundo, do movimento no mundo, no espaço e no tempo, no qual a humanidade é apenas um dos muitos personagens em cena. Definem o lugar que ela ocupa no cenário total e expressam concepções que revelam a interdependência permanente e a reciprocidade constante nas trocas de energias e forças vitais, de conhecimentos, habilidades que dão aos personagens a fonte de sua renovação, perpetuação e criatividade. Na vivência cotidiana, nas aldeias indígenas, essas concepções orientam, dão sentido, permitem interpretar acontecimentos e ponderar decisões (LOPES DA SILVA, 1994, p. 329).

Ainda conforme os estudos de Lopes da Silva (1994), a visão de mundo de um povo configura-se num conjunto de crenças e conhecimentos, que envolve elementos sobrenaturais, os quais permitem interpretar acontecimentos ligados à vida cotidiana desses povos.

Os estudos aqui mencionados apontam caminhos para se compreender melhor as narrativas orais obtidas junto aos informantes selecionados no decorrer da minha pesquisa de campo. Nessa perspectiva, as informações a respeito da origem dos Monaikó são analisadas também sob o ponto de vista mitológico.

1.2.2 Monaikó em histórias e mitos

A origem dos Monaikó, conforme o senhor Bonifácio de 63 anos do grupo Wapichana, ou como ele mesmo afirma: Karapiwa¹⁰, morador da comunidade Araçá da Serra – TIRSS está intimamente ligada à história que vem sendo contada dos mais velhos para os mais novos, dos mais novos para os dias atuais, embora de forma muito tímida, pois, quase já não se comenta entre as crianças e jovens da comunidade essa história.

O senhor Bonifácio conta que, ainda hoje, existe um determinado lago situado em cima da serra, na mesma região da comunidade Araçá, chamado “poço de gente.” As pessoas ouviam barulho vindo desse lago, como se fosse peixe batendo

¹⁰ É um termo resultante da relação de casamentos entre indivíduos dos diferentes grupos Karíb e Wapichana.

a água, se a pessoa estivesse sozinha e fosse até lá, não retornava mais para casa, desaparecia misteriosamente, como relata Bonifácio:

Aí uma vez que tem lá esse poço de gente que chama lá, é... meu pai contava do jeito que é. Sempre eles iam pescar, os outros e sumia nesse poço... Até que um dia ficaram desconfiados, aí disse: vamo lá quem sabe ta sumino lá, porque já sabia que foi lá nesse lago tinha alguma coisa lá nesse lago. Vamo lá levar anzol aí pra pescaria, como vamo lá. Lá no fundo, ai foram pescar, aí viram gentizada lá, aí jogaram linha com isca assim pra pegar peixe, aí eles são como peixe eles comem, aí fisgaram na boca dele. Aí pegaram ele puxaram ele, não podia mais soltar tava bem fisgado mesmo. Fizeram força puxando linha grossa, até que botaram na terra, aí fizeram serviço dele, tiraram esse anzol, aí viram que era gente. Aí um queria matar, um disse quem sabe pra ele consegue ficar manso pra não pegar mais os outros. Um pensou quem sabe vamo, quem sabe amansar ele pra aconselhar os outros pra não matar mais gente. Aí fizeram serviço, cortaram¹¹ aqui, trataram ele levaram pra casa, ficaram com ele prenderam ele pra ele não fugir. Passou tempo assim marrado, até que um dia ele falou, como gente não sei se era Makuxi, não sei como falaram com eles, ele falou como gente já. Aí conversaram pra tu ficar com nós nosso parente. Até que ele mansou. Agradou com uma menina daqui já, aí casou. Esse avô desse Moises, avô deles foi pegado lá de anzol, nesse poço, lá tem muito lá nesse poço, ninguém cai lá não... bicho come! Avô deles era Moisés é gente d'água (BONIFÁCIO, entrevista concedida no dia 23/03/2011).

Na verdade, o homem pescado aprendeu a falar, mas era uma fala muito diferente das pessoas que o pescaram. Mesmo assim havia comunicação entre eles. Então, deram-lhe uma mulher para formar família e foi a partir desse homem, que se originaram os Monoikó, ou Monaikó, também conhecidos como “povo d’água.” Pelo que se percebe na narração do senhor Bonifácio há outras pessoas no lago, pois até hoje, ninguém cai nesse lago para pescar, pois há presença de algo misterioso.

Outra história foi contada pelo senhor Ambrósio, de 88 anos, que se diz Makuxi, morador da comunidade Contão. Este narrou que, na verdade, a pessoa pescada foi uma criança “kurumin”:

Pegaram um... nun é peixe não, pegaram um kurimizin dentro da água é... jogaram linha, aí esse menino tava lá... eu tô vendo um menino aqui quando gente solta aqui, ele anda por aí.. tá mexendo, assim, então, esse encontrou esse anzol com isca, então tá pegando aí, tá dentro da água, tá mexendo,

¹¹ O homem pescado tinha as mãos e os pés colados ao corpo e possivelmente funcionavam como nadadeiras. As pessoas que o pescaram através de alguns cortes separaram as mãos e os pés do corpo, para que ele pudesse andar com mais firmeza.

então esse dono do linha, arrastou aí, era um menino. Aí, levaram, esse menino... levaram esse menino. Aí tão criando. Aí ele ia pra com mãe dele, aí trazia muncado de peixe... trazia muncado de peixe... quando ele vai sozinho, parece que davam pra ele aí. Quando tava ficando grande, aí despediu do mãe. Eu vou voltar... pra onde? Eu vou lá com mamaizada, tem mãe, tem pai aí. Tu vai mermo? Eu vou.. bora espiar eu cair, ele convidou, aí foram com ele, foram ver aqui. Eu vou cair quando eu vou demorar pouco por aqui dentro da água, vocês vão ver parecer muito gente aqui no meio do rio, se parecer pode ir embora, eu não vou mais parecer aí não, porque vou junto com ele, que ele falou ante de ele cair, ante de ele cair, falou assim. Aí chegaram na beira do rio aí dispidiu de novo, aí, já vou. Vou cair agora, quando parecer muito gente, pode ir embora vou. Sumiu, caiu no rio. Demorou, demorou, pareceram gente lá no meio, pareceram, aí afundaram, como ele falou aí voltaram (AMBROSIO, entrevista concedida no dia 01/04/2011).

Quanto à versão do senhor Alberto, da comunidade Araçá da Serra, esta difere da história contada pelo senhor Ambrósio, no que se refere ao futuro da criança pescada. A versão do senhor Ambrósio apresenta uma criança que fica na terra com os pais que a criaram, até se tornar rapaz quando, então, retorna para junto de seus parentes na água.

Já na versão do senhor Alberto, a criança que foi pescada e criada por uma família, quando se tornou um homem, casou e teve filhos, mas não retornou para água e seus descendentes são identificados como Monaikó.

No decorrer dessa narrativa, observei que pelo fato de ser pastor da igreja Batista, o senhor Alberto, mesmo confirmando ter ouvido dos antigos essa história, disse que a origem dos Monaikó está na “Torre de Babel”, quando os povos foram se espalhando e as línguas sendo multiplicadas por toda a face da terra.

Neir da Silva, professor da Escola Estadual Indígena da comunidade Contão, 47 anos, também se identificou como Monaikó e relatou a seguinte versão que ouvia de sua mãe, quando em criança sobre a origem do grupo:

Nós fomos pescados. A nossa geração vem da pessoa que foi pescada do poço. Uma pessoa pescou uma criança do poço, com certo tempo, essa pessoa adoeceu aí o pajé fez o trabalho pra ele e descobriu que era porque ele havia pegado a criança, então era para devolver essa criança, mas o pajé falou para o pai da criança que ela estava passando bem, melhor do ele que estava no poço. Então o pai da criança disse que ela podia ficar lá, mas não era para ser maltratada. Essa criança cresceu e se casou com uma pessoa da terra e teve o primeiro filho por nome Crispim e a segunda filha por nome Cristina foi aí que surgiu essa geração que deram o nome de Monaikó porque o nome da isca do anzol que ele foi pescado era de minhoca. Na

língua Makuxi *'mo'* é “minhoca”. Quando os filhos cresceram, essa pessoa que foi pescada retornou para o poço de onde foi pescada e falou aos filhos que retornassem para casa, pois ele ia cuidar de seu pai que já estava bem velho (SILVA, entrevista concedida no dia 03/08/2011).

Neir conheceu uma senhora que contava essa mesma história, isto é, que uma pessoa foi pescada e os primeiros filhos tiveram os nomes de Crispim e Cristina. Seus descendentes são os irmãos: Bernaldo, Cristina, Aniceto e Fernando, que eram moradores da região do Contão.

Já no depoimento de dona Carmelita, que se identifica como Makuxi, por causa da mãe, pois o pai era Ingarikó, também moradora da comunidade Contão, afirmou ter ouvido falar de onde vieram os Monoikó. “Eles vieram da serra”, disse ela. Assim como os Ingarikó desceram da Serra, eles também desceram e por aqui ficaram, foram casando com as mulheres Makuxi.

Como se pode observar tais narrativas, conforme Lopes da Silva (1994) expressam estreitas relações com um determinado mundo, um espaço imaginado, concebido, onde um personagem mitológico é personificado, transformando-se em humano para dar origem a outros seres humanos. A partir dessa concepção, percebe-se que os Monoikó se apropriaram desses conhecimentos para explicar à sua origem.

1.2.3 Os Monoikó e suas trilhas

Os Monoikó foram identificados por Koch-Grünber (1911-1913 apud BARBOSA et.al 2005), como um dos subgrupos mais importantes dos Makuxi, pois, além de serem sujeitos vigorosos, índios forasteiros, tinham má fama por sua suposta bruxaria, sendo chamados pelos Makuxi de Kanaimé.¹² Tais observações foram confirmadas pela *ko'kó*¹³ Martinha de aproximadamente 90 anos, filha de Monoikó da região do Contão, hoje moradora da comunidade Enseada - TIRSS.

De acordo com as informações da *ko'kó* Martinha, os Monoikó eram conhecidos como um povo relâmpago devido à sua rapidez em ir de um lugar para outro, tanto no envio de mensagens, como nas negociações com outros povos.

¹² Termo relativo ao complexo da feitiçaria na região das Guianas (FARAGE, 1997).

¹³ *Ko'kó* significa “Vovó” em Makuxi.

Eram muito respeitados, pelo fato de serem feiticeiros. Quem tentasse mexer ou enganar os Monaikó, principalmente na comercialização de qualquer objeto, era enfeitado e acabava morrendo.

É importante ressaltar que essas características, embora marcadas em tempos remotos, ainda apresentam consequências, que os Monaikó preferem mantê-las resguardadas como forma de proteção. Assim, por exemplo, muitas vezes quando me aproximava das pessoas para falar sobre os Monaikó ou falar sobre suas origens, as respostas vinham à tona imediatamente, “sou Makuxi”. Ou ainda, um sorriso que segundo minhas observações trazia consigo algo de muito profundo, mas ao mesmo tempo algo indecifrável.

Nesse sentido, o processo de comunicação e a interatividade entre essas pessoas foram de fundamental importância, no sentido de deixá-las mais à vontade e assim obter as informações necessárias à minha pesquisa. Percebi que, o fato de ser Monaikó para alguns, ainda estava intimamente ligado ao que observou Sobral André (em comunicação pessoal), os Monoikó costumavam se isolar dos Makuxi, para falar em uma língua distinta, supostamente em Monaikó.

Para esses falantes, tratava-se de uma língua que eles mesmos reputavam como “feia”. Santilli em suas constatações na Comunidade Contão faz o seguinte comentário: “os Macuxi se divertem em imitar os Monaikó pelo seu sotaque peculiar” (2001, p. 24). Fato que também observei na postura do senhor Luís Trajano, Makuxi da comunidade Teso do Gavião, que diversas vezes no decorrer de nossas conversas imitava os Monaikó.

Apesar da má fama de serem feiticeiros perigosos, os Monaikó também foram reconhecidos como pessoas hospitaleiras, conforme informações de dona Naide da Comunidade Araçá da Serra. Esta ouvia dos mais velhos que, quando faltava alimento em outras regiões, principalmente na época das fortes chuvas, os Monaikó ajudavam os outros povos que perdiam toda produção nas grandes enchentes.

Os Monaikó ofereciam produtos de suas roças, ou seja, dividiam um pouco de seus alimentos, como farinha, beiju, com as pessoas que haviam ficado sem nada, até que parasse um pouco de chover, os igarapés secassem e essas pessoas, provavelmente os Makuxi, pudessem recomeçar com suas roças.

1.2.4 Localização dos Monaikó

Koch-Grünberg (1982, III p. 20, apud SANTILLI, 2001) registrou entre os Makuxi, como subgrupos dialetais, os Aasepang, Iriang, Kiseruma e Monoikó,¹⁴ apesar de não apresentar nenhum dado linguístico sobre estes últimos, sendo que os Monaikó ocupavam as serras, a leste do Baixo rio Cotingo e as montanhas.

Os dados acerca da presença de Monaikó na região do Contão foram observados através dos estudos realizados pelo Centro de Informação da Diocese de Roraima em meados dos anos 80 (CIDR, 1989). Outra pesquisa que menciona os Monaikó é a de Abbott (1991), que os aponta como um suposto dialeto da língua Makuxi, cuja maior concentração estava também na comunidade Contão.

Raposo (2005) cita os Monaikó como “Makuxi do lavrado”, e os localiza igualmente na comunidade Contão. Ademais, Santilli (2001, p. 24) constatou a presença dos Monaikó na comunidade Olho D’água, tendo novas informações apontadas por habitantes da localidade Guariba que informaram sobre a presença de Monaikó nas comunidades Limão e Pedra Branca, enquanto que a comunidade Caracanã apontou os Monaikó na comunidade Perdiz.

Nessa perspectiva, as referências citadas para subsidiar este trabalho deram conta de que os Monaikó habitavam mais precisamente a região do Contão, ou áreas denominadas lavrados. Atualmente, os Monaikó, já não habitam somente na região do Contão ou as áreas de lavrados, mas em diversas comunidades apontadas pelos próprios Monaikó e Makuxi.

Na pesquisa de campo, através de depoimentos dos próprios moradores das comunidades visitadas, os Monaikó estão vivendo em diversas comunidades tais como: Araçá da Serra, Curapá, Congresso, Perdiz, Placa, Contão, Canta Galo, Taxi, Triunfo, Nova Aliança, Pedra Branca, Enseada, Igarapé do Galo, Socó, Santa Liberdade, Mudubim, todas na TIRSS e na comunidade Mutamba, no município de Amajari e Guariba, no município de Pacaraima, - Terra Indígena São Marcos – e ainda no município de Boa Vista na comunidade Vista Alegre conforme informações a seguir.

O quadro 1, na página seguinte, mostra o quantitativo de comunidades situadas em cada município. No município de Amajari, por exemplo, apenas uma

¹⁴ Termo utilizado pelo autor Koch-Grünberg

comunidade tem a presença de Monaikó. No município de Boa Vista somente na comunidade Vista Alegre existem Monaikó.

Já no município de Normandia, em cinco comunidades há a presença de Monaikó. Em Pacaraima há Monaikó em quatro comunidades. Quanto ao município de Uiramutã, este apresenta o maior número de comunidades, total de oito, nas quais estão vivendo os Monaikó nos dias atuais.

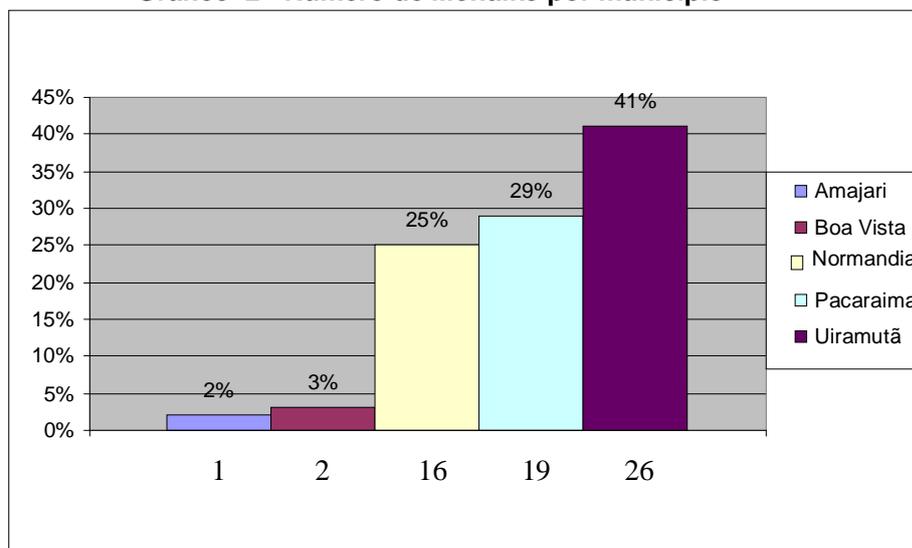
Quadro 1 - Número de Monaikó por comunidade

Total de Monaikó= 64 pessoas				
Municípios/Comunidades				
Amajari	Boa Vista	Normandia	Pacaraima	Uiramutã
Mutamba= 1 pessoa	Vista Alegre= 2 pessoas	Araçá da Serra= 9 pessoas	Canta Galo= 6 pessoas	Enseada= 8 pessoas
		Congresso= 1 pessoa	Contão= 8 pessoas	Igarapé do Galo= 2 pessoas
		Curapá= 1 pessoa	Guariba= 4 pessoas	Mudubim= 2 pessoas
		Placa= 4 pessoas	Taxi= 1 pessoa	Nova Aliança= 2 pessoas
		Perdiz= 1 pessoa		Pedra Branca= 7 pessoas
				Santa Liberdade= 2 pessoas
			Socó= 1 pessoa	
			Triunfo= 2 pessoas	

Fonte: Elaborado pela autora, 2011.

O gráfico seguinte mostra que 41% dos Monaikó vivem em outras comunidades, além do Contão, no município de Uiramutã. Enquanto que no município de Pacaraima, onde está localizada a comunidade Contão, têm-se apenas 29% da presença de Monaikó em diversas comunidades, conforme o gráfico. No município de Normandia estão localizados 25% dos Monaikó do estado e ainda os municípios de Boa Vista registra 3% da presença Monaikó e Amajari, apenas 2%. Segundo os informantes, essas pessoas se deslocaram de Canta Galo e Contão.

Gráfico 2 - Número de Monaikó por município



Fonte: Elaborado pela autora, 2011

No início da pesquisa foram selecionadas apenas quatro comunidades para serem trabalhadas, entre as quais, estava a comunidade Teso do Gavião. Nesta última, porém, não obtive êxito em relação à presença de Monaikó, apesar de as informações prestadas anteriormente indicarem que havia Monaikó nessa localidade. A pessoa que me foi apresentada pelo próprio filho achando que seria um Monaikó foi o senhor Luis Trajano Filho.

O senhor Trajano, se diz Makuxi e se justificou dizendo ser um *Uiruwaikó*¹⁵ filho de mãe e pai makuxi, todos nascidos nessa mesma localidade. Segundo ele, seu pai falava algumas palavras em Monaikó, por isso ele também aprendeu falar e compreender o que um Monaikó estava falando.

No entanto, percebi que no momento em que estava sendo gravados os nomes referentes à parte do corpo, o senhor Luís fazia um enorme esforço para tentar imitar como os Monaikó falam. Por esse motivo, não dei continuidade às gravações.

Após manter contato com várias pessoas da localidade Teso do Gavião, inclusive com os mais velhos, cheguei à conclusão de que ali não havia nenhum Monaikó. Segundo depoimento do senhor Alzenir há pessoas descendentes dos Iriang, outro subgrupo Makuxi. Porém, não busquei maiores informações a respeito desse subgrupo, por não está inserido no foco da pesquisa.

Apesar de não ter encontrado nenhum Monaikó morando na comunidade

¹⁵ Denominação que remete à região banhada pelo igarapé Juruaquim.

Teso do Gavião, não foi em vão a minha ida até lá, pois foi o senhor Luís quem me informou que a família do pastor Alberto, morador do Araçá da Serra, possivelmente fosse Monaikó. Outras informações também foram pertinentes, por exemplo, a origem do nome Monaikó, o extermínio dos subgrupos que viviam na região do Gavião pelos Iriang muitos anos atrás.

As demais comunidades escolhidas para realização da pesquisa foram Contão, Araçá da Serra e Pedra Branca, localizadas em três municípios: Pacaraima, Normandia e Uiramutã, respectivamente, todas dentro da TIRSS. No entanto, no decorrer do trabalho de campo, as informações sobre a presença de Monaikó foram se estendendo para outras comunidades como, Enseada, Igarapé do Galo e Canta Galo, também situadas na TIRSS nos municípios de Pacaraima e Uiramutã.

A contextualização do cenário em destaque busca situar os sujeitos envolvidos na pesquisa, isto é, os Monaikó, que foram sendo apontados por pessoas de outras comunidades, com as quais mantive contato e também por informantes do mesmo local da realização da pesquisa.

Foi a partir desses indicativos, que três comunidades já mencionadas, foram acrescentadas à pesquisa com o intuito de confirmar os dados e também pelo fato de essas comunidades estarem localizadas na mesma trajetória geográfica das demais.

1.3 Os parentes Monaikó em suas comunidades

Ao chegar à comunidade Araçá, logo fui informada da existência de pessoas, que talvez fossem Monaikó. Tratava-se da família do senhor Alberto. Tais informações eu já havia obtido na comunidade Teso do Gavião, restava apenas confirmar esses dados junto a essa família.

Alberto é pastor da igreja Batista Regular existente na comunidade. Quando foi entrevistado, ele se identificou como sendo filho de Monaikó. Este é casado com a senhora Naide, que também relatou ser filha de Monaikó. Segundo dona Naide, seus pais faziam questão de afirmar: “Nós somos Monaikó.”

O casal Alberto e Naide confirmou ser Monaikó e indicou a comunidade Guariba na qual estão vivendo seus irmãos Aprígio e Patrício que também se reconhecem como Monaikó. Sr. Alberto apontou ainda, como Monaikó, o senhor

Albertino e família, moradora da comunidade Nova Aliança e o senhor Valdivino e família da comunidade Triunfo. Essas informações foram confirmadas pela ko'ko Idália de 77 anos, que não é Monaikó, mas disse ser uma Uiruwaikó, também moradora da Comunidade Araçá da Serra.

Quando estive na comunidade Guariba para conhecer o senhor Aprígio e confirmar se realmente ele se reconhece como um Monaikó, não só o senhor Aprígio, mas também sua esposa, dona Germana se identificaram como Monaikó. Dona Germana é filha da senhora Madalena, moradora do Contão, que também foi minha entrevistada e se declarou Monaikó. Germana disse ainda, que tem uma tia na comunidade Taxi que também é Monaikó.

Quanto à indicação da presença de Monaikó na comunidade Placa e Canta Galo, esta foi mencionada pelo casal, Bonifácio e Isaíra, moradores do Araçá e também envolvidos na entrevista. Estes citaram dona Secundina, que mora na Placa e dona Benedita no Contão. Na verdade, não é dentro da comunidade Contão que dona Benedita mora, mas bem próximo à comunidade Canta Galo.

Desse modo, serão apresentadas sete comunidades nas quais se concentram o maior número de Monaikó com o intuito de conhecer o seu ambiente e peculiaridades do lugar onde vivem.

1.3.1 Araçá da Serra e suas mesclas intergrupais

A Comunidade Araçá da Serra está localizada na Região Baixo Cotingo, TIRSS, no município de Normandia e fica a 230 km da cidade de Boa Vista, com um total de 349 pessoas de diferentes grupos: Makuxi, Wapichana, Patamona e Monaikó (FUNASA, 2010). Esta comunidade foi fundada em 1917, e segundo depoimentos dos moradores, a comunidade Araçá foi habitada anteriormente somente por Wapichana, também conhecida como Karapiwa. Os Wapichana saíram da Serra do Mairari¹⁶ e, após muitas lutas contra os Makuxi conquistaram o espaço no qual hoje vivem.

Segundo os moradores, até recentemente, os Wapichana não permitiam que os filhos se casassem fora de seu grupo, isto é, com pessoas que não fossem

¹⁶ De acordo com o senhor Silvério de 98 anos, em Makuxi o nome correto é *māinari*, que quer dizer “serra que causa medo, amedronta”

wapichana. Ainda hoje há três irmãs wapichana, já bem idosas, moradoras da comunidade Araçá, que nunca puderam se casar, pois não havia pretendentes dentro do mesmo grupo. No entanto, essas regras foram sendo quebradas através das novas gerações e os casamentos intergrupais foram se consolidando de forma que, os grupos predominantes hoje, nesta localidade, são os Makuxi (RAMOS, 2010).

Ainda de acordo com os estudos de Ramos (2010), o nome Araçá da Serra está relacionado às narrativas contadas pelos primeiros habitantes desse lugar. Estes narraram que, os dois irmãos, Insikiran e Anikê,¹⁷ quando passaram por esse local, transformaram a semente de Araçá em pedra, e ainda hoje essa pedra existe e fica em cima de outras pedras e tem o formato de uma semente de araçá.

A questão religiosa nessa comunidade tem contribuído para suprimir alguns costumes, por exemplo, a manifestação cultural através de danças, bebida indígena fermentada e a própria atuação do pajé. Quase todas as pessoas da comunidade Araçá da Serra são evangélicas da denominação igreja Batista Regular. Por essa razão, questões referentes aos aspectos culturais aos poucos vão sendo esquecidas, principalmente pelos mais jovens (RAMOS, 2010).

1.3.2 Placa: um lugar de passagem

A comunidade Placa está localizada a 271 km da cidade de Boa Vista, na divisa entre os municípios de Normandia (na qual está situada), Pacaraima e Uiramutã, com um total de 86 pessoas e 17 famílias pertencentes ao grupo Makuxi, em maior número e, Wapichana e Monaikó. O nome Placa está associado ao indicativo das estradas que dão acesso aos três municípios.

A formação dessa comunidade ocorreu em meados dos anos 90, por ocasião do descontentamento de algumas famílias, mais especificamente do senhor Braz, até então tuxaua da comunidade Contão. Este, por não comungar de certas ideias defendidas por seus parentes, decidiu juntamente com sua família formar uma nova comunidade do outro lado do rio sendo nomeado, assim, tuxaua por muitos anos. Atualmente, o líder dessa comunidade é o senhor Adriano de Souza nomeado recentemente.

¹⁷ Personagens mitológicos comuns a vários grupos Karíb da Região do Monte Roraima.

Alguns fatores desencadearam a mudança de postura de certos tuxauas, tais como: questões ideológicas manifestadas por algumas organizações nas quais as lideranças estão inseridas, políticas internas da própria comunidade e ainda, a necessidade da ocupação de espaços para formar novas comunidades como meio de garantir a terra. Após a acomodação das famílias nos locais pretendidos, estas passam a reivindicar os direitos garantidos na Constituição, isto é, a implantação de escola, posto de saúde e outros programas que beneficiam as comunidades indígenas.

Apesar de a comunidade Placa não estar distante da comunidade Contão, apenas um km e meio, tem sua própria organização, os trabalhos são desenvolvidos coletivamente e em qualquer assunto que envolve a comunidade, o tuxaua e demais líderes são informados.

A presença de Monaikó na comunidade Placa foi citada pelo casal, Bonifácio e Isaíra, moradores do Araçá da Serra. Em princípio surgiu apenas o nome de dona Secundina, porém, ao chegar à Placa e conversar com seu filho, o senhor Braz, este já foi se apresentando dizendo também ser Monaikó, ele e sua esposa Matilde, que na verdade são primos em primeiro grau.

Dona Matilde confirmou a sua origem dizendo que seu pai é Monaikó e mora atualmente na comunidade Mutamba, no município de Amajari. Sua mãe é Makuxi da Raposa. Vale ressaltar que, apesar da dona Matilde ser filha de pai Monaikó e mãe Makuxi, ela não hesitou em dizer ser Monaikó e sente muito orgulho de ser o que é. Há também um irmão de dona Matilde morando na Placa, mas ele não demonstrou interesse sobre o assunto.

A descendência dos Monaikó nessa região do Contão, de acordo com as informações do senhor Marcelino, Wapichana de 77 anos, veio através das irmãs Carolina, Simiana, Paulina, Obrome, Joana e Olica. Estas eram Monaikó, mas foram se casando com pessoas de outro grupo, por exemplo, sua esposa, dona Secundina, de 72 anos, é filha de dona Simiana com um Wapichana. Já dona Obrome, mãe da senhora Lúcia, casou-se com um Ingarikó.

Ainda conforme Marcelino, os casamentos ocorriam com pessoas de outros grupos, citou o exemplo próprio em relação a seus filhos, que são filhos de Monaikó (dona Secundina) e pai Wapichana (ele). Este presenciou situações em que homens Makuxi da serra vinham se casar com as Monoikó do lavrado e os homens Monoikó do lavrado iam buscar as mulheres Makuxi na região das serras. Dessa forma foram

se misturando.

Na comunidade Placa foi me repassada uma relação de nomes e pessoas que poderiam me ajudar nesse trabalho. Entre elas estavam: dona Madalena, com um pouco mais de 80 anos, dona Carmelita de 75 anos, senhor Ambrósio com 88 anos e dona Benedita, com 72 anos. Todos eles, menos dona Benedita que mora entre Contão e Canta Galo são moradores da comunidade Contão.

1.3.3 Contão: a comunidade de referência

A comunidade Contão encontra-se na Região de Surumu, município de Pacaraima, TIRSS, e fica a 270 km da Capital Boa Vista. De acordo com as informações do tuxaua Jordão, atual presidente da SODIUR¹⁸, Contão é uma das comunidades com o maior número populacional, vivem ali cerca de 1.545 pessoas e 211 famílias dos grupos Makuxi, Wapichana, Taurepang, Ingarikó e pessoas que se declaram Monaikó.

De acordo com Neir da Silva, 47 anos, que nasceu no Canta Galo, atualmente morador do Contão, o nome Contão originou-se da palavra [*kõ ' dã*], que na língua Makuxi quer dizer “espécie de semente de árvore”, popularmente conhecida como marfim vegetal, cujo tipo é comum na região. Com o passar dos anos o nome [*kõ'dã*] parece ter se aportuguesado e passou a ser chamado de Contão. No local de fundação da primeira comunidade vive hoje o senhor Ambrósio juntamente com seus filhos, todos já casados.

De acordo com a literatura, a maior concentração dos que se declaram Monaikó estaria na comunidade Contão. As informações adquiridas através dos depoimentos e entrevistas com as pessoas já mencionadas mostram outros indicativos, ou seja, a existência dos Monaikó parece pertencer a um passado, pois os que se identificavam como Monaikó, já se foram e a geração do presente se autodenomina Makuxi.

Hoje, a comunidade Contão se difere das demais comunidades pela nova postura assumida frente à organização social, política, econômica e cultural da própria comunidade. Para Jordão é necessário “mostrar ao mundo inteiro, que o

¹⁸ Sociedade da Organização dos Índios Unidos de Roraima.

índio tem capacidade para mudar.” É nessa perspectiva que a organização da comunidade Contão vem desenvolvendo seus trabalhos.

A comunidade Contão tem sido contemplada com a implementação de projetos voltados à agricultura, por exemplo: plantio de melancia, milho, banana, maniva etc. Contudo, para gerenciar tais projetos, a comunidade é organizada e dividida em grupos de trabalho, onde cada pai de família forma um grupo envolvendo no máximo até dez famílias para a execução dos projetos.

O resultado da colheita desses cultivos contempla apenas as famílias que fazem parte desse processo. Parte dessa produção é reservada para venda e o dinheiro arrecadado é destinado ao investimento no próprio projeto. Ainda segundo a posição do presidente da SODIUR e também segundo o tuxaua do Contão, trabalhar com essa perspectiva tem por objetivo transformar os indígenas em empreendedores.

Percebe-se assim, que a ideia de coletividade, parece se distanciar da vida cotidiana do Contão, onde as pessoas buscam cada vez mais a individualidade. No momento, não me diz respeito analisar essa conduta, mas compreendo que essa é uma realidade complexa que merece um futuro estudo.

Ainda sobre a existência de Monaikó nessa comunidade, conheci dona Madalena, uma senhora idosa, com pouco mais de 80 anos, que só fala na língua indígena Makuxi. Ela se identificou como uma Monaikó, sendo filha de pai e mãe Monaikó que viviam do outro lado do rio Cotingo. Ela disse que está praticamente sozinha, pois os seus parentes também Monaikó já faleceram, “mas ainda, tem outros Monaikó no Canta Galo”, disse ela.

Enquanto isso, dona Carmelita, de 75 anos, que também me foi apresentada, disse ser Ingarikó, mas viu no passado os Monaikó, “eles eram muito” disse ela. Quando os avós de Carmelita, que eram Ingarikó desceram a serra, já encontraram os Monaikó que viviam aqui, os velhos dançavam parichara e tukui.¹⁹ “Antigamente vinha gente de vários lugares, do lavrado, da serra para participar das festas que duravam muitos dias”.

O calendário utilizado na época, para que as pessoas pudessem se localizar no tempo era marcado através de vários nós em uma corda. Segundo dona Carmelita, na época havia apenas um tuxaua que liderava todos os povos. Com o

¹⁹ Danças tradicionais entre os índios habitantes da região de campos e serras e (lavrado) de Roraima (CAVALCANTE, 2010).

passar dos tempos, os Ingarikó, os Makuxi, os Iriang e Monaikó foram se misturando através dos casamentos que aconteciam entre essas pessoas.

Ainda na comunidade Contão, conversei com o senhor Ambrósio de 88 anos, que também se dispôs a me ajudar. Ele afirma ser Makuxi, mas reconhece que a língua Makuxi falada pelas pessoas que moram na Raposa é bem diferente da fala deles aqui do Contão. Quando perguntei a ele qual era a diferença, este respondeu: o makuxi verdadeiro é o da Raposa, isto é, “pesado”. O Makuxi do Contão é “leve, maneiro, por cima.”

Na verdade o senhor Ambrosio é filho de dona Joana, uma das seis irmãs apontadas pelo senhor Marcelino, como Monaikó. E ainda, neto do senhor Moisés, que também foi indicado pelo senhor Bonifácio da comunidade Araçá, como um descendente do “povo d’água”, ou seja, os Monaikó.

Em certos momentos, no decorrer das nossas conversas, o senhor Ambrósio deixava muito claro que não estava entre os Makuxi que “fala pesado”²⁰ ele fala maneiro, leve. A fala maneira, por cima foi rotulada pelos próprios informantes como sendo a fala dos Monaikó.

1.3.4 Canta Galo em seus imaginários

Canta Galo é uma comunidade que está situada às margens do rio Cotingo, a 265 km de Boa Vista, próxima à comunidade Contão a uma distância de 5 km, situada no município de Pacaraima. A origem do nome Canta Galo está associada às narrativas orais reveladas pelos primeiros moradores dessa região, acerca da existência de um Galo.

Era comum ouvir durante as madrugadas o cantar de um Galo. Fato estranho, pois eles, não criavam galinhas, muito menos galo. Durante o dia, as pessoas chegavam a ver muitas galinhas ao redor de uma pedra, cujo formato era de um galo, mas quando tentavam se aproximar dessas galinhas para pegá-las, elas simplesmente desapareciam, como se tivessem adentrado na serra. Por essa razão, esse local passou a ser chamado Canta Galo.

Essas narrativas ainda estão presentes no contexto cultural das pessoas que

²⁰ Senhor Ambrósio se referia tanto à fala pesada quanto à fala leve, exemplificando através de gestos, isto é, levantando as mãos para mostrar que a fala do Monaikó se posiciona em nível mais elevado, em cima. Já a fala Makuxi encontra-se em um nível mais abaixo, fala pesada, arrastada.

moram no Canta Galo. Há uma certa preocupação em manter viva essa história, que vem passando de geração a geração.

Embora Canta Galo tenha sido apontada por todos os informantes como uma comunidade onde se encontram Monaikó, eu não a visitei nos primeiros meses da pesquisa, só no decorrer da última viagem que ocorreu em novembro. A informação obtida acerca da origem do nome Canta Galo foi concedida pela professora Maria Anunciação, Makuxi dessa mesma comunidade²¹. Apropriei-me também das informações dadas pela senhora Benedita Nascimento da Silva, de 72 anos, casada com seu primo, senhor Mário, ambos se declararam Monaikó.

Dona Benedita mora na divisa entre Contão e Canta Galo e no decorrer da entrevista em sua residência, esta demonstrou uma firme postura sobre sua identidade. Confirmou as informações dos informantes do Araçá e Contão em relação ao grupo que ela pertence, ou seja, Monaikó. Disse ainda, que tem um casal de irmãos, Joaquina, que mora no Canta Galo e Raimundo, com mais de 80 anos que atualmente mora na comunidade Vista Alegre - TI São Marcos.

Fui informada também pela professora Maria Anunciação da existência de uma senhora por nome Martina, Monaikó, moradora do Canta Galo. Posteriormente fui até a comunidade Canta Galo somente para conhecer dona Martina, uma mulher bem idosa. Apesar de ter completado 100 anos no mês de abril, dona Martina ainda é bem lúcida, caminha diariamente para visitar os filhos e ainda costura. Percebe-se que ela ainda enxerga muito bem, mas escuta muito pouco. Por isso não a entrevistei, apenas perguntei a ela em Makuxi: “*Monaikó amíri?*” Ela respondeu: “*Inna Monaikó*”. Dona Martina é mãe de cinco filhos: Valdivino, Valderval Rogaciano Mamed e Genival, todos moradores do Canta Galo.

Dona Martina também é madrasta de dona Antonia, que atualmente mora na comunidade Pedra Branca, pois é casada com um Makuxi e está lá desde que se casou. Porém, não esqueceu que é uma Monaikó e ainda fala algumas palavras em Monaikó.

Quanto à organização social da comunidade Canta Galo, esta ainda mantém uma postura como a dos antigos, onde a participação de todos os membros junto aos assuntos é de ordem coletiva. Todos são ouvidos e as decisões são tomadas coletivamente. A autoridade maior está centrada na pessoa do primeiro tuxaua,

²¹ Atualmente Maria Anunciação trabalha na Divisão de Educação Escolar Indígena, na Secretaria de Educação Cultura e Desportos.

assessorado pelo segundo, capatazes e conselheiros. Estes, também estão ligados a um coordenador regional, que acompanha as atividades na Região e representa as comunidades na organização da qual fazem parte.

1.3.5 Igarapé do Galo e seu canto

A decisão por incluir a comunidade Igarapé do Galo na pesquisa se deu a partir de um encontro com o senhor Luís Ribeiro, na estrada que dá acesso à comunidade Pedra Branca e Enseada. Quando me apresentei ao seu Luís e disse-lhe o que eu estava pesquisando, ele se identificou como Monaikó. Disse-me ainda que toda sua família também era Monaikó, tendo logo aceitado o convite.

O Igarapé do Galo é uma comunidade recém-formada por parentes do senhor Luís que, no momento, é visto como chefe que assume todas as responsabilidades perante as pessoas que ali vivem.

Na verdade, esse local foi situado para construção de retiros²² dos moradores da comunidade Pedra Branca. Como o senhor Luís era morador dessa comunidade, aproveitou a oportunidade e foi construir seu retiro juntamente com seus filhos já casados. A comunidade está localizada na antiga fazenda São João, região das serras, na beira do rio Cotingo.

A história do nome Igarapé do Galo não difere das narrativas contadas pelos moradores da comunidade Canta Galo. Segundo o senhor Luís, nesse local também se ouvia o cantar de um galo vindo da serra, onde nasce um igarapé que vai desembocar no rio Cotingo. Porém, quando alguém se aproximava para certificar-se da existência desse galo, até chegava a ver, mas logo ele desaparecia no igarapé. Por isso, o nome Igarapé do Galo.

O que me chamou a atenção na postura do senhor Luís foi o entusiasmo por ser reconhecido como Monaikó. Ele disse que é filho e neto de Monaikó²³, e, que morava no Contão com sua esposa Ana Arsênia, pois os dois são primos. Ela é neta de dona Simiana, uma das irmãs Monaikó do Contão e sobrinha de dona Secundina, com a qual manteve contato na comunidade Placa.

²² Lugar afastado da comunidade utilizado para formação de sítios ou criação de animais.

²³ Senhor Luís frisou várias vezes: Monaikó, Monaikó

No decorrer das informações, o Sr. Luís apresentou uma relação de pessoas que hoje estão vivendo em outras localidades, são elas: Dina que conheci na comunidade Pedra Branca. Joaquina, moradora da Comunidade Socó, Nazaré, esposa do senhor Ambrósio do Contão, Mário, esposo da dona Benedita que também foi uma das entrevistadas, moradora do local entre Contão e Canta Galo já citado anteriormente.

Segundo o senhor Luis, todas essas pessoas apontadas por ele são Monaikó e são seus parentes consaguíneos. Tive a oportunidade de conhecer o senhor Mário e dona Benedita por ocasião da minha segunda viagem à comunidade do Contão. Também cheguei a conhecer dona Nazaré esposa do senhor Ambrósio. Desses, só não mantive contato com dona Joaquina da comunidade Socó.

1.3.6 Pedra Branca a partir do contato

A comunidade Pedra Branca fica dentro da TIRSS, região das Serras, município de Uiramutã a 324 km do centro urbano de Boa Vista. Sua população é de 430 pessoas de diferentes origens: Makuxi, Wapichana, Ingarikó e Monaikó. Muitas pessoas dessa comunidade saíram para formar novas comunidades, como Comunidade do Morro e Enseada, todas na mesma região.

O primeiro nome da comunidade Pedra Branca foi Pedra do Branco, pois segundo o depoimento dos mais velhos um branco foi morto pelos indígenas dessa localidade quando estava sentado em cima de uma pedra que ficava em frente à casa de um morador. E como não conheciam essa pessoa, então, o mataram. Até hoje, eles guardam essa pedra em frente a uma residência.

Em relação às questões sociais, há certa preocupação com os jovens casais que se casam e continuam morando junto aos pais, situações comuns entre os grupos indígenas, conforme afirma Cavalcante:

Na região do Uraricoera, as aldeias são formadas por conjunto de parentelas relacionadas entre si através de parentesco, como em outras regiões da Guiana. Dispersas ao longo do território, as casas abrigam as famílias nucleares: o casal com seus filhos solteiros; filhos e filhas recém-casados, que vieram de outras aldeias ou núcleos urbanos residem na casa dos pais ou sogros até que construam sua casa (CAVALCANTE, 2010, p. 36).

Pelo que observei, na Pedra Branca não é diferente. Porém, as lideranças em seus discursos deixavam muito claro que, os jovens quando se casam já devem construir suas casas, e a comunidade tem o dever de ajudá-los nessa empreitada, seja na retirada da madeira, na compra de materiais, enfim, até concluir a obra. Todos participam dos trabalhos coletivos sob a coordenação do capataz, que é responsável pela execução das ações, bem como pela alimentação, que não pode faltar no decorrer dos trabalhos.

Nessa comunidade fui encaminhada para conversar com três senhoras acima de 60 anos, pois conforme as pessoas mais velhas, elas são Monaikó. De fato, esses dados foram confirmados por elas próprias, dona Antonia foi decisiva ao afirmar que era Monaikó, disse que havia nascido no Contão, e sua mãe era Monaikó.

Apesar de ter convivido poucos anos com a mãe, Antonia aprendeu a falar Monaikó com a madrasta que também é Monaikó e hoje, mora no Canta Galo, que é justamente a dona Martina, já mencionada nesta pesquisa. Muitas palavras em Monaikó, dona Antonia disse não saber mais, pois casou com um makuxi que é o senhor Romualdo e logo veio morar na Pedra Branca.

Outra senhora que também se manifestou quanto à sua origem foi dona Celestina, nascida no Contão que disse ser filha e neta de Monaikó. Ela só veio para Pedra Branca, porque se casou muito novinha com um makuxi da Serra. Desde então, nunca mais retornou à sua comunidade de origem.

Quanto à dona Celina, ela se apresentou na língua indígena Makuxi, pois não fala português. Primeiramente, Celina disse ser Monaikó e que nasceu no Contão há 60 anos, é filha do senhor Calisto e dona Guilhermina, todos Monaikó. Seus avôs maternos, senhor Joaquim e dona Cecília também eram Monaikó.

Celina evidenciou algumas palavras em Monaikó, [ta, rɛʔ 'pia], dizer ao invés de [ta, rɛʔ 'bia], que quer 'sim ela disse', outra palavra foi [kaʔ, nɛ 'pe] e não [kaʔ, nɛ 'be], que significa 'rápido, depressa'. Esta lamentou que, hoje sua língua já não é tão Monaikó, pois é um pouco diferente devido ao convívio com os Makuxi. Ela fez uma observação sobre o sotaque dos Monaikó. Para dona Celina o sotaque dos Monaikó é diferente, "parece que se pulam as letras".

Embora as pessoas da comunidade Pedra Branca, mais precisamente o tuxaua, tenham me encaminhado para conversar com as três senhoras já mencionadas, outros também se autodenominaram Monaikó, entre eles, o senhor Gregório e o senhor Sebastião. Gregório disse que seu avô era Monaikó, morador do Urucuri, próximo ao Contão e ainda tem uma tia por nome Águida, também Monaikó vivendo na comunidade Nova Aliança. Informações já narradas pelos informantes do Araçá da Serra e Contão.

Quanto ao senhor Sebastião, este também narrou que seu avô era Makuxi, mas se casou com uma Monaikó. E dessa união nasceu seu pai que também se casou com uma Monaikó. Por essa razão, Sebastião é convicto de que na verdade é um Monaikó. Porém, ele não teve a sorte de ser criado com os pais e sim por um fazendeiro da região, por isso, não aprendeu a língua de sua mãe.

Por último foram apontadas as vovós, Dina e Martina. Porém, estas não moram na Pedra Branca e sim na comunidade Enseada. Foi por esse motivo, que a minha pesquisa se estendeu até essa comunidade para me encontrar com as duas ko'kos, avós.

1.3.7 Enseada e suas vovós

A comunidade Enseada, como todas as outras, também está situada na TIRSS, município de Uiramutã, região das Serra, a 329 km de Boa Vista, e fica a 6 km da comunidade Pedra Branca. Hoje vivem na comunidade Enseada 425 pessoas do grupo Makuxi e 69 famílias.

Quanto à organização social da comunidade Enseada, não diverge tanto da comunidade Pedra Branca, pois, estas mantêm um contato permanente, especialmente pelo fato da escola atender a todos os alunos da Pedra Branca e comunidades da redondeza. Na realização de eventos que envolvem mais de uma comunidade, geralmente as despesas são compartilhadas por todos.

Na comunidade Enseada, encontrei as ko'kó Dina e Martina. Ko'kó Martina não fala a língua portuguesa e quem contou um pouco de sua história foi sua filha, Neuza, que enquanto ko'kó Martina falava, ela ia fazendo a tradução para a língua portuguesa, apesar de eu entender algumas palavras na língua Makuxi não a acompanhei, pois ela falava muito rápido.

Neuza informou que, a mãe da ko'kó Martina veio do Monte Roraima na época em que muitos parentes vinham de vários lugares para se batizar no local por nome São Marcos. Esta se casou com um Monoikó, da região do Contão. Desse casamento nasceu apenas um homem, já falecido e as irmãs que ainda estão entre os parentes são: ko'kó Martina e outra irmã que mora na comunidade Nova Aliança, as demais já faleceram.

Segundo Marilton, que é neto da ko'kó Martina, ela lhe chamou atenção pelo fato de não saber quem realmente são e falou: "Vocês, meus netos deveriam ter vergonha, porque ainda não sabem quem vocês são." "Nós somos Monaikó." Então, foi possível perceber que na comunidade Enseada todos os filhos de dona Martina, inclusive os netos são supostamente Monaikó. Ko'kó Dina que é sogra da senhora Neuza, também se identificou como Monaikó, pois seus pais eram Monaikó da região do lavrado.

1.4 Os Monaikó e o ressurgir do silêncio

Mediante ao que se expôs é importante buscar um embasamento teórico para tentar entender como se passa a construção da autoafirmação de ser Monaikó nos dias atuais. Para Silva (1995), a sociedade está em constante transformação a ponto de interferir no modo de agir e pensar dos indivíduos.

Neste sentido, as mudanças vão ocorrendo gradativamente e envolvendo as pessoas, por exemplo, essas seguem novos direcionamentos, mais fragmentados e individualizados, poucas ações coletivas, pois a chegada do dinheiro às comunidades indígenas em forma de salário ou benefício, deixou-as individualizadas. Por isso, considero pertinente a descrição de cada comunidade, por conta de suas particularidades sociais.

Outra mudança de comportamento dos Monaikó envolve a reconfiguração de sua própria postura em relação à sua identidade. Pois, a autoafirmação com muita propriedade, sem demonstrar receio em dizer quem são é algo muito recentemente.

O termo Monaikó foi utilizado pelos próprios informantes que se reconhecem como tal, como forma de reforçar suas identidades étnicas, situação bem diferente dos anos anteriores, em que praticamente não se observava a manifestação de pessoas se declarando Monaikó.

Os Monaikó se autodenominavam como Makuxi, porém, os Makuxi os apontavam como Monaikó. E nesse jogo de “ser” ou “não ser” um Monaikó, ressurgiu o desejo de se autoafirmar enquanto pessoas de uma identidade correspondente ao momento atual. Conforme Barth (1998), a identidade étnica não é estática, mas se transforma a partir das relações e como qualquer outra identidade, coletiva ou individual, dependendo do interesse ou contexto.

Vale notar que o fato de as pessoas se reconhecerem como pertencentes a um grupo, no caso subgrupo, sugere que elas se identificam entre si e se diferenciam internamente frente aos Makuxi. Assim entende-se que atitudes do gênero possam ser entendidas como um processo de construção ou mesmo de reconstrução da identidade dos Monaikó.

Ao lado do fator social e econômico, a língua quando se torna um elemento fundamental na constituição da identidade do indivíduo e de sua comunidade é um fator complexo, ainda mais quando ela se modifica. Contudo, é possível em muitas situações considerar que o papel identitário da língua não seja necessariamente o fator essencial para coesão das comunidades humanas (GUISAN, 2009, p. 17).

Nesse sentido, nas pessoas que se declaram Monaikó, apesar de parte delas não dominar mais o código linguístico desse subgrupo, ainda prevalece o sentimento de pertencer a um grupo ou subgrupo, muito embora inseridas em uma realidade adversa aos tempos antigos.

Por outro lado como houve uma divergência entre o depoimento dos falantes no tocante ao domínio de uma fala ora diferente, ora igual ao Makuxi, registrou-se dados linguísticos daqueles que se diziam falantes de Monaikó (como se verá no capítulo II).²⁴

²⁴ A opção por não dar nomes fictícios aos informantes justifica-se pela ideia de fortalecer o reconhecimento político dos Monaikó frente aos demais grupos.

CAPÍTULO II – ASPECTOS METODOLÓGICOS E TEÓRICOS

2.1 Introdução

Este capítulo tem por objetivo apresentar os procedimentos metodológicos e conceituais referentes à linguagem que foram empregados no decorrer da pesquisa. Tais procedimentos foram imprescindíveis para a execução desse trabalho, bem como para responder de forma coerente e cientificamente o que foi proposto, desde a situação problema, objetivos até apresentar as considerações finais.

A discussão inicial reflete a natureza do estudo qualitativo e quantitativo, sendo ambos considerados nesse trabalho. Em seguida, com o intuito de entender melhor a realidade linguística dos Monaikó, recorreu-se aos vários conceitos referentes à língua, dialeto e variação linguística, a partir dos estudos de Saussure (1969), Ferreira (2003), Labov (2008) dentre outros, que discutiram sobre o assunto.

2.2 Uma abordagem metodológica

A pesquisa em foco considerou uma leitura sobre os tipos de abordagens qualitativas e quantitativas, tendo em vista que os dados demandaram uma organização centrada em dois procedimentos metodológicos recorrentes e fundamentais em trabalhos envolvendo grupos. O método qualitativo, de acordo com os estudos de Richardson (1999), difere em princípio do quantitativo, à medida que não emprega um instrumental estatístico como base no processo de análise de um problema.

Ainda conforme esse autor, o método qualitativo não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas. Este busca interpretar o objeto em termos do seu significado podendo também estar presente até mesmo nas informações colhidas por estudos essencialmente quantitativos.

A opção por respaldar-se em duas abordagens, fundamenta-se também no que dizem Minayo *et. al* (1995), ao afirmarem que o conjunto de dados quantitativos e qualitativos não se opõe, se complementa. Dessa forma, se exclui qualquer dicotomia, pois a realidade envolvida por essas duas abordagens interage

dinamicamente.

Dentro desse contexto, também foi pertinente conceituar a expressão “qualitativa” à luz do que diz Maanen (1979 apud NEVES, 1996). Para esse autor, a pesquisa qualitativa, dentro do campo das Ciências Sociais, compreende diferentes significados, ou seja, diferentes técnicas interpretativas. Estas descrevem e decodificam os componentes de um sistema complexo de significados, e tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social.

Outros autores, dentre eles Alami (2010, p. 8) ressalta que as abordagens qualitativas, em Ciências Sociais, desenvolveram-se paralelamente às abordagens quantitativas, privilegiando outro ponto de vista sobre os fatos sociais e outras escalas de observação. Isto é, já não se detém em método hipotético-dedutivo, mas indutivo.

Para esses autores “o lugar dos métodos qualitativos nas Ciências Humanas e Sociais é peculiar e não coincide com o dos métodos quantitativos.” No entanto, fazem a seguinte observação em relação aos dois métodos:

Os métodos qualitativos não são nem mais nem menos pertinentes do que os métodos quantitativos. A pertinência de um método deve ser avaliada à luz do objetivo da pesquisa. Ela depende de seu contexto de utilização, dos objetivos determinados para a pesquisa e, mais globalmente, da questão a ser tratada (ALAMI, 2010 p.18).

Em relação aos dados quantitativos aplicados nessa pesquisa, eles foram coletados e analisados através do emprego de recursos estatísticos como: tabelas, gráficos e porcentagem sob o foco dos estudos de Gonçalves (2005) e ainda a partir dos trabalhos de Richardson (1999), no qual enfatiza que o método quantitativo representa, em princípio, a intenção de garantir com precisão os resultados, evitando dessa forma, distorções de análise e interpretação. Nesse sentido, o gráfico (ver 1.2.4, gráfico 2, quadro 1, ver também 2.1.4, quadro 2) e respectivas porcentagens demonstraram os dados referentes aos MonaiKó existentes em Roraima. Feita esta explanação vale lembrar que o que predomina na análise dos dados é a estratégia qualitativa.

2.2.1 Os caminhos percorridos

O primeiro procedimento qualitativo envolveu a entrevista, a observação direta e participante, e o diário de campo. Esse procedimento que, ao longo da pesquisa de campo estava direcionado aos indígenas que se autodenominaram pertencentes ao subgrupo Monaikó, foi realizado mediante contato direto e interativo entre a minha pessoa e os informantes, envolvidos na pesquisa, conforme capítulo I.

Todas as gravações foram efetuadas na residência dos informantes, em suas respectivas comunidades já mencionadas no corpo desse trabalho. Em alguns momentos, as gravações foram feitas no decorrer das atividades cotidianas executadas por eles, ou seja, na preparação do caxiri, da damorida e da farinha²⁵, justamente para não interferir tanto no desenvolvimento das tarefas dos informantes.

Situações como essas, vivenciadas por mim no decorrer da pesquisa de campo, estão respaldadas no que Alami (2010 p.88) assegura: “uma pesquisa qualitativa exige do pesquisador uma adaptação ao campo. Através do campo, ele entra na vida das pessoas que não o aguardavam, mas que aceitam acolhê-lo, em seu cotidiano”. As minhas interpretações foram as mais variadas possíveis, entre as quais estava a invasão de privacidade, principalmente nas primeiras viagens.

Essa fase caracterizou-se pela aplicação dos instrumentais e das técnicas de pesquisa selecionados previamente tais como: entrevista semiestruturada, questionário, listas de palavras relacionadas a nomes de parentesco, partes do corpo, seres vivos e frases contendo verbos baseados na lista de *Swadesh* e do Museu Nacional com adaptações. Essas técnicas foram realizadas junto aos informantes nas sete comunidades escolhidas.

Esses instrumentais foram elaborados de acordo com as fontes já citadas anteriormente e utilizados para coleta de informações no decorrer da pesquisa de campo, que foi realizada *in loco*. Narrativas relacionadas à vida cotidiana e história dos Monaikó, também foram gravadas e acompanhadas de registro fotográfico.

A coleta de todos esses dados deu-se por meio de gravações, com o auxílio de um gravador digital da marca Sony, microfone interno e ainda algumas anotações consideradas relevantes no âmbito das informações, que também foram registradas no diário de campo bem como a elaboração de relatórios referentes a todas as

²⁵ Alimentos que não faltam na casa de um indígena.

viagens realizadas durante a pesquisa.

O segundo procedimento metodológico empregado na pesquisa envolveu atividades práticas e planejamento de roteiro de viagem para as comunidades selecionadas. A execução dessas atividades dividiu-se em dois momentos.

No primeiro momento, as atividades foram desenvolvidas no decorrer de dois meses entre março e abril de 2011 e a minha permanência em cada uma dessas localidades dependia exclusivamente da disponibilidade dos informantes. Por isso, o máximo que fiquei nessas comunidades foi até cinco dias, nas quatro viagens realizadas às referidas comunidades.

Outras situações estavam relacionadas à determinação do tuxaua em indicar uma casa para que eu permanecesse por alguns dias, ou até mesmo, enquanto aguardava os informantes concluírem seus afazeres em outras localidades.

O segundo momento compreendeu a revisão de dados, novamente junto aos informantes que ocorreu entre os meses de setembro e outubro de 2011, por ocasião da vinda dessas pessoas até a cidade de Boa Vista, ou com o meu retorno às localidades de origem de cada informante.

Nos primeiros contatos, ou seja, na primeira visita, encontrei algumas comunidades reunidas discutindo questões referentes às suas organizações internas. Ocasões estas que possibilitaram a minha apresentação à comunidade através da carta expedida pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Roraima, juntamente com o meu projeto de pesquisa. Após a leitura do documento, a comunidade se manifestava a favor da realização do meu trabalho nas referidas localidades já mencionadas.

2.2.2 Seleção dos informantes

Quanto à escolha dos informantes, levei em consideração alguns pontos relevantes tais como, pessoas que demonstraram interesse em contribuir com a pesquisa, pessoas que se declararam Monaikó e ainda, pessoas com mais idade falantes da língua indígena Makuxi. Estas foram informadas do objetivo da pesquisa e esclarecidas sobre a não-obrigatoriedade em participar do trabalho.

Todos os informantes assinaram o termo de consentimento e também foram informados de que poderiam desistir a qualquer momento, caso não desejassem

continuar envolvidos no projeto. Porém, justifiquei a eles sobre a necessidade de contar com a contribuição de cada um e a importância que tinha o resultado desse trabalho para os próprios Monaikó (Ver anexo 3 A e B termo de consentimento e autorização de uso de imagem).

Na segunda viagem, já com os informantes selecionados, dei início aos trabalhos que ocorreram da seguinte forma: entrevistas acompanhadas de gravações; lembrando que a receptividade teve outro caráter bem mais descontraído e espontâneo. As primeiras entrevistas e gravações estavam relacionadas às narrativas orais expressas pelos informantes selecionados. As demais gravações tinham como objetivo reunir dados linguísticos²⁶.

Um segundo questionário foi elaborado posteriormente, para ser utilizado em campo no decorrer da minha terceira viagem, com o intuito de obter um maior número de respostas de caráter linguístico, comuns a todos os informantes, pois nos primeiros questionários as respostas eram divergentes, fato que impossibilitou a análise das mesmas.

Vale notar que situações dessa natureza podem ser entendidas de acordo com as colocações de Marconi e Lakatos (1999, p. 34), pois, “nem sempre é possível prever todas as dificuldades e problemas decorrente de uma pesquisa que envolve coleta de dados.”

O terceiro questionário também tinha como objetivo coletar dados linguísticos referentes à estrutura básica e à ordem das frases afirmativas, negativas com verbos transitivos e intransitivos.

2.2.3 As variantes

Entre os dados do Monaikó foi possível selecionar as variantes: idade, sexo, origem a partir de Labov (1966), que analisou a relação entre língua sociedade levando em consideração elementos que estão em constante mudança e sofrem influência tais como: classe social, sexo, valorização e desvalorização de grupos e grau de escolarização. Dessa forma, as informações do quadro 2, na página seguinte, apresentam as categorias referentes aos 10 (100%) informantes que se

²⁶ Por isso, neste momento se fez um recorte sobre o conjunto dos dez informantes, passando a considerar os dados linguísticos apenas de cinco: Alberto, Ambrósio, Matilde, Naide e Secundina.

dispuseram a contribuir com as gravações referentes aos dados linguísticos. Embora, no decorrer da pesquisa tenha-se optado em considerar os dados linguísticos de apenas cinco, porém, no primeiro momento, os demais também foram entrevistados.

Assim, no que se refere à faixa etária desses informantes, 40% têm idade que varia entre 52 a 60 anos; e acima de 60 anos apenas 10%. Já os 40% corresponde aos informantes com idade acima de 70 anos e somente 10% tem idade acima de 80 anos

Quadro 2 - Caracterização dos informantes

Inf.	Idade	Sexo	Identificação	Origem da mãe	Origem do pai	Comunidade
01	59	M	Monaikó	Monaikó	Monaikó	Araçá da Serra
02	88	M	Makuxi	Monaikó	Makuxi	Contão
03	69	F	Monaikó	Monaikó	Monaikó	Pedra Banca
04	74	F	Monaikó	Monaikó	Monaikó	Pedra Branca
05	60	F	Monaikó	Monaikó	Monaikó	Pedra Branca
06	52	F	Monaikó	Makuxi	Monaikó	Placa
07	56	F	Monaikó	Monaikó	Monaikó	Araçá da Serra
08	77	F	Monaikó	Monaikó	Wapichana	Placa
09	78	M	Monaikó	Monaikó	Monaikó	Igarapé do Galo
10	72	F	Monaikó	Monaikó	Monaikó	Contão

Fonte: Elaborado pela autora, 2012

No conjunto dos informantes, 30% correspondem ao sexo masculino e 70% ao sexo feminino, pois, como se vê o número predominante dos informantes é mulher. Desses 100%, apenas 10% se declararam ser Makuxi, os demais 90% se declaram Monaikó.

Quanto à origem dos pais, também foi relevante para determinar a identidade assumida por eles, por exemplo, na categoria origem da mãe: 90% Monaikó, 10% Makuxi, porém a informante em que a origem da mãe é Makuxi, esta se declara Monaikó considerando a origem do pai que é Monaikó.

No que se refere à origem do pai: 80% são Monaikó e 20%, outros grupos, isto é Makuxi e Wapichana. O informante, cuja origem do pai é Makuxi, este também

se declara Makuxi. Já a informante, filha de pai Wapichana se declara Monaikó.

2.3 Contextualizando os caminhos da linguagem

Para identificar e compreender melhor a realidade linguística vivenciada pelos Monaikó levou-se em consideração determinados conceitos referentes à língua, dialeto e variação linguística, tomando por base alguns estudos teóricos que discorreram sobre o assunto visto a seguir.

As primeiras preocupações com o estudo da língua pelo homem ocorrem desde o século V. a.C. a partir dos estudos de antigos gramáticos hindus. Estes contribuíram de forma significativa para o conhecimento de línguas através da gramática descritiva.

O foco da gramática descritiva estava dirigido para os cuidados quanto à preservação dos textos religiosos e das modificações que a língua vinha sofrendo. Para os hindus era pela palavra que se estabelecia uma relação com Deus, sempre da mesma forma, sem sofrer nenhum tipo de variação (ORLANDI, 1999).

Segundo Weedword (2002), os gregos também tinham uma preocupação filosófica em relação à sua própria linguagem. Suas indagações se referiam ao signo linguístico, se este seria imotivado ou não. Para eles, as palavras teriam sido criadas pela natureza ou por convenção.

Outros momentos foram relevantes para os estudos da linguagem, por exemplo, a construção das gramáticas gerais ocorrida no século XVII e das gramáticas comparadas, no século XIX. Partindo desses estudos e das discussões em torno do assunto, ainda no século XIX, percebe-se que as línguas se transformam no decorrer do tempo, independente da vontade do falante.

Mediante essas observações, estudos comparativos sobre as mudanças sonoras e gramaticais foram realizados com o objetivo de perceber afinidades entre as línguas e a partir das semelhanças encontrarem uma língua mãe, a qual teria dado origem a todas as outras línguas.

É importante ressaltar que outros linguístas também se debruçaram sobre os estudos da linguagem, mas para o estudo em foco é pertinente considerar os conceitos da fonologia gerativista proposto por Chomsky (1979). Este, em meados

do século passado, desafiou os estudos linguísticos já existentes propondo mudanças relevantes em relação à estrutura gramatical.

Para Chomsky (1979), os estudos desenvolvidos até então deixavam lacunas por não considerar o nível superficial e o profundo existentes na estrutura gramatical. Esses níveis não eram considerados importantes em pesquisas anteriores pelo fato de os estudos estarem centrados na forma.

A teoria desenvolvida por Chomsky (1979) tinha como suporte dois elementos: competência e desempenho. Competência estava relacionada ao conhecimento que o falante tinha da sua língua, enquanto que desempenho estava centrado no uso dessa competência. Nesse sentido, era necessário que a linguística evidenciasse o estudo da competência, ao invés do desempenho, que era o foco de estudo até então.

Sob esse entendimento, Chomsky assegura que a competência não se confunde com desempenho, que é o uso real da língua em situações concretas, o que na verdade o falante/ouvinte faz. Já o desempenho não só depende do conhecimento da língua, mas de outros fatores, como restrições de memória, atenção, crenças e conhecimento não linguístico (CHOMSKY, 1979).

Para Chomsky (1979), a língua era um conjunto infinito de frases, onde o falante ideal tinha a capacidade de compreendê-las ou reproduzi-las e ainda, criar novas frases levando em consideração o conhecimento que se tinha da estrutura profunda.

Percebe-se assim que o conceito de língua desenvolvido por Chomsky diverge dos estudos de Saussure. Enquanto para Saussure a língua se situa dentro do circuito da fala, Chomsky enfatiza que a língua é um conjunto de regras ordenadas. Estas possibilitam ao falante criar inúmeras orações gramaticais.

Posteriormente, novas tendências foram surgindo em relação ao estudo da diversidade linguística e mediante tais mudanças, principalmente no que diz respeito à língua, surgem campos de estudos a partir de um ramo da Linguística, a Sociolinguística para dar conta de todos esses aspectos, tendo como maior expressão os trabalhos de Labov (2008).

Este autor enfatiza que a linguagem tem uma função social, pois a língua não apenas transmite informações, mas mantém a relação comunicativa entre os interlocutores dentro de uma sociedade.

As primeiras investigações acerca de estudos sociolinguísticos surgiram a partir de Bright²⁷ (1964) e Fishman (1972), os quais passaram a incorporar os aspectos sociais nas descrições linguísticas. Bright (1964) afirmava que a diversidade linguística é precisamente a matéria de que trata a Sociolinguística. Essa nova área de estudo linguístico surge confusa e desprovida de um grande marco teórico.

Diante dessa perspectiva, Bright (1964) enfatiza que o objeto de estudo da Sociolinguística está relacionado ao estudo da língua falada, observada e analisada em seu contexto social, isto é, o estudo da diversidade linguística.

Nesse sentido, a Sociolinguística revela que a língua não é homogênea, existe uma diversidade que possibilita mudanças. Essas mudanças ou variedades linguísticas podem ocorrer em espaço físico com falantes de origem geográfica distinta, ou até mesmo dentro de uma mesma área geográfica.

No caso do Brasil, pelo fato de ser um país extenso e com uma população diversificada, porém utilizando uma mesma língua majoritária, isso não é um impedimento para que não haja uma heterogeneidade linguística dentro do mesmo estado ou comunidade linguística.

Quanto aos Monaikó, é possível que os aspectos geográfico, social e espacial tenham influenciado a questão linguística, pois, hoje quase não se percebe uma distinção de traços em suas falas. Muito embora, eles próprios continuem afirmando com muita propriedade que percebem as diferenças entre suas respectivas falas. Partes desses depoimentos são apresentados no recorte das narrativas como se mostra logo adiante.

Vale ressaltar que Abbott (1991) apontou a fala dos Monaikó como um suposto dialeto da língua Makuxi, contudo, sem maiores aprofundamentos. Oportunamente, toma-se o conceito de dialeto para entender que a fala Monaikó difere da fala Makuxi, conforme expressão do senhor Alberto:

A minha fala não consegue acompanhar essa outra fala, eu não consigo igualmente falar essa fala. O Makuxi que ta se falando hoje, ta dizendo assim: [tabiia],/tapîya/ [ta ,re' buia],/tarepuya/ fala pesada. A minha fala é: [ta ,repuia],/tarepuya/ [ta? ,to' ða], /ta'toya/ [ta ,repî' ,to' ða] /tarepî'toya/. Eu entendo, mas não consigo falar é uma língua

²⁷ Willian Bright foi um grande linguística norte americano que organizou um congresso em 1964 com vários estudiosos da relação entre língua e sociedade, onde o termo Sociolinguística foi consagrado.

diferente, nem eles conseguem falar essa minha fala (ALBERTO, gravação concedida no dia 22 de setembro de 2011).

Conforme se verifica no fragmento da gravação do senhor Alberto, este parece ser convicto de que na verdade há distinção entre sua fala e a fala de um Makuxi. Em conversação se entendem, porém, nenhum nem outro consegue manter com fluência as duas falas.

Outro depoimento que também apresenta vestígios de que tanto a fala Monaikó como a fala Makuxi se diferem entre si foi de dona Matilde:

Eu acho uma diferença do Makuxi pro Monaikó. Eu como Monaikó, eu falo [u ' pu], /upu/ outra pessoa fala [u ' bu], /upu/ é isso que agente acha uma diferença. [tauia], /tauya/ a outra fala [ta ' wa]. /tawa/. Eu digo [ko? ' ko], /ko'ko/ ele já diz [ko ' go], /koko/ [ka , ne ' be], eu digo [kane ' pe], /kanepé/ a diferença tá aí, eu falo na minha sutaque, [ta , repi ' ia], /tarepîya/ [pu ' pai], outra vai dizer [tarebuia], [pu ' bai]. Então, ali agente acha diferença entre nossas falas, né? De Monaikó pra Makuxi (MATILDE, gravação realizada no dia 21 de setembro de 2011).

É possível observar também no recorte da gravação de dona Matilde alguns aspectos importantes relativos às diferenças vivenciadas por ela enquanto Monaikó. Ela afirma que a diferença está na pronúncia de certas palavras e no sotaque. Afirmou ainda, que o Makuxi fala bem arrastado e deu como exemplo a frase: [*tabuia te manõ*] 'ela disse para menina'

Do ponto de vista teórico, julgo importante analisar sobre essas diferenças à luz do que afirma Ferreira (2003), que dialetos são variações faladas por comunidades geograficamente definidas. Pode-se entender ainda, por dialeto as variações de pronúncia, vocabulário e gramática pertencentes a uma determinada língua. Os dialetos não ocorrem somente em regiões diferentes, pois numa determinada região existem também as variações dialetais etárias, sociais, referentes ao gênero masculino e feminino.

Outro aspecto interessante que também subsidiou o entendimento das diferenças entre Monaikó e Makuxi diz respeito à variação linguística, que segundo alguns teóricos, mais precisamente na concepção de Labov, toda língua muda e

varia, isto é, muda com o tempo e varia o espaço, além de variar também de acordo com a situação social do falante.

O trabalho de Labov configurou um paradigma diferente, de natureza dinâmica, onde a língua deixa de ser vista como uma estrutura estática e passa a ser vista como um sistema em constante mutação e profundamente comprometido com a estrutura social em que se insere (OLIVEIRA, 1999, p. 373).

Havendo variação linguística, é possível que se observe que ela não se dá aleatoriamente, senão sistematicamente por meio de uma organização de inúmeros fatores sociais, que utiliza os padrões de comportamento linguísticos observáveis.

Essas abordagens nos remetem a uma compreensão de que vários fatores contribuem com o processo evolutivo linguístico de um determinado grupo.

2.3.1 Monaikó: língua ou dialeto

A busca por clarificar a fala de um Monaikó frente a um Makuxi já não é algo recente. No decorrer das entrevistas, a todo o momento, foram observadas no depoimento, tanto de um Makuxi como de um Monaikó, expressões que davam conta de perceber que há entre ambos determinados termos que se divergem quanto à sua pronúncia caracterizando-se por um falar diferente.

Agora essa outra língua mais profundo, pesado vai falar: [u 'zi], [u 'bu], [pu 'bai], fale dele né? Agora eu falo assim: [u 'ʃi], /usi/ 'minha perna' [u 'pu], /upu/ 'meu pé' [pu 'pai] /pupai/ 'cabeça' Essa nossa fala é assim (NAIDE, gravação concedida no dia 22/03/2011).

A questão a esclarecer persiste no por que de tais afirmações que os Makuxi e Monaikó falam diferentes. Nesse sentido é adequado relembrar as perguntas que embasaram esta pesquisa, as quais foram expostas na introdução desse trabalho.

Outro argumento que favorece a ideia de que os Monaikó falam diferente dos Makuxi encontra-se no depoimento da senhora Antonia quando mencionou que os Monaikó falam assim:

[Einã tare sabũda piwai, warinã, erēpāgi onō pita ati hã siriri
ãpi ãpita ati utsanē umiriya utsanē siriri ʃibu 'ta u ,pata 'ða
u ,muri 'ya udi wari 'nã].

/Einan tare sapuntapî wai, warinan erenpankî onon pîta atî ran sîrîrî. Siputa upataya umuriya utî warinan/.

'sim, já estou dormindo, deitada. É mesmo? Vamos chegar. Tá indo pra onde? Eu não to indo pra lugar nenhum. Coitado. to indo pra minha roça, coitado to indo pro meu lugar, minha roça, é mesmo? (ANTONIA, gravação concedida no dia 13/04/2011).

Quando dona Antonia afirmou que os Monaikó falam diferentes estava se referindo aos termos /einan/ que em Makuxi é /inna/ 'sim' e o termo /warinan/ 'sim' usado apenas pelos Monaikó. É provável que transformações possam ter ocorrido no Monaikó em seus vários aspectos envolvendo a fonologia, a morfologia e a sintaxe. É possível também que a comunicação entre os Monaikó, em tempos anteriores estivesse centrada em uma língua própria. Mas, devido aos diversos fatores, entre eles, o deslocamento geográfico e os casamentos intergrupais, essa língua foi se modificando até os dias atuais.

Conseqüentemente, seguindo tal perspectiva e reconhecendo que os Monaikó mantiveram com os Makuxi uma relação de amizade, é possível que tenham ocorrido perdas significativas, mas por questões de sobrevivência física e cultural recriaram comportamentos e concepções que lhes permitissem viver entre os Makuxi.

As questões aqui levantadas no que concerne à língua são hipóteses que, com pesquisas posteriores poderão ser abalizadas com mais afinco. Além da hipótese de língua, talvez seja possível comprovar que a partir de um certo período, os Monaikó passaram a viver diluídos entre os Makuxi, compartilhando das mesmas questões filosóficas e políticas inerentes a esse grupo.

Nesse sentido, o avançado grau de contato entre Monaikó e os Makuxi, que se trata de um grupo majoritário, de certo modo favoreceu o domínio destes últimos sobre os Monaikó, principalmente no que diz respeito à língua. Muito embora, o uso da linguagem compartilhada entre os falantes, de princípios sociais e linguísticos, ocorrem sem que haja quaisquer determinações pré-estabelecidas.

Percebe-se, portanto, que esses princípios são parte do universo dinâmico passível de mudanças a cada instante e são compartilhados pela comunidade envolvida no processo. Tais fenômenos podem ter contribuído aos Monaikó, no sentido de escolher a variante a ser usada em seu contexto.

Quanto à diferença encontrada em alguns termos Monaikó, estes se referem mais precisamente ao uso de certos morfemas, ou seja, partículas modificadoras de substantivos ou tempos verbais. Por exemplo, o termo /warinan/ que significa: ‘sim, é mesmo’, acrescido do prefixo war-, ao termo /inna/ ‘sim’ do Makuxi. /tauya/ ‘tô dizendo’ diferente de /tawa/ ‘tô dizendo’. /ayenukon/ ‘vamos embora’ se opõe a /tenpaikon/ ‘vamos embora’. Essas variações, dentro de uma comunidade, tanto no que se refere à pronúncia ou mesmo ao vocabulário, na concepção de Ferreira (2003) tratam-se de dialetos.

Também nas abordagens apresentadas por Silva (2008), que se refere à variação dizendo que não há variante melhor ou pior de uma língua. Para essa autora, embora todo e qualquer indivíduo tenha características específicas em sua fala, há uma enorme porção compartilhada com os outros indivíduos e definem-se assim os dialetos ou variantes de uma língua.

Quadro 3 - Variação linguística

Monaikó	makuxi ²⁸	monaikó	makuxi	significado
[a , ðenu ' kō]	[tēbaikō]	/ayenukon/	/tenpaikon/	‘vamos embora’
[aw ' ta]	[atta]	/auta/	/atta/	‘rede’
[ε? ' rē]	[irē]	/e'ren/	/iren/	‘rio’
[i , neka ' ta]	[inεgada]	/inekata/	/inekata/	‘cabeça’
[kai ' kaŋ]	[kaigaŋ]	/kaikan/	/kaikan/	‘tatu peba’
[kai ' wã]	[ika: ʒe]	/kaiwan/	/ikaase/	‘gordo’
[ka , nε ' pε]	[kanεbe]	/kanepe/	/kanepe/	‘rápido, depressa’
[ka ^h , tupu ' ru]	[katurubu]	/ka'tupuru/	/katurupu/	‘nuvem’
[, kɔrε ' nã]	[kure?nε]	/korenan/	/kure'ne/	‘grande’
[kɔ? ' kɔ]	[kɔ?gɔ]	/ko'ko/	/ko'ko/	‘vovó’
[ku , tɔ? ' ka]	[katɔ?ka]	/kuto'ka/	/kato'ka/	‘algodão’
[mu ' re]	[mɔre]	/mure/	/more/	‘criança’
[pu ' pai]	[pubai]	/pupai/	/pupai/	‘cabeça’

²⁸ Como se observa a descrição fonética das palavras em Makuxi foi realizado de acordo com a fonte, isto é, não estão acentuadas.

[ta ,ɾɛpu 'ia]	[tabiia]	/tarepuya/	/tapîya/	‘ele disse’
[tau 'ia]	[tawa]	/tauya/	/tauya/	‘estou dizendo’
[u 'ʃi]	[uʒi]	/usi/	/usi/	‘minha perna’
[u 'pu]	[ubu]	/upu/	/upu/	‘meu pé’
[wa ,ri 'nã]	[iŋa]	/warinan/	/inna/	‘é mesmo, sim’

Fonte: Monaikó elaborado pela autora (2011) Makuxi: Amodio & Pira (2007)

Em Monaikó prevalece o uso dos segmentos desvozeados [p] /p/, [k] /k/ e [ʃ] /s/ frente ao vozeamento em Makuxi. Com as vogais, também ocorre variação entre /u/ alta posterior e /a/ vogal baixa central, nos termos /kuto'ka/ e /kato'ka/ ‘algodão’ e ainda as vogais /o/ média aberta, /u/, /a/ e /e/ vogal média fechada, todas localizadas nos termos /korenan/ e /kure'ne/ ‘grande’, /mure/ e /more/ ‘criança’. Também na palavra ‘rio’, Monaikó fala /e'ren/ enquanto Makuxi fala /iren/.

Em termos lexicais em Monaikó se diz /warinan/ se referindo a ‘sim, é mesmo. Já em Makuxi é /inna/ ‘sim’, /kaiwan/ e /ikaase/ ‘gordo’. Embora não seja objetivo dessa pesquisa comparar Monaikó com Makuxi, contudo, esses dados servem para mostrar a variação linguística²⁹ existente entre as fala de um Monaikó e um Makuxi.

²⁹ No anexo 4, encontra-se o inventário lexical do Monaikó-Português.

CAPÍTULO III – FONOLOGIA MONAIKÓ

3.1 Dois momentos: fonético e fonológico

Para assegurar a compreensão da análise em foco é relevante apresentar os conceitos referentes ao processo fonético e fonológico, na visão de alguns teóricos, mais precisamente na visão de Câmara (1970), Saussure (1922), dentre outros.

Saussure (1922) se referiu à língua como um sistema simbólico onde o conteúdo mental, que é o significado, integra-se à expressão oral que se pode chamar de significante. Assim sendo, todo significante relacionado ao significado constitui a fala, que é a produção oral e o resultado da fonação.

Outro conceito que se refere ao som da fala foi assim definido: “a fala é um sistema de signos acústicos, e quando nos falamos, são os sons que nós interpretamos, e não os movimentos articulatórios que serviram para emitir esses sons e que, na sua maioria, nos escapam” (GRAMMONT, 1935 apud CÂMARA, 1942, p. 47).

A partir dessas informações, entende-se que Fonética é a ciência que estuda os sons da fala ou fones, e tem como principais áreas de interesse: a fonética articulatória que compreende o estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatório; a Fonética auditiva que compreende o estudo da percepção da fala; a Fonética acústica que compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala a partir de sua transmissão do falante ao ouvinte; e por último, a Fonética instrumental que compreende o estudo das propriedades físicas da fala, levando em consideração o apoio de instrumentos laboratoriais (SILVA, 2008, p. 23).

Enquanto a Fonética se preocupa com uma grande dimensão de sons possíveis na fala, por outro lado, a Fonologia se ocupa das unidades fonêmicas que têm valor distintivo capaz de funcionar em uma língua para diferenciar vocábulos.

Fonologia na visão de Câmara (1970) é o estudo dos sons, uma significação composta pelos elementos gregos "fono" (som) e "logia" (estudo). Em outros termos, a fonologia pode ser conceituada também como uma vertente gramatical responsável por estudar os fonemas. Em síntese, a fonologia preocupa-se em estudar os sons de maneira sistematizada de acordo com cada língua.

Após essa breve introdução, e, sob a vertente da fonologia descritiva, buscase reconhecer os sons produzidos em Monaikó, bem como identificar como e onde são articulados. A exposição dos dados começa pelo sistema vocálico e segue com o sistema fonológico.

3.1.1 Segmentos vocálicos

Na visão de Câmara (1986), vogais são fonemas que, de acordo com a estrutura fonética articulatória, são produzidos com a corrente de ar passando livremente pela cavidade bucal distinguindo o efeito acústico assumido por essa cavidade. Silva (2008), por sua vez, ao olhar também para a descrição dos segmentos vocálicos, leva em consideração os aspectos: posição da língua em termos de altura, posição da língua em termos anterior e posterior, arredondamento ou não dos lábios.

Quanto à posição da língua, Câmara (1986) esclarece que nesse processo ocorre a elevação gradual da língua, o que estabelece a distinção entre baixa, média e alta. Já em relação aos termos anterior e posterior, diz-se devido ao avanço ou recuo da língua transformando a vogal em anterior, central e posterior. E ainda a vogal não-arredondada ou arredondada, que é dita conforme arredondamento ou distensão dos lábios.

Assim, pode-se dizer que Monaikó tem um conjunto de seis fonemas vocálicos, a saber: /a/, /e/, /i/, /ĩ/³⁰, /o/, /u/ como se pode observar, em Monaikó não ocorrem vogais longas igualmente como em Makuxi, apenas no plano fonético.

Mediante essas abordagens, apresento o quadro das vogais em Makuxi conforme MacDonell (2003) e paralelo a este quadro, as vogais em Monaikó de acordo as pesquisas de Oliveira (2011), bem como as ocorrências dessas vogais nos ambientes de palavras expressas por Monaikó.

Vale ressaltar que a opção por incluir o quadro referente às vogais e as consoantes da língua Makuxi, organizado por MacDonell (2003), serve para mostrar as diferenças dialetais, quanto aos segmentos vocálicos e consonantais.

³⁰ Para a representação do fonema [ĩ] / ĩ / vogal alta central optou-se pela dotação escrita /ĩ/ porque já é bastante difundido entre os Monaikó e Makuxi. Portanto, não é produtivo criar outro tipo de simbologia que venha confundir os falantes e professores que trabalham com as línguas.

Quadro 4 - Fonemas e alofones vocálicos do Makuxi

Língua	Makuxi		
Vogais	Anterior	Central	Posterior
Fechada	i i:	[ɨ] i:	u u:
Média Fechada	e e:		
Média aberta			o o:
Aberta baixa		a a:	

Fonte: MacDonell (2003)

Quadro 5 - Fonemas e alofones vocálicos do Monaikó

Língua	Monaikó		
Vogais	Anterior	Central	Posterior
Fechada	i	î[i]	u [u]
Média Fechada	e		[o]
Média aberta	[ɛ]		[ɔ]
Aberta baixa		a [e]	

Fonte: Elaborado pela autora, 2012

3.1.2 As vogais do Monaikó

/a/ vogal baixa central, não arredondada realiza-se no início, no meio e fim de palavras, como nos exemplos a seguir:

- (01) a. /a'nai/ [aʔ 'nai] 'milho'
 b. /pupai/ [pu 'pai] 'cabelo'
 c. /unta/ [ũ 'da] 'minha boca'

O segmento /a/ tem como alofone os segmentos [a], [ã]

- (02) a. /tuna/ [tu 'na] ~ [tu 'nã] 'água'
 b. /pana/ [pa 'na] ~ [pa 'nã] 'orelha'

O segmento / e / médio anterior, fechada ocorre no início de palavras seguidas de uma oclusiva glotal, no meio de palavra seguida de consoante nasal e no final de palavras:

(03)	a. /e'ma/	[ɛʔ 'ma]	'caminho'
	b. /e'ren/	[ɛʔ 'rẽ]	'rio'
	c. /inke/	[ĩ 'gê]	'brilho'

O segmento /e/ tem como alofone [e] e [ɛ] e pode flutuar com [i]

(04)	a. /naire/	[nai 'rɛ]	'remo'
	b. /akare/	[a ,ka: 'rɛ]	'jacaré'
	c. /seni/	[sɛ 'ni] ~ [ʃi 'ni]	'este'

/ o / vogal média fechada posterior, arredondada quase não se realiza no início de palavras, mas é bastante produtiva nos seguintes ambientes, meio e final de palavras como nos exemplos e tem como alofone [ɔ].

(05)	a. /orota/	[ɔrɔ 'ta]	'barriga'
	b. /kono/	[kɔ 'nɔ]	'chuva'
	c. /moro/	[mɔ 'rɔ]	'peixe'

O [ɔ] é alofone de /o/, quando for seguido de /m/ como na palavra [wa ,ðamo 'ri] /wayamori/ 'jabuti' e [ða 'mo] /yamo/ 'cabeceira de igarapé'.

/ u / vogal alta posterior, arredondada se realiza no início, meio e final de palavras, tendo como alofone [u]:

(06)	a. /urapa/	[u ,ra: 'ba]	'arco'
	b. /kupî/	[ku 'pi]	'lago'
	c. /muru/	[mu 'ru]	'tatu bola'

Normalmente pode ocorrer flutuação entre [u] ~ [o]

d. /mure/ [mu' rɛ] ~ [mɔ' rɛ] 'criança'

/i/ vogal alta anterior, ocorre no início, no meio e final de palavras:

- (07) a. /i'moi/ [iʔ' moi] 'ovo'
 b. /waira/ [wai' ra] 'anta'
 c. /a'nai/ [aʔ' nai] 'milho'

O /î/ alta central fechada ocorre no meio e no final de palavras, depois de um segmento nasal, das oclusivas /p/, /t/, /k/ e da glide /w/ podendo flutuar com [o], [u].

- (08) a. /inî/ [i' nɛ̃] 'panela de barro'
 b. /urunupî/ [u, ru:nu' pɛ̃] 'cinza'
 c. /mikî/ [mi' kɛ̃] 'formiga'
 d. /wîtî/ [wi' ti] 'casa'
 e. /mî/ [mɛ̃] ~ [mo] ~ [mu] 'roça'

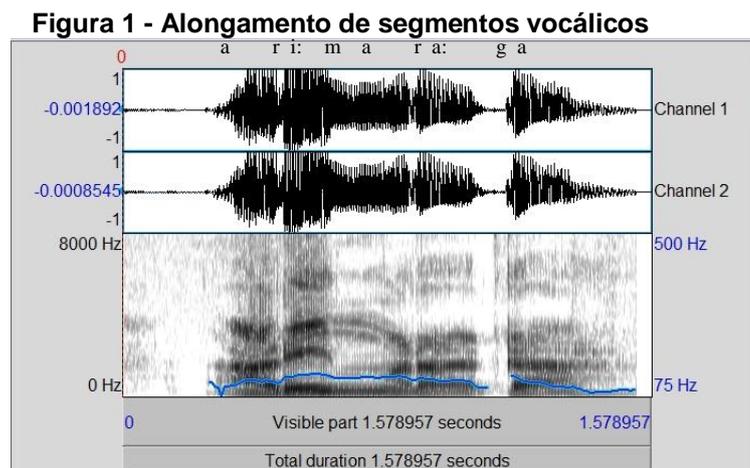
Em qualquer palavra as vogais /i/, /u/, /e/, /o/, /a/, quando precedidas por consoante nasal que não tem traço especificado, assimilam o traço do segmento nasal.

- (09) a. /waikin/ [wai' kī] 'veado'
 b. /pun/ [pũ] 'carne'
 c. /toron/ [to' rō] 'passarinho'
 d. /karangarapo/ [ka, rāga, ra' pɔ] 'carvão'

Em Monaikó, encontram-se segmentos vocálicos alongados apenas no nível fonético como se mostra a seguir:

(10) a. /arimaraka/	[a , ri:ma , ra: 'ga]	'cachorro'
b. /akare/	[a , ka: 'rɛ]	'jacaré'
c. /marapa/	[ma , ra: 'pa]	'morcego'
d. /urapa/	[u , ra: 'ba]	'arco'
e. /warara/	[wa , ra: 'ra]	'tartaruga'
f. /istenapî/	[iʃ , tɛ:na 'pi]	'semente'
g. /kariwînan/	[ka , ri:wi 'nã]	'galinha'
h. /iwarika/	[i , wa:ri 'ka]	'macaco'
i. /ukumatu/	[u , ku:ma 'tu] ³¹	'minha lenha'
j. /paruru/	[pa , ru: 'ru]	'banana'
l. /sumari/	[ʃu , ma: 'ri]	'ralo'

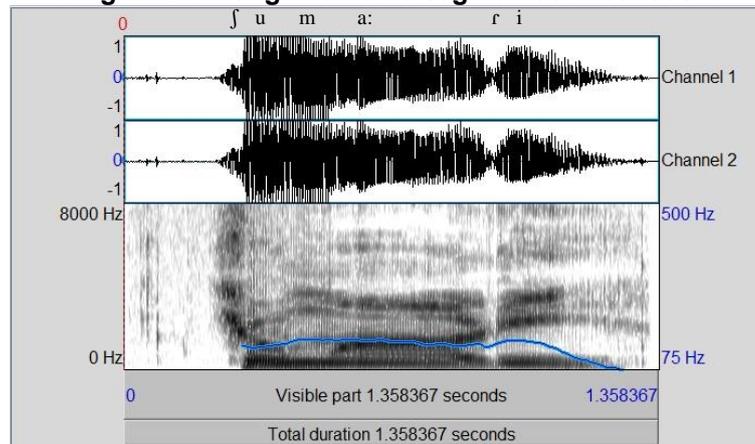
Assim, assume-se que os poucos segmentos longos [a:], [e:], [i:] [u:] que aparecem no Monaikó sejam motivados pela posição que a vogal ocupa na estrutura silábica da palavra, ou seja, na segunda sílaba da palavra quando for do tipo CV. O segmento vocálico [i] não foi realizado como alongado entre os dados.



Fonte: Programa Praat (2012)

³¹ Quando a palavra lenha estiver na forma possuída, a denominação será: /u-kumatu/ 'minha lenha', mas quando o termo estiver na forma livre a designação é: /po'kome/ 'lenha'

Figura 2 - Alongamento de segmentos vocálicos



Fonte: Programa Praat (2012)

Mediante tais exemplos, percebe-se que o alongamento dos segmentos vocálicos não é fonológico em Monaikó.

3.1.3 Contraste fonêmico: as vogais

Os contrastes entre as vogais são exemplificados através de pares de palavras que se opõem no conjunto de suas realizações. Estas oposições estão apresentadas nos exemplos a seguir:

- | | | |
|----------------|------------|-------------|
| (11) a. /i, o/ | /mikî/ | ‘formiga’ |
| | /moro/ | ‘peixe’ |
| b. /i, e/ | /warinan/ | ‘sim’ |
| | /kore’nan/ | ‘grande’ |
| c. /i, a/ | /i’po/ | ‘gostoso’ |
| | /a’po/ | ‘fogo’ |
| d. /u, e/ | /muru/ | ‘tatu bola’ |
| | /more/ | ‘criança’ |
| e. /o, e/ | /moro/ | ‘peixe’ |
| | /more/ | ‘criança’ |

f. /a, u/	/kawai/	‘tabaco’
	/kuwai/	‘buriti’
g. /a, o/	/kapoi/	‘lua’
	/kono/	‘anzol’
h. /i, i/	/mikî/	‘formiga’
	/komi/	‘frio’

Como se pode observar, os fonemas vocálicos presentes nas sílabas representam unidades distintas, pois dentro do sistema linguístico contrastam significados, além do mais, posicionam-se em sentido diferente quanto à posição da língua, como:

/i/ vogal alta anterior, fechada diferente de /u/ alta posterior, /i/ diferente de /o/ que é uma vogal média posterior, /i/ diferente de /e/ vogal média anterior, /i/ diferente de /a/ vogal baixa central, aberta.

/u/ vogal alta posterior diferente de /e/ vogal média anterior.

/o/ vogal média posterior aberta se diferencia de /e/ vogal média anterior, embora sejam vogais médias, contrastam-se quanto ao significado. Assim, /a/ se diferencia de /u/ e de /o/. Quanto aos fonemas /i/ e /î/, ambos altos e fechados, opõem-se pela posição anterior e central e pelo significado.

Também estão presentes nos exemplos a seguir uma sequência de vogais que constituem as sílabas.

(12) a.	/ai/	/waira/	‘anta’
	/au/	/auta/	‘rede’
b.	/ei/	/yei/	‘árvore’
	/eu/	/euna/	‘nariz’
c.	/oi/	/kapoi/	‘lua’
	/ei/	/wei/	‘sol’

A sequência de segmentos vocálicos como: /ai/, /ei/, /oi/, /au/ e /eu/ não idênticos dentro do sistema linguístico Monaikó permite dizer que eles têm status e podem coexistir entre os dados. Estes variam em termos de frequência, pois os segmentos /ai/, /ei/ e /oi/ são os mais frequentes em relação à sequência /au/ e /eu/.

3.2 Consoantes

As consoantes identificadas em Monaikó também foram analisadas sob aspectos teóricos de ordem descritiva a partir de autores como Silva (2008), ao afirmar que o segmento consonantal é entendido como um som produzido com algum tipo de obstrução total ou parcial da corrente de ar nas cavidades supraglotais podendo ou não haver fricção.

Outro autor que também se reporta ao que seja e como funciona a consoante é Câmara (1985). Este diz que a consoante é o elemento que se combina com a vogal silábica para formar sílaba, e as diferenças articatórias ocorrem de acordo com a posição que ocupam na palavra.

As demais consoantes se diferenciam, sobretudo, pela natureza dos articuladores que são: bilabiais, labiodentais, alveolares, palatais, velares. A seguir, quadro representativo das consoantes e seus alofones em Monaikó e o quadro das consoantes em Makuxi de autoria de MacDonell, (2003).

Quadro 5 - Fonemas e alofones consonantais do Monaikó

Consoantes	Bilabial	Alveolar	Post. alveolar	Palatal	Velar	Velar
Oclusivas: VD	p [b]	t [d]			k [g]	ʔ [h]
Fricativas: V/D		s [z]	[ʃ] [ʒ]	[ç]		
Africada			[tʃ]			
Nasal	m	n		[ɲ]	[ŋ]	
Tepe		r [r] [h]				
Glides	w			y [ø]		

Fonte: Elaborado pela autora, 2012

Quadro 6 - Les consonnes makuxis

Consonnes	Labiales	Alvéolaires	Post-alvéolaires	Palatales	Vélares	Glottales
Orales	p	t			k	ʔ
Nasales	m	n				
Fricatives		ð	s	j	w	
Vibrantes		r				

Fonte: MacDonell, 2003 p. 94

3.2.1 Os fonemas consonantais

Os fonemas consonantais e os alofones presentes em Monaikó envolvem o conjunto das oclusivas /p/, /t/, /k/ e /ʔ/ e posteriormente a fricativa /s/, as nasais /m/ /n/, o tepe /r/ e os glides /w/ e /y/.

O /p/ oclusiva bilabial desvozeada ocorre no início e meio de palavras e tem como alofone [p] e [b] e pode flutuar com [b]:

- (13) a. /pana/ [pa'na] 'orelha'
 b. /perisi/ [pɛri'ʃi] 'cotovelo'
 c. /pimi/ [pi'mi] 'pimenta'
 d. /pupai/ [pu'pai] ~ [pu'bai] 'cabeça'
 e. /sipo/ [ʃi'pɔ] ~ [ʃi'bɔ] 'cabelo'
 f. /komanpîra/ [kɔ , mǎpi'ra] ~ [kɔ , mǎbi'ra] 'ontem'

O segmento /t/ oclusiva alveolar desvozeada ocorre nos seguintes ambientes no início e no meio de palavras, tem como alofone [t], [d] e flutua com [d] apenas no meio de palavras:

- (14) a. /toron/ [tɔ'rõ] 'pássaro'
 b. /kuto'ka/ [ku , tɔ?'ka] 'algodão'

c. /orota/	[ɔrɔ 'ta] ~ [ɔrɔ 'da]	'barriga'
d. /unta/	[ũ 'ta] ~ [ũ 'da]	'minha boca'
e. /utî/	[u 'ti] ~ [u 'di]	'eu vou'

O segmento /k/ oclusiva velar desvozeada se realiza no início e no meio de palavras e tem como alofone [k], [g], podendo flutuar com [g] no meio de palavras, sempre precedida da vogal média /o/.

(15) a. /kapoi/	[ka 'poi]	'lua'
b. /kono/	[kɔ 'no]	'chuva'
c. /iwarika/	[i , wari: 'ka]	'macaco'
d. /kuto'ka	[ku , tɔ? 'ka]	'algodão'
e. /ko'ko/	[kɔ? 'kɔ] ~ [kɔ? 'gɔ]	'vovó'
f. /pemonkon/	[pɛ , mō 'kō] ~ [pɛ , mō 'gō]	'povo'
g. /urunukon/	[u , ru:nu 'kō] ~ [u , ru:nu 'gō]	'nós'
h. /po'kome/	[pɔ? , kɔ 'mɛ] ~ [pɔ?gɔ 'mɛ]	'lenha'

A /ʔ/ oclusiva glotal se realiza no meio e final de palavras:

(16) a. / e'man/	[ɛʔ 'mã]	'caminho'
b. /a'ne/	[aʔ 'nɛ]	'quente'
c. /sa'/	[saʔ]	'batata'
d. /koto'ka/	[kɔ , tɔ? 'ka]	'algodão'

/ʔ/ tem também como alofone [ʃ] quando precedida de /i/ e seguida de /p/:

(17) a. /i'po/	[iʃ 'pɔ]	'gostoso'
----------------	----------	-----------

Frequentemente no meio de palavras, a glotal / ʔ/ pode flutuar com [h] fricativa aspirada vozeada e ocorre quando estiver antes de /p/, /t/ e /k/.

- (18) a. /a'po/ [aʔ'pɔ] ~ [, a^h'pɔ] 'fogo'
 b. /ka'tupuru/ [kaʔ , tupu'ru] ~ [ka^h , tupu'ru] 'nuvem'
 c. /a'keton/ [, a^hkɛ'tõ] ~ [, aʔkɛ'tõ] ~ [, aike'ton] 'velho'
 d. /pana'kon/ [pa , naʔ'kõ] ~ [pa , na^h'kõ] 'nossas orelhas'
 e. /u'pon [uʔ'põ] ~ [, u^hpõ] 'minha roupa'

No conjunto das fricativas encontram-se o segmento /s/ alveolar desvozeada com os seguintes alofones [s], [ʃ], [ð] e [ʒ].

- (19) a. /sakanen/ [sa , ga' nẽ] 'dois'
 b. /san/ [sã] 'mãe'
 c. /samanta/ [sa , mã'ta] ~ [ðã , mã'da] 'morrer'
 d. /sumari/ [su , ma: 'ri] ~ [ʃu , ma: 'ri] 'ralo'
 e. /perisi/ [pɛ , ri'si] ~ [pɛ , ri'ʃi] 'cotovelo'

O [ʒ] fricativa alveolar vozeada pode flutuar com [s] [ʒ] e [ʃ] e se realiza no meio de palavras:

- (20) a. /usi/ [u'zi] ~ [u'ʃi] 'minha perna'
 b. /urisi/ [uri'zi] ~ [uri'ʃi] 'minha irmã'

O [tʃ] africada alveolar desvozeada é o único que não ocorre em variação livre, pois sua realização está condicionada à presença da vogal alta [i] e [u]

- (21) a. /istiwi/ [iʃ , tʃi'wi] 'casa dele'
 b. /tiwin/ [tʃi'wi] 'um'
 b. /tun'pa/ [tʃũʔ'ba] 'abano'

Em Monaikó, as consoantes nasais são realizadas respectivamente como labial /m/, alveolar /n/ e /N/ um elemento não especificado em coda silábica.

O /m/ bilabial nasal vozeada tem como alofone [m] e se realiza no início e no meio de palavras como nos exemplos:

- | | | | |
|------|-----------|----------|-------------|
| (22) | a. /moro/ | [mɔ 'rɔ] | 'peixe' |
| | b. /muru/ | [mu 'ru] | 'tatu bola' |
| | c. /pimi/ | [pi 'mi] | 'pimenta' |
| | d. /komi/ | [kɔ 'mi] | 'frio' |

O segmento nasal /n/ alveolar ocorre no início e no meio de palavras:

- | | | | |
|------|------------|-----------|---------|
| (23) | a. /naire/ | [nai 'rɛ] | 'remo' |
| | b. /kono/ | [kɔ 'no] | 'anzol' |

O /n/ tem como alofones [n], [ɲ], [ɳ] e pode flutuar [ɲ] e [ɳ] em sílaba travada:

- | | | | |
|------|--------------|-------------------------------|---------|
| (24) | a. /temukon/ | [tɛ , mu 'kõ] ~ [tɛ , nu 'kõ] | 'braço' |
|------|--------------|-------------------------------|---------|

O [ɳ] nasal palatal se realiza no meio de palavras quando precedida de [i], [u]:

- | | | | |
|------|----------|-----------------|---------------|
| (25) | a. /ino/ | [i 'nɔ] ~ [iɳɔ] | 'marido dela' |
| | b. /uno/ | [u 'nɔ] ~ [uɳɔ] | 'meu marido' |

[ŋ] nasal velar vozeada ocorre na sílaba final precedida por qualquer vogal, mas também quando for sucedida de uma oclusiva [k] ou [g].

- | | | | |
|------|-------------|-------------------------|-------------|
| (26) | b. /kaikan/ | [kai 'kãŋ] ~ [kai 'gãŋ] | 'tatu peba' |
|------|-------------|-------------------------|-------------|

O /r/ segmento tepe alveolar aparece em quase todos os ambientes exceto no final de palavras:

(27)	a. /waira/	[wai ' ra]	'anta'
	b. /akare/	[a , ka ' rɛ]	'jacaré'
	c. /kariwînan/	[ka , ri:wi ' nã]	'galinha'
	d. /moro/	[mɔ ' rɔ]	'peixe'
	e. /muru/	[mu ' ru]	'tatu bola'

O /r/ tepe alveolar tem como alofone [r], [r̥] e [ɻ] como nos exemplos:

(28)	a. / paruru/	[pa , ru: ' ru]	'banana'
	b. /marapa/	[ma , ra: ' ba]	'morcego'
	c. /uraro/	[ura: ' rɔ] ~ [wa: ' ɻo]	'homem'

No conjunto dos glides encontram-se os segmentos /y/ e /w/ que se realizam no início e meio de palavras.

O glide /y/ palatal ocorre no início e no meio de palavras e tem como alofone [ð] que se realiza sempre diante de [a] e [e].

(29)	a. /yei/	[yei] ~ [ðei]	'árvore'
	b. /ayan/	[a ' yã] ~ [a ' ðã]	'piolho'

Muitas vezes, a impressão de [ð] é muito próximo também de [z].

(30)	a. /wayamori/	[wa , ðamo ' ri]	'jabuti'
	b. /aya'/	[a ' ðaʔ]	'caranguejo'

O glide /w/ se realiza no início, no meio de palavras:

(31)	a. /waira/	[wai 'ra]	'anta'
	b. /kawono/	[ka , wə 'nə]	'estrela'
	c. /kawai/	[ka 'wai]	'tabaco'

3.2.2 Fonemas consonantais em oposição

Os pares de palavras que se diferenciam pela ocorrência de um único som são denominados pares mínimos, enquanto pares análogos podem ser vistos a partir de dois ou mais sons que se distinguem entre palavras distintas. Nesse sentido, os fonemas contrastados em Monaikó são estabelecidos a partir de pares mínimo e análogo, cujo intuito é o de mostrar os fonemas em contraste, conforme os exemplos a seguir:

(32)	a. /p/ e /t/	
	/puto/	'pés'
	/tuna/	'água'
	b. /p/ e /k/	
	/pupai/	'cabeça'
	/kuwai/	'buriti'
	c. /t/ e /k/	
	/toron/	'pássaro'
	/kono/	'anzol'
	d. /p/ e /m/	
	/pimi/	'pimenta'
	/miki/	'formiga'
	e. /s/ e /n/	
	/seni/	'aquele'
	/a'ne/	'quente'

f. /m/ e /n/	
/pemon/	‘povo’
/non/	‘terra’
g. /k/ e /w/	
/kaikan/	‘tatu peba’
/waikin/	‘veado’
h. /y/ e /w/	
/yei/	‘árvore’
/wei/	‘sol’
i. /t/ e /m/	
/tĩ/	‘pedra’
/mĩ/	‘roça’
j. /k/ e /m/	
/kono/	‘chuva’
/moro/	‘peixe’
l. /k/ e /s/	
/ka’/	‘céu’
/sa’/	‘batata’

3.3 Sílaba

Levando em consideração o contexto silábico dos vocábulos analisados em Monaiko, também é relevante apresentar alguns aspectos teóricos referentes à sílaba.

Os primeiros estudos correspondentes à sílaba eram realizados de forma linear, isto é, apontavam simplesmente para uma sequência de vogais e consoantes. Os traços de cada segmento não eram caracterizados corretamente, e ainda os

aspectos mais profundos da estrutura silábica, como o tom e o acento não eram identificados.

Muito embora os estudos sobre o conceito de sílaba, dentro da teoria fonológica, tenham iniciado na Escola Linguística de Praga, só em meados dos anos setenta é que foi incorporada à fonologia gerativa a partir dos trabalhos de Hooper (1976) e Kahn (1976).

Outro autor que também aborda questões pertinentes à sílaba e que se adota neste estudo é Câmara (1969). Este afirma que a sílaba é formada de um aclave, de um ápice e de um declive. A vogal constitui o ápice, enquanto o aclave é constituído por uma ou duas consoantes, já o declive é constituído por consoantes.

Segundo as análises desse autor, em Português, só se admitem até seis segmentos na sílaba, já que o molde silábico determina o número máximo e o mínimo de elementos permitidos numa sílaba em determinada língua.

Em síntese, as sílabas são construídas de vogais que se representam por V e consoantes representadas por C.

3.3.1 Estrutura silábica

Em Monaijó as palavras monossilábicas são restritas, as poucas que aparecem como, por exemplo, /mî/ 'roça' e outras mais que existem são resultados de redução silábica. Assim, a estrutura silábica apresenta as seguintes configurações:

(33) CV

a. /mî/	[mî]	'roça'
b. /mo/	[mɔ]	'minhoca'
c. /si/	[ʃi]	'perna'
d. /pu/	[pu]	'pé'

(34) CVC

a. /ka'/	[kaʔ]	'céu'
b. /non/	[nõŋ]	'terra'

	c. /pun/	[pũ]	‘carne’
(35)	VC.CV		
	a. /a’po/	[a ^h ’ pɔ]	‘fogo’
	b. /e’ma/	[ɛʔ’ ma]	‘caminho’
	c. /a’ne/	[aʔ’ nɛ]	‘quente’
(36)	CV.CV		
	a. /moro/	[mɔ’ rɔ]	‘peixe’
	b. /muru/	[mu’ ru]	‘tatu bola’
	c. /miki/	[mi’ ki]	‘formiga’
(37)	CVV. CVC		
	a. /waikin/	[wai’ kī]	‘veado’
	b. /kaikan/	[kai’ kãŋ]	‘tatu’

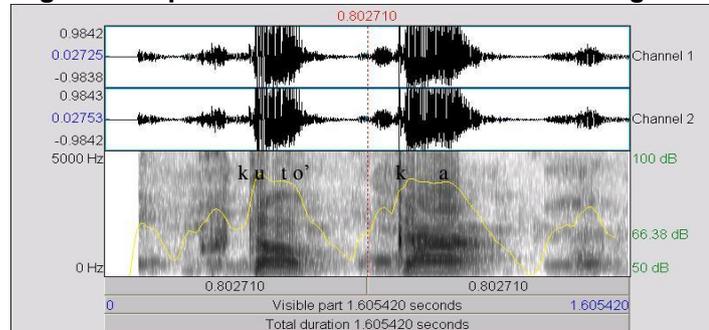
Na apresentação acima, foram detectadas palavras formadas por apenas uma sílaba, estas palavras se encaixam na estrutura mínima, isto é, a estrutura silábica universal CV /mĩ/ ‘roça’. As demais palavras são constituídas por três, quatro, ou mais segmentos resultando no padrão silábico: CV. CV; VC. CV; As figuras a seguir mostram a realização em Monaikó de dois tipos de padrão silábico CV e CVC, tendo nesse último o travamento silábico ocupado pelas consoantes /ʔ/ e /N/ respectivamente:

3.3.1.1 A estrutura das sílabas fonéticas

Mediante os padrões silábicos encontrados em Monaikó, apresenta-se na página seguinte as realizações fonéticas analisadas no programa Praat. Nas figuras (3) observa-se que os tipos de sílabas que compõe a palavra /kuto’ka/ é CV. CVC. CV, ou seja, três sílabas e a figura (4) constitui-se a partir de CVC.CV.CV /po’kome/. Na figura (5), percebe-se que a palavra /karankarapo/ é constituída a partir de 4

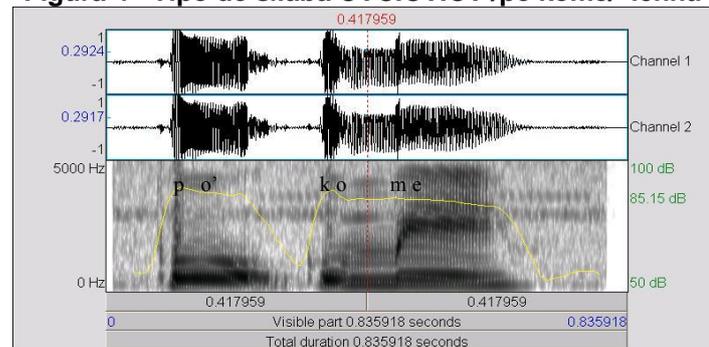
sílabas CV. CVC. CV. CV. CV percebe-se assim, a existência de dois padrões silábicos já ditos anteriormente.

Figura 3 - Tipo de sílaba CV. CVC.CV/kuto'ka/ 'algodão'



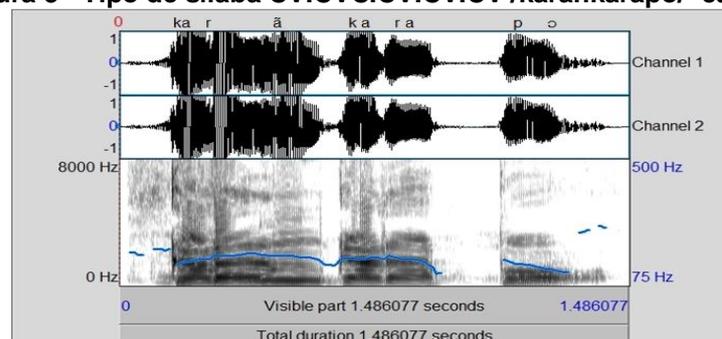
Fonte: Programa Praat (2012)

Figura 4 - Tipo de sílaba CVC.CV.CV /po'kome/ 'lenha'



Fonte: Programa Praat (2012)

Figura 5 - Tipo de sílaba CV.CVC.CV.CV.CV /karankarapo/ 'carvão'



Fonte: Programa Praat (2012)

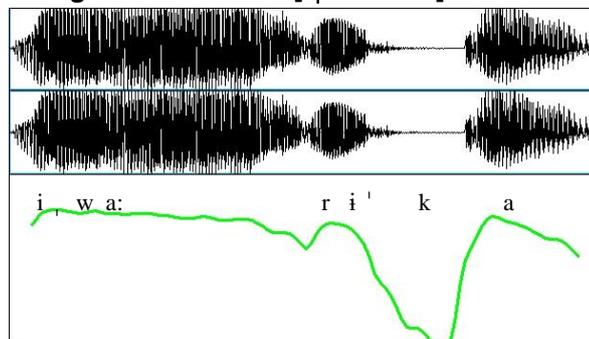
3.3.2 Regras de acentuação

Em Monaikó, a regra de acentuação ocorre obedecendo ao seguinte padrão: o acento principal, que regularmente cai na sílaba final, como na palavra

[pa , ru: ' ru], as duas primeiras sílabas são consideradas fracas, porém, além do acento principal ('), essa mesma palavra na segunda sílaba da esquerda para direita também recebe acento secundário (,).

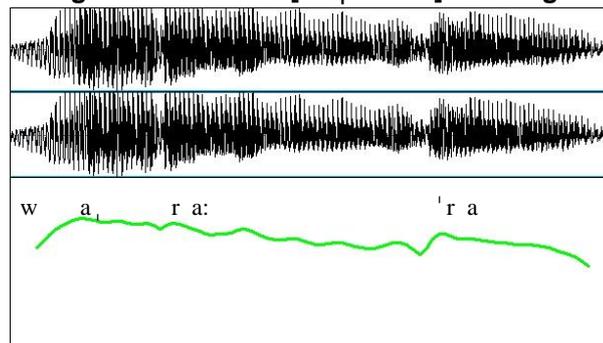
Como se vê na figura (6) /iwa:rika/ 'macaco', o acento secundário mede 87.6 dB enquanto o acento primário mede 87.14 dB, seguido de uma entonação descendente. Na figura (7) /wara:ra/ 'tartaruga', o acento secundário mede 80.27 dB enquanto que o acento primário mede 83.36 dB. Uma vez que em média o acento secundário e primário quase não apresentam diferença quanto as suas respectivas intensidades.

Figura 6 – /iwa:rika/ [i , wa:ri ' ka] 'macaco'



Fonte: Programa Praat (2012)

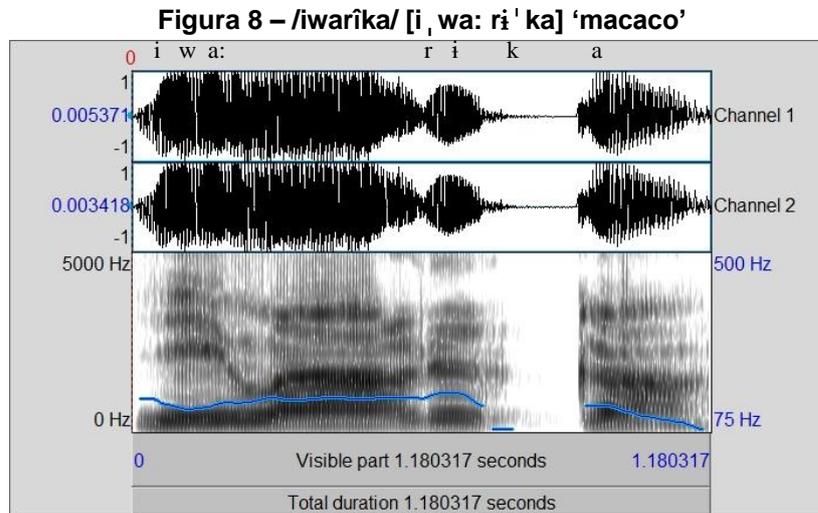
Figura 7 – /wara:ra/ [wa , ra: ' ra] 'tartaruga'



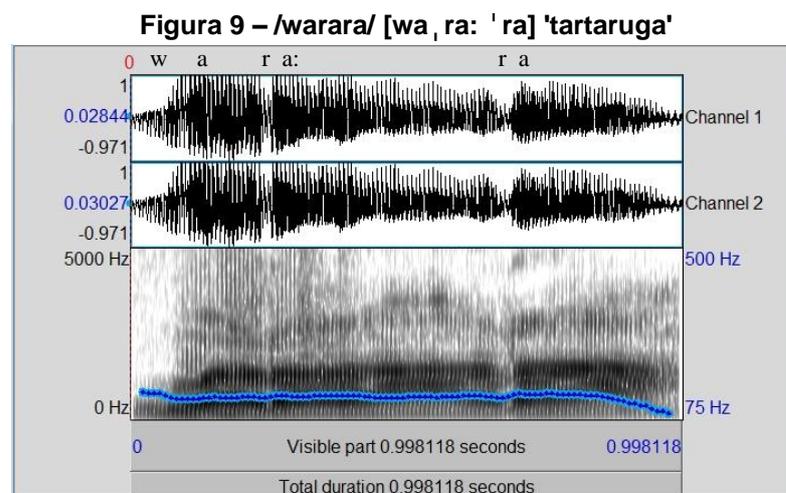
Fonte: Programa Praat (2012)

Com relação ao pitch, as palavras do tipo CV.CV.CV mostram, conforme as figuras (8) e (9) um tipo de pitch nivelado. Dessa forma, o valor do pitch da segunda sílaba [wa] da palavra [iwa:rika] mede 154.7 Hz e da palavra [wara:ra], 130.3 Hz. Com isso, a vogal longa está associada com o pitch nivelado. Esse tipo de pitch parece corresponder ao que os informantes dizem que “falam leve,” em relação aos

Makuxi que “falam pesado”, como se observa nas figuras a seguir.



Fonte: Programa Praat (2012)



Fonte: Programa Praat (2012)

3.4 Processos fonológicos

A língua é um processo dinâmico e a todo instante traz mudanças. O resultado disso implica em processos fonológicos. Em Monaijó foram registrados três processos fonológicos bem atuantes: a harmonia vocálica, a redução silábica que é muito comum entre as línguas da família Karíb (GILDEA, 1999) e o processo de metátese, como se mostra nos itens que seguem.

3.4.1 Harmonia vocálica

O processo de harmonia vocálica ocorre quando há a assimilação de um ou mais traços vocálicos. De acordo com os estudos de Trask (1996, p. 383 apud ALVES), a harmonia vocálica ocorre devido a um acordo em relação a um ou mais traços fonéticos. Esse processo foi observado em algumas palavras Monaikó, como no exemplo: [tʃi'pi] [ite:pi] e tem como alomorfe it-, t- te- na forma possuída de 3p. 'lábios dele'. Outro exemplo é [sɛ'ni] [ʃi'ni], [piʃɛ'ni] [piʃi'ni] 'aquele'.

3.4.2 Redução silábica

Em Monaikó as perdas silábicas podem ocorrer em várias posições incluindo desde uma simples V uma sílaba CV, ou até mais de duas sílabas.

No início de palavra:

- (39) a. /kiseman/ > /kseman/ > /se'man/ 'vento
 b. /iskupî/ > /ikupî/ > /kupî/ 'lago'
 c. /kuto'ka/ > /to'ka/ 'algodão'

No fim de palavra:

- (40) a. /ko'ko/ > /ko'/ 'vovó'
 b. /yeto/ > /ye'/ 'dente'
 c. /toko/ > /to'/ 'eles'
 d. /puto/ > /pu'/ 'pé'
 e. /pisito/ > /pisi/ > /si'/' 'perna'
 f. /to'kî/ > /to'/ 'deles'

Aparentemente no meio de palavra poderia ocorrer uma redução silábica de V, gerando a impressão de um cluster, mas se trata apenas de velocidade de fala.

- (41) a. /kise/ [kse] 'mandioca'
 b. /komampîra/ [ko , mam'pra] 'ontem'

c. /pîreu/	[prîw]	'flecha'
d. /parau/	[praw]	'rio'
e. / para'man/	[pra 'man]	'não'

3.4.3 Metátese

O conceito referente à metátese conforme Dubois (1973) é de um fenômeno pelo qual, certos fonemas mudam de lugar na cadeia da fala, ou seja, é a transposição de fonemas na mesma sílaba dentro de um vocábulo.

No decorrer de toda análise foi observado que alguns vocábulos suportam metátese com muita frequência, quase sempre envolvendo o fonema /s/ [ʃ] acompanhado de /i/ diante dos segmentos oclusivos /p/ e /k/.

(42) a. /sipun/	[iʃ 'pũ]	'carne'
b. /sikapî/	[iʃ , ku 'pi]	'lago'
c. /sipupai/	[iʃ , pu 'pai]	'cabeça dele'
d. /sikî/	[iʃ 'ki]	'pulga'
e. /kisapan/	[iʃ , ka 'pra]	'areia'
f. /sipanan	[iʃ , pa 'nã]	'tua orelha'

Há também alguns comportamentos excepcionais, por exemplo:

(43) a. / katurupu/	[ka , tu:ru 'pu] ~ [ka ^h , turu 'pu]	'nuvem'
---------------------	---	---------

Normalmente o alongamento vocálico, derivado do acento rítmico, ocorre na segunda sílaba da palavra da esquerda para a direita. Nesse caso, mais de dois informantes transferem esse acento, o qual não deixa mais um alongamento, mas sim a realização de um segmento [h] fricativo glotal na sílaba anterior. Isto merece uma investigação mais aprofundada quando dispusermos de mais dados.

Assim, com base no que foi exposto em relação à fonética e a fonologia, mais precisamente voltadas aos MonaiKó, espero ter conseguido demonstrar de que

forma estão se manifestando essa variação. Apesar da complexidade do tema em foco, não deixa de ser fascinante o estudo da linguagem de determinados grupos indígenas, como o dos Monaikó.

CAPÍTULO IV – DA MORFOLOGIA À MORFOSSINTAXE

4.1 Introdução

Este capítulo trata da morfologia associando alguns traços da sintaxe do Monaikó e busca assimilar alguns conceitos teóricos pertinentes ao tema, de forma que se possa entender o que significa o termo morfologia e morfossintaxe.

A discussão em foco centra-se nas definições de morfologia e sintaxe a partir de Henriques (2009), que faz referência à língua como um espaço de construção morfossintática, enfatizando que os conteúdos tanto da sintaxe como da morfologia mantêm-se em sintonia, desde os componentes menores até as estruturas mais complexas.

De fato, alguns linguístas separam a morfologia da sintaxe, colocando-as em níveis distintos, enquanto outros inserem num só nível resultando na morfossintaxe, já que morfologia não se explica sem a sintaxe. Esta envolve estudos que buscam dar explicações sobre palavras, termos, orações e frases, que se iniciam a partir da análise de um morfema (CABRAL, 1988).

Assim, serão apresentados alguns aspectos das classes de palavras e suas respectivas funções conforme essa sequência³² nome, pronome, verbo, adjetivos e advérbio.

4.2 Morfologia: a partir da forma, função e significado

O termo morfologia de acordo Houaiss (2001) é constituído por dois elementos [morf(o)] e [logia], do gr. *Morphē* = ‘forma’ e *logia* = ‘estudo’, ou seja, é a parte da gramática que descreve a forma das palavras. Para Ortega (1990), a Morfologia trata da forma interna das palavras, mais precisamente de sua estrutura.

Nesse sentido as palavras são constituídas de unidades menores que, combinadas produzem um significado. Assim, as palavras apresentam forma e

³² Neste IV capítulo abordo questões referentes à morfologia e à sintaxe, por isso a escolha da morfossintaxe deve-se mais a uma questão metodológica, frente à falta dos dados, do que mesmo uma questão teórica.

significado e, pelo fato de não serem empregadas isoladamente, também exercem uma função em cada enunciado onde aparecem.

Faço uma alusão aos conceitos inerentes à morfologia e à sintaxe a começar por Câmara (1972, 1975) que distingue um conceito de outro, pois do ponto de vista descritivo, os elementos que estruturam uma língua e suas categorias seriam mais bem esclarecedores. Pois, a sintaxe aborda uma série de questões envolvendo a gramática e está condicionada às diferentes funções que os elementos constituintes da gramática desempenham dentro de uma oração.

Sob uma perspectiva morfossintática, também foi interessante analisar os dados coletados, a partir dos conceitos referentes à frase e oração. Na visão de Azeredo (2001), a frase é construída por meio de palavras organizadas e combinadas conforme os princípios sintáticos da língua. Quanto ao conceito de oração, é uma unidade gramatical que tem como núcleo o verbo. Já o período é a unidade gramatical constituída de pelo menos uma oração e pode funcionar como frase.

A partir das abordagens apresentadas, sobre o conceito de frase e oração, busco situar os constituintes que também compõem uma frase e uma oração dentro do contexto das línguas indígenas, mais precisamente dos dados coletados junto aos Monaikó, foco deste trabalho.

4.2.1 Definição de morfema

Bloomfield (1933, apud ELSON, 1978 p. 17), considerou morfemas como “unidades mínimas do léxico, ou seja, definiu léxico como conjunto total de morfemas numa língua.” Em outras palavras, morfemas são os elementos mínimos individualmente significantes nas expressões de uma língua. Estes, também podem ser definidos de forma negativa levando-se em consideração, unidades distintas de outras unidades da mesma natureza na língua.

Determinadas palavras ou partes delas podem ser um morfema, por exemplo, *rei* é um morfema inteiro, pois não pode ser dividido em partes significativas. Já na palavra *reis*, há dois morfemas: *rei* que significa soberano + *s* que significa plural. Nessa perspectiva, os morfemas não devem ser confundidos com palavras, pois estas são formas livres, mínimas que podem ser faladas sozinhas (ELSON, 1978).

Os morfemas constituem as menores unidades formais dotadas de significados e compõem-se de um ou vários fonemas e se diferem destes por apresentarem significados. O morfema tornou-se a unidade básica da gramática, mais precisamente da morfologia.

Os exemplos a seguir mostram como de fato isso ocorre a partir de um enunciado, onde se evidencia a presença de alguns dos aspectos acima mencionados.

(01)	a. /pana/	‘orelha’
	b. /u-pana/	‘minha orelha’
	1p-orelha	
	c. /pupai/	‘cabeça’
	d. /a-pupai/	‘tua cabeça’
	2p-cabeça	
	e. /pu/	‘pé’
	f. /i-pu/	‘pé dele’
	3p-pé	

Desta maneira, foram identificados os morfemas /u/ 1ª pessoa, /a/ 2ª pessoa e /i/ 3ª pessoa que ocorrem precedendo a outros vocábulos como ‘cabeça’, ‘orelha’ e ‘pé’. Vale lembrar, que existem morfemas presos e livres, ou seja, os que ocorrem sozinhos identificados por formas livres e os que não ocorrem sozinhos são chamados de formas presas. Os exemplos apresentados mostram que /pupai/, /pana/ e /pu/ são morfemas livres, ao passo que /u/, /a/ e /i/ são morfemas presos, portanto, prefixos.

4.2.2 Nomes em Monaikó

Os nomes podem ocorrer como morfemas livres (02 - a. b. c. d. e. f.), mas também podem receber formas presas a partir de prefixos de pessoa (01 - b. d. e. f), de sufixos de posse, além de sufixos flexionais como /-kon/ ou /-to/. Vale destacar

que existe um sufixo muito importante em Monaikó, trata-se do sufixo ergativo /-ya/ que ocorre em locuções nominais e subjetivas de verbos transitivos e em pronomes derivacionais, subjetivos aglutinados e livres.

- (02) a. / san / 'mãe'
 b. / yun/ 'pai'
 c. /pupai/ 'cabeça'
 d. /nun/ 'olho'
 e. /pu/ 'pé'
 f. /waira/ 'anta'
 g. /kono/ 'anzol'

4.2.3 Prefixos e sufixos

Em Monaikó o conjunto de prefixos que aparecem junto ao nome encontra-se distribuído no quadro abaixo e nos exemplos seguintes. Lembrando que normalmente os mesmos prefixos que marcam pessoa também podem funcionar como marca de possuidor.

Quadro 7 - Distribuição dos pronomes pessoais

Pessoas	Prefixos ³³	Sufixo de posse	Sufixo de Plural	Sufixo morfossintático	Sufixo Feminino
1 s	u-	-ri		-ya	-pa
2 s	a-				
3 s	i-, it-, t-, si-				
1 p	ana		-kon -yamî -to		
1+2	to'				
3 p					

Fonte: Elaborado pela autora, 2012

Como é possível observar, os prefixos de pessoa 1^a, 2^a e 3^a do singular são constituídos por vogal alta anterior e posterior e por vogal baixa central, e ainda pela consoante t. Já o pronome de 3^a pessoa do plural é uma forma livre to'. Embora o

³³ Como não existe a representação da 3p como prefixo, optou-se por incluir nesta tabela a forma livre, to'

mais produtivo seja o to', os falantes mais antigos preferem a forma tradicional tokî. Nos exemplos a seguir, é possível perceber melhor como os prefixos se comportam dentro de um enunciado em Monaikó.

- (03) a. /upupai/ 'minha cabeça'
 u-pupai
 1pos-cabeça
- b. /apupai/ 'tua cabeça'
 a-pupai
 2pos-cabeça
- c. /ipupai/ 'cabeça dele'
 i-pupai
 3pos-cabeça
- d. /to' pupaikon/ 'cabelos deles'
 to' pupai-kon
 3pl-cabelo-pl

Na 3ª pessoa do singular os prefixos de posse i-, it-, t- e si- variando entre si, mas também podem variar dependendo se a raiz do nome começa com vogal ou consoante.

- (04) a. /euna/ 'nariz'
- b. /iyeuna/ 'nariz dele'
 3p-euna
- c. /iteuna/ 'nariz dele'
 3p-euna-nariz

Quanto aos sufixos de 1+2, são os mesmos que marcam as 1ª e 3ª do plural como: -yamî e -kon. O sufixo -yamî, também indica a formação do plural em nomes.

De acordo com Abbott (1991), esse sufixo em Makuxi está relacionado ao substantivo coletivo.

- (05) a. /moroyamî/ ‘peixes’
 moro-yamî
 peixe-pl
- b. /pemonkonyamî/ ‘povos’
 pemonkon-yamî
 povo-pl
- c. /toronyamî/ ‘pássaro’
 toron-yamî
 pássaro-pl
- d. /to’ urisayamî panan/ ‘orelhas delas, das mulheres’
 to’ urisa-yamî panan
 3p pl-mulher-pl orelhas
- e. /asikon/ ‘tuas pernas’
 a-si-kon
 2p-perna-pl

O sufixo de possuído, -ri também foi identificado preso à raiz do nome, porém não é o mais produtivo entre os exemplos.

- (06) a. /uri u’tî sîrîrî amîriya/
 uri u’tî sîrîrî a-mî-ri ya
 1p 1p-ir adv 2poss-roça-poss posp
 ‘eu vou para tua roça’

O sufixo -ya ocorre morfologicamente junto ao nome, contudo, ele precisa operar dentro de uma frase, gerando assim uma relação interacional a qual pode ser chamada de morfossintaxe.

- (07) a. /uriya muru erama' pî/
 uri-ya muru erama'-pî
 mulher-erg tatu ver-pass
 'a mulher viu o tatu'
- b. / amokoya tîmîrî erama' pî/
 amoko-ya tîmîrî erama'-pî
 vovô-erg. 3reflexivo- roça ver-pass.
 'vovô viu a roça dele'
- c. /urarokon utî a'po yeika umî ya/
 uraro-kon utî a'po yeika u-mî ya
 homem-pl ir fogo tocar roça posp
 'os homens vão tocar fogo na roça'

O sufixo -to, que também marca plural, é uma ocorrência interessante entre os dados, pois, ele é restrito as partes do corpo e até o momento não foi registrado em nenhuma outra língua próxima do Monaikó, ou seja, não ocorre na língua Makuxi.

- (08) a. /ye-to/
 dente pl
 'dentes'
- b. /si-to/
 perna pl
 'pernas'
- c. /pu-to/
 pé pl
 'pés'

Em Monaikó, embora não haja distinção de gênero, mas em alguns nomes, principalmente no que se refere a nomes de animais acrescenta-se o sufixo -pa, para indicar o feminino como nas palavras:

- (09) a. /tukui/ ‘beija-flor’
 b. /tukui-pa/
 beija-flor-marc.fem ‘beija-flor, fêmea’
- c. /arimaraka/ ‘cachorro’
 d. /arimaraka-pa/
 cachorro-marc. fem ‘cadela’

4.3 Pronomes Livres

Os pronomes estão inclusos na classe nominal pelo fato de se assemelharem aos nomes em alguns dos seus traços morfossintáticos. De acordo com Cruz (2005, p. 189), na maioria das línguas do mundo, os pronomes costumam ter valor pragmático. Na interação do discurso entre os falantes, a 1ª pessoa centra-se no emissor, a 2ª no receptor e a 3ª indica o papel de referente.

Em Monaikó foram identificados os pronomes pessoais de 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular e 1ª, 2ª e 3ª do plural. E ainda os pronomes possessivos e demonstrativos conforme os exemplos a seguir.

4.3.1 Pronomes Pessoais forma livre

Abaixo encontram-se os pronomes pessoais em suas formas livres.

- (01) a. /uri/ ‘eu’
 b. /amîrî/ ‘você’
 c. /mîkîrî/ ‘ele/ela’
 d. /ana/ ‘nós’
 e. /urunukon/ ‘nós’
 f. /to’/ ‘eles/elas’

Vale observar que a 1ª pessoa do singular é /uri/ diferente do Makuxi que ocorre como /urî/.

A seguir exemplos da ocorrência de pronomes pessoais em 1ª, 2ª e 3ª do singular e 1ª e 3ª plural.

- (02) a. /uri serenka/ ‘eu canto’
 uri serenka
 1p-cantar
- b. /mîkîrîya paruru enapî’ pî / ‘ele comeu banana’
 mîkîrî-ya paruru enapî’-pî
 3p-erg banana comer-pass
- c. /uriya moro yeuka’pî/ ‘eu pesquei ou peguei peixe’
 uri-ya moro yeuka’-pî
 1p-erg peixe pescar-pass
- d. /anaya moro yeuka’pî/ ‘nós pescamos ou pegamos peixe’
 ana-ya moro yeuka’-pî
 1pl erg peixe pescar-pass.
- e. /a’nai ya’ku urunukonya/ ‘nós vamos comer milho’
 a’nai ya’ku urunu-kon-ya
 milho comer 1p pl-erg

4.3.2 Pronomes Possessivos

Os pronomes possessivos são caracterizados pelos prefixos de posse. Apesar de alguns exemplos já terem sido apresentados, anteriormente, quando se descreveu os prefixos e sufixos, faz-se necessário apresentar também o quadro desses dados seguidos de exemplos:

Quadro 8 - Marcas de posse

Possuidor	Objeto possuído	
u-	-pon	meu/ minha 'minha roupa'
a-	-pon	teu/tua 'tua roupa'
i-, it-, t- si-	-pon	dele/dela 'roupa dele (a)'
u-, -kon	-pon-	nosso (1+2) 'nossa roupa'
ana	pon	nosso (1+ 2) " "
a-, -kon	-pon-	de vocês 'roupa de vocês'
to´	pon	deles " "

Fonte: Elaborado pela autora, 2012.

Em alguns nomes, quando se vai realizar a construção de posse a partir da forma cheia, estes são modificados para receber um sufixo, quando possível.

- (03) a. /apono/ 'banco'
- b. /itaponye/ 'banco dele'
- it-apon-ye/
- 3p-banco-pos
- c. /wîti/ 'casa'
- d. /uy-iwî/ 'minha casa'
- 1pos-casa
- e. /auta/ 'rede'
- f. /uyete/ 'minha rede'
- uy-ete
- 1pos-rede

(01) a. /kariwananya a'nai enama' pî/
 kariwanan-ya a'nai enama'-pî
 galinha-erg milho comer-pass
 'a galinha engoliu o milho'

b. /Joãoya a'po enîpî'pî/
 João-ya a'po enîpî'-pî
 João-erg fogo apagar-pass
 'João apagou o fogo'

O futuro em Monaikó é marcado morfologicamente por um verbo auxiliar que apresentam mais de uma forma e posição ou por um advérbio de tempo.

(02) a. /kaikan wî atî/
 tatu matar 3p aux.-ir futuro
 'ele vai matar tatu'

b. /tuna eramai utî sîrîrî/
 água buscar 1p aux.-ir futuro
 'eu vou buscar água'

c. /uri utî sîrîpe/
 1p-eu aux.-ir futuro
 'eu vou viajar hoje'

d. /penanen serenka igreja ta/
 amanhã aux.futuro-cantar-igreja posp-ta
 'amanhã eu vou cantar na igreja'

4.4.1 Nominalizador e verbalizador

Há determinados nomes que são formados a partir de verbos, advérbios e posições (CRUZ, 2004, p. 320). Em Monaikó o processo de nominalização e verbalização ocorrem da mesma forma conforme os exemplos a seguir.

- (03) a. /inenunpa/
 i- n-enunpa
 3- O: NLZ-tocar
 ‘aquilo que se usa para tocar’ (violão)
- b. /inepu’tî/
 i-n-epu’-tî
 3-saber-NLZ
 ‘aquele que sabe, conhecedor’

Os exemplos mostram que, quando se acrescenta um prefixo à raiz do verbo, este se transforma em nome. Assim, há nomes que se originam a partir da raiz de um verbo ou a partir da raiz de um nome, através do processo derivacional sufixal. Em relação ao nome, o sufixo pode ser um marcador de plural e posse. Quanto ao verbo, também há um marcador de posse, número e Tempo-Aspecto-modo.

- (04) a. /epîrema/ ‘orar’
 b. tepîremasen ‘orador’
 t- epîrema-sen
 3p – rezar- NLZ, (aquele que ora)

4.4.2 Verbos intransitivos e ordem sintática

Os verbos intransitivos contêm em si mesmos toda significação, isto é, não precisam de complemento, pois podem encerrar um sentido completo. A ordem dos constituintes em orações intransitivas é SV e essa ordem não varia, conforme os exemplos a seguir:

- (05) a. /toron samanta’pî/
 toron samanta-’pî
 passarinho morrer-pass
 ‘o passarinho morreu’

b. /more wena'pî/
 more wena-´pî
 criança dormir-pass
 'a criança dormiu'

c. /koko yepama'pî/
 ko'ko yepama'-pî
 'vovó chegar-pass
 'vovó chegou'

d. /toron eserenka/
 toron e-serenka
 passarinho v.-pres. cantar.
 'o passarinho canta'

Como se pode observar nesses exemplos, não houve variação no sentido de o verbo ou sujeito ser deslocado permanecendo preferivelmente no início da oração, os sujeitos: passarinho, criança e vovó seguidos dos respectivos verbos: morrer, dormir, chegar e cantar. Assim, não há objetos e nem a marca de ergatividade nas orações cujo verbo é intransitivo e a ordem sintática é S+V.

4.4.3 Verbos transitivos e ordem sintática

Alguns verbos só completam sua significação com objetos diretamente ligados a eles, que é o caso dos verbos transitivos. Estes, diferentemente dos verbos intransitivos necessitam do acréscimo de um objeto para completar o sentido da frase.

Assim, foram selecionados alguns verbos transitivos presentes nas orações construídas a partir de enunciados. Nessas orações foi observado que a ordem dos constituintes não é fixa, pois há possibilidade de mudança na ordem das orações transitivas.

(06) a. /uriya kaikan erama'pî/

uri-ya kaikan erama-´pî
mulher-erg obj. tatu ver-pass
‘a mulher viu o tatu’

b. /sikîiya waimu yenama´pî/
sikîi-ya waimu yenama´-pî
cobra-erg obj. rato engolir pass
‘a cobra engoliu o rato’

c. /arimarakaya usi yeka´pî/
armaraka-ya u-si yeka´pî
cachorro-erg. 1pos perna morder-pass
‘o cachorro mordeu minha perna’

d. /unoya waikin iwî´pî/
uno-ya waikin iwî´-pî
marido-erg. obj. veado matar pass
‘meu marido matou um veado’

Nas orações com a presença de verbos transitivos em Monaikó, a ordem fundamental dos constituintes é: S+O+V, como visto nos exemplos. A ordem sintática OVS, caracterizada por Abbott (1991) como a mais recorrente em Makuxi, também está presente nas orações em Monaikó, porém foram poucos os exemplos observados, como o que segue:

(07) a. /kuyawari nanenrî mîkîrî more/
obj. mingau comer 3p. suj. criança
‘essa criança come mingau’

4.5 Posposição

Preposições e posposições são elementos que ocorrem, respectivamente, antes ou depois de um complemento que inclui um nome, pronome SN ou oração que funciona como um SN e, em conjunto com o complemento, expressam sua

relação com outra unidade na oração (ROSA, 2005, p. 113). Ao contrário de como ocorre na língua portuguesa, em algumas línguas indígenas, entre as quais está o Monaikó, a preposição vem após o nome, por isso é identificada como posposição.

(01) a. /uyun tîpî kunai'pî kupîka/
 u-yun tîpî kunai'-pî kupî-ka
 1pos-pai ir pescar-pass lago-posp
 'meu pai foi pescar no lago'

b. / penane seuruman pemonkonyamî yakiri/
 penane seuruman pemonkon-yamî yakiri
 adv. falar 3pl pessoa-pl posp.
 'amanhã vou falar com a comunidade'

4.6 Adjetivos

É na classe dos adjetivos que ocorre a maior parte das palavras que indicam qualidades. De acordo com Dixon (1977 apud ROSA, 2005, p. 17), os adjetivos desempenham a função de modificadores do nome ou de predicados. Estes, enquanto modificadores seguem o nome (1. a, b, c, d, e) já como predicados precedem o sujeito (1. f, g) conforme alguns adjetivos identificados nas frases em Monaiko:

(01) a. /sini isikon sirunu'kon/
 sini i-si-kon sirunu-kon
 pn. aquelas 3pos. dele perna-pl. adj. pl.
 'aquelas pernas dele são finas'

b. /seni ipupai sipo kusan /
 seni i-pupai sipo kusan
 pn. aquele 3pos. cabelo adj.
 'aquele cabelo dele é comprido'

c. /waikin pun ispo/
 waikin pun ispo
 veado carne adj. gostosa
 ‘carne de veado é gostosa’

d. /pisini ienu si'mirikî/
 pisini i-enu si'mirikî
 pn. aquele 3pos. dele olho adj. pequeno
 ‘aquele olho dele é pequeno’

Observa-se que em 1a tanto o nome quanto o adjetivo recebem marca de plural-kon. No caso de (1f e g), o adjetivo funciona como predicado nominal visto ocupando a posição antes do nome.

f. /aimutu sipupai/ ‘cabelo branco dele’
 aimutu si-pupai
 adj. branco 3p-cabelo

g. /simirikî unta/
 simirikî u-nta
 adj. pequena 1pos. u-minha boca
 ‘minha boca é pequena’

Acredito que essa ordem tenha implicações pragmáticas, contudo, a idéia fica no plano da especulação, pois os dados precisam ser testados novamente.

4.7 Advérbio

Os advérbios estão inseridos no conjunto de palavras que indicam direção/local, tempo, modo, intensidade. Estes funcionam como modificadores, não de nomes, mas do verbo, do sintagma nominal, do adjetivo e do outro advérbio (ROSA, 2005). Alguns advérbios como, tempo, lugar, intensidade, afirmação e negação foram observados entre os dados Monaikó, como se vê nos exemplos a serem tratados nos itens que segue.

4.7.1 Tempo

O advérbio de tempo está relacionado a um determinado período em que ocorre uma ação ou fenômeno e pode evocar uma data, por exemplo, ontem, hoje, amanhã. Na frase, o advérbio de tempo pode ocorrer de diferentes formas como em (1a-b e c-d) vem antes do nome, podendo ser sucedido por uma posposição ou não; ou mesmo vir antes verbo.

(01) a. /sîrîrî pe/ 'hoje'

b. /sîrîrî pe utî aiwîta/
 sîrîrî pe u-tî ai-wîta
 adv. hoje posp 1p-eu ir 2p-casa
 'eu vou pra tua casa hoje'

c. /waron/ 'noite'

d. /waronya piasanya kawai yuna/
 waron-ya piasan-ya kawai yuna
 noite-pos dentro pajé-erg. tabaco v. aux.ir. fumar
 'à noite o pajé vai fumar tabaco'

e. /penane/ 'amanhã'

f. /penane utî aiwîta/
 penane u-tî ai-wîta
 adv. amanhã 1p-ir 2pos-casa
 'amanhã eu vou para tua casa'

g. /komanpîra/ 'ontem'

h. /komanpîra toron ina'pî yei po
 Komanpîra toron ina-´pî yei po
 adv. ontem pássaro cantar-pass árvore posp.

‘ontem o pássaro cantou em cima da árvore’

4.7.2 Lugar

Os advérbios de lugar especificam ou indicam onde ocorreu a ação, ou posicionamento de algo em relação à outra coisa. Nos exemplos a seguir foram identificados alguns advérbios que indicam lugar.

- (02) a. /mamaya kise enepî’pî umîyapai/
 mama-ya kise enepî-‘pî u-mî yapai
 mamãe-erg. mandioca trazer-pas. 1pos-roça de lá, posp.
 ‘mamãe trouxe mandioca da minha roça’
- b. /utî sîrîrî kutinka/
 utî sîrîrî kutin-ka
 1p ir adv. lugar rio para, posp
 ‘eu vou para o rio’
- c. /Ambrósio serenka igrejata/
 Ambrósio serenka igreja-ta
 3p cantar-pres. Adv. lugar- posp
 ‘Ambrósio canta na igreja’

Percebe-se nas orações acima, (2, a-b-c), que o advérbio se posiciona após o verbo precedido pela posposição que ocorre no final do enunciado.

4.7.3 Intensidade

Outros advérbios também presentes nos enunciados Monaikó, diz respeito ao advérbio de intensidade, este está condicionado ao que é intenso, conforme os exemplos a seguir:

- (03) a. / istiwî korenan/
 ist -iwî korenan

3 pos. dele - casa- adv. grande
 ‘casa dele é grande’

b. /moro pî kapuya tuke/
 moro pî kapu-ya tuke
 peixe pas. pescar erg. adv.
 ‘pesquei muitos peixes’

4.7.4 Advérbios de Afirmação

Os advérbios de afirmação também estão presentes nos enunciados Monaikó. Os mais produtivos são: *inan* e *warina* para dizer sim.

- (04) a. /warinan Araçá ponan atî mîrîrî?/
 adv. sim Araça para-posp ir 2p
 ‘é mesmo, você vai para o Araçá’
- b. /warinan tarîwai/
 adv. sim aux. estar
 ‘sim, estou aqui’
- c. /ina korenan/
 adv. sim grande
 ‘sim, é grande’

Pelo que se observou em (4a,b, c), os advérbios de afirmação se posicionam no início da frase e antecedem ao verbo.

4.7.5 Negação

O advérbio de negação é formado pelo sufixo *-pîra* e também pelo uso da partícula *pin* acrescida no final da frase afirmativa, e ainda o termo *kane*. Os exemplos mais frequentes são:

- (05) a. /ko’ko yepîman-pîra man/

ko´ko yepîman-pîra man
 vovó chegar-neg. man
 ‘vovó não chegou’

b. /toron samanta-´pî pin/
 passarinho morrer-pass neg.
 ‘o passarinho não morreu’

c. /paruru napîya pin/
 banana comer-´pî-3-erg. neg.
 ‘não comeu banana’

d. /kane sakînen moro yeuka ´pî/
 neg. dois peixes pescar-pass
 ‘não pescou dois peixes’

Os exemplos expostos demonstram que o termo *kane* precede o numeral e ocorre preferivelmente no início da frase como em (5d). A negação com o emprego do *pin* é a mais recorrente entre os dados e se diferencia do Makuxi que utiliza o *pîn*, ou seja, a variação ocorre a partir da vogal alto anterior /i/ e vogal alta central /î/.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou compreender se existe de fato uma língua Monaikó ou se trata apenas de um dialeto da língua Makuxi. Desse modo, buscou-se a análise dos dados linguísticos, ainda não evidenciados pela literatura sobre os Monaikó, bem como desvelar os dados etnográficos referentes a esse grupo.

Com base em minha experiência no que diz respeito à questão indígena e, pelo fato de pertencer ao grupo Makuxi, não descartei a possibilidade de observar e sentir que pesquisas envolvendo línguas e grupos indígenas não é tarefa fácil. Os desafios são ainda maiores, quando se trata de análise linguística, que requer um conhecimento mais profundo acerca não só dos aspectos fonéticos, fonológicos e morfossintáticos da língua, mas também do domínio do contexto sociocultural do grupo em estudo.

Assim, mediante todas as informações obtidas no decorrer deste trabalho, e após sua análise, mediante teorias concernentes ao tema em estudo, pode-se dizer que não se trata de uma língua Monaikó, mas um dialeto da língua Makuxi, pelas evidências observadas na estreita relação linguística entre os dois grupos.

A partir da análise dos dados etnográfico e linguístico dos Monaikó, embora não se tenha aprofundado acerca da etnografia, revelou-se uma variação linguística entre os falantes que se declaram Monaikó. Na concepção de alguns autores, já citados neste trabalho, entre eles, Ferreira (2003), Silva (2008) e Labov (2008) essas variações correspondem a um dialeto. Por isso, no decorrer do trabalho, buscou-se apresentar algumas narrativas discursivas que deram a impressão de como os Monaikó percebem essas diferenças.

Do ponto de vista linguístico, a estrutura básica do Monaikó a partir de realizações fonéticas, fonológicas e morfossintáticas mostra que existem produções diferentes, como nos exemplos, [pu 'pai] ~ [pu 'bai], [u , ra: 'pa] ~ [u , ra: 'ba], [ʃi 'pɔ] ~ [ʃi 'bɔ], [ũta] ~ [ũda], [pe , mō 'kō] ~ [pe , mō 'gō]. Nesse caso, apesar de os falantes Monaikó desejarem fazer uma diferença entre a fala deles e a dos Makuxi, quando os dados aparecem, estes mostram que a diferença não é muito expressiva, pois o falante Monaikó e Makuxi são inteligíveis entre si. O desvozeamento também não é

relevante, já que os segmentos consonantais [p] e [b], [t] e [d], [k] e [g] flutuam entre os dados.

Contudo, ao lado dessas observações, existem diferenças lexicais entre Monaikó que fala *warinan* e Makuxi *inna* 'sim' enquanto para Monaikó *kaiwan*, 'gordo' para Makuxi é *ikaase*. Na morfologia observou-se que a 1ª pessoa se realiza *uri*, já em Makuxi *urí* 'eu', *korenan kure'ne* 'grande', *ayenukon* e *tenpaikon* 'vamos embora'. Assim, após análise dos dados Monaikó não se pode afirmar que trata-se de línguas, pois os dados não foram suficientes para tal afirmação, mas linguisticamente pode-se dizer que é um dialeto da língua Makuxi.

Em face de tais diferenças, e considerando que, apesar de os Monaikó já estarem convivendo há muitos anos espalhados entre os Makuxi, eles trazem consigo o desejo de se autoafirmarem como diferentes desses últimos. Por isso, é importante perceber que pesquisas envolvendo línguas são inesgotáveis podendo posteriormente alcançar outros resultados e assim contribuir com o fortalecimento da identidade dos Monaikó.

Nessa perspectiva, espero que o referido trabalho possa contribuir para o despertar de outras pesquisas, sobretudo, com o intuito de perceber a importância das línguas indígenas, mais especificamente as utilizadas pelos Monaikó, que até recentemente não contavam com estudos dessa natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBOTT, Miriam. “**Macushi**” In: **Handbook of Amazonian Languages**, Vol. 3, Desmond C. Derbyshire and Geoffrey K. Pullum (eds.), Berlin: 1991. Mouton de Gruyter, pp. 23-160.

AMÓDIO, Emanuele; PIRA, Vicente.; **Makusi maimu – Língua Makuxi**: guia para aprendizagem e dicionário makuxi. 3 ed. Manaus: Editora Valer, 2007. 258 p.

ALAMI, Sophie. **Os métodos qualitativos**. Tradução de Luis Alberto S. Peretti. Petrópolis: Vozes, 2010.

ALVES, Marlúcia Maria. **As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de belo horizonte**: estudo da variação à luz da teoria da otimalidade. 2008. 341 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Fonologia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à sintaxe de um português**. 7 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BARBOSA, Reinaldo Imbrozio; XAUD, Haron Abraham Magalhães.; COSTA e SOUZA, Jorge Manoel. **Savanas de Roraima**: etnoecologia, biodiversidade e potencialidades agrossilvipastorais. Boa Vista: FEMACT, 2005. 202 p.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora Fundação da Unesp, 1998.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Aspectos sociolinguísticos de um dialeto rural. In: HORA, Demerval da (Org.). **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997.

BRIGHT, William. As dimensões da Sociolinguística. Tradução de Elizabeth Neffa Araújo Jorge. In: FONSECA, Maria Stella Vieira da; NEVES, Moema Facure (orgs). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974. p. 17-23.

BRUNER, Jerome. **The narrative construction of reality**. Critical Inquiry, Chicago, v. 18, p. 1-21, 1991.

CABRAL, Leonor Scliar. **Introdução à linguística**. 7.ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988. 259 p.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Princípios de linguística geral como fundamento para os estudos superiores da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Briguiet, 1942.

_____. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1969.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. **Dispersos de J. Mattoso Camara.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora. 1975.

_____. **Dicionário de Lingüística e Gramática.** 12ª ed. Petrópolis: Vozes 1985.

_____. **Dicionário de linguística e gramática:** referente à língua portuguesa. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 272 p.

CAVALCANTE, Olendina de Carvalho. **A política da memória Sapará.** Campinas: São Paulo [s.n.], 2010.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e pensamento.** São Paulo: Vozes, 1979.

CIDR – Centro de Informação Diocese de Roraima. **Índios de Roraima:** Makuxi, Taurepang, Ingarikó, Wapixana. Brasília-DF. Ed. Coronário, 1989 (Coleção Histórico-Antropológico n.º 1).

COLLISCHONN, Gisela. O acento em Português. In: BISOL, Leda (Org.) **Introdução a estudos de fonologia do português do brasileiro.** 3ª ed. Porto Alegre: Edpuhrs, 2001. p. 125-158.

COSTA, Lucio Augusto Villela da. **A exploração ilegal dos minérios na reserva indígena Raposa Serra do Sol.** In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, 71, 01/12/2009. Disponível em http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6974 . Acesso em 11/01/2012.

CRUZ, Maria Odileiz Sousa. **Monoicó:** um dialeto híbrido entre os Makuxi. Boa Vista, 11 p. 2004 (manuscrito).

_____. **Fonologia e gramática Ingarikó Kapon – Brasil.** 2005. 464 p. Tese de Doutorado - Faculteit der Letteren, Vrije Universiteit, Amsterdam Holanda, 2005.

_____. **Os Ingarikó (Kapon) na Terra Indígena Raposa Serra do Sol.** *Tensões Mundiais: revista do observatório das nacionalidades.* – v. 4, n. 6 – Fortaleza: Observatório das Nacionalidades; São Paulo Annablume, 2008.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Unificação X diversificação ortográfica: um dilema indígena ou de linguísticas? In: RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna.; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara (Orgs). **Novos estudos sobre línguas indígenas.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005. 244 p.

DUBOIS, Jean. **Dictionnaire de Linguistique.** Paris: Librairie Larousse (1973), trad. port. Dicionário de Linguística. São Paulo: Cultrix (1991).

ELSON, Benjamin. **Introdução à morfologia e à sintaxe**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1978. 224 p.

FENTON, Steve. **Etnicidade**. Tradução Joana Chaves. Rio de Janeiro: Instituto Piaget, 2003.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. **As variações da língua**. São Paulo: Unicamp, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI**: o mini dicionário da língua portuguesa. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística II**: princípios de análise. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2010. 264 p.

FISHMAN, Joshua. **The sociology of language**. Rowley, MA: Newbury House Publishers, 1972.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Dados coletados, 2010.

FUNDAÇÃO NACIONAL DA SAÚDE. Dados coletados, 2010.

GILDEA, Spike. **On reconstructing grammar**: comparative Cariban morphosyntax. Oxford: Oxford University Press, 1998.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Quem são e onde estão os povos indígenas e as suas escolas no Brasil?** : programa parâmetro em ação de educação escolar indígena, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 2002.

GUISAN, Pierre François Georges. Língua: a ambiguidade do conceito. In: Salgado, Ana Cláudia Peters. **Sociolinguística no Brasil**: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato: homenagem ao professor Jurgen Heye. Rio de Janeiro: Letras, 2009.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. **Língua portuguesa**: morfossintaxe. Curitiba: IESDE/Brasil, 2009.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo, 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rr>

KOUCH-GRÜNBERG, Theodor. 1979-82 [1911-1913]. **Del Roraima al Oniroco** (Tomo I, II e III). Caracas, Ediciones del Banco Central de Venezuela.

LABOV, William. The Social stratification of english in New York City Arlington: Center for Applied Linguistics, 1966. MOLLICA, Maria Cecília (org) et al. **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Cadernos didáticos da UFRJ. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras, 2002. 360p. (original publicado em 1980).

RAMOS, Leila da Silva. **Fortalecer e valorizar a cultura indígena através das narrativas orais do Araçá da Serra**. Insikiran/UFRR, 2010 (manuscrito).

LOPES DA SILVA, Aracy. Mitos e cosmologias indígenas: breve introdução In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Índios no Brasil**, MEC, Brasília, 1994.

MACDONELL, Ronald Beaton. **A raposa e o guariba: os empréstimos e as mudanças de código entre o makuxi, língua caribe, e o português do Brasil**. Tese de doutorado não publicada, Universidade Laval, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Marina. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação dos dados**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1999. 260 p.

MINAYO, Maria Cecília Souza. (Org.). et.al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1995. 80 p.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisa em administração**, São Paulo, v.1, n.3, 1996, p.1- 5.

OLIVEIRA, Idelvânia Rodrigues de. **Fonemas e alofones consonantais do Monaikó**. Boa Vista.[2011]Trabalho não publicado.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Towards a Social Science of Language - Papers in Honor of William Labov Volume 1: Variation and Change in Language and Society. **Delta**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 343. 1999. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501999000200010> . Acesso em 10 Jul. 2011.

ORLANDI. Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORTEGA, Soledad Varela. **Fundamentos de morfologia**. Madrid: Sintesis,1990.

RAPOSO, Celino Alexandre. **Gramática Makuxi: estudando a língua Makuxi (2005)/Núcleo Insikiran de Formação Superior Indígena-UFRR**. Boa Vista: Editora AAKAN-2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Aryon Dall'Ina. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SANTILLI, Paulo José Brandão. **Pemongon Patá**: território Macuxi, rotas de conflito. São Paulo: Unesp, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.

_____. **Cours de linguistique générale**. Paris: Hachette, 1922. Tradução para o português. São Paulo: Cultrix, 1971.

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Orgs). **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

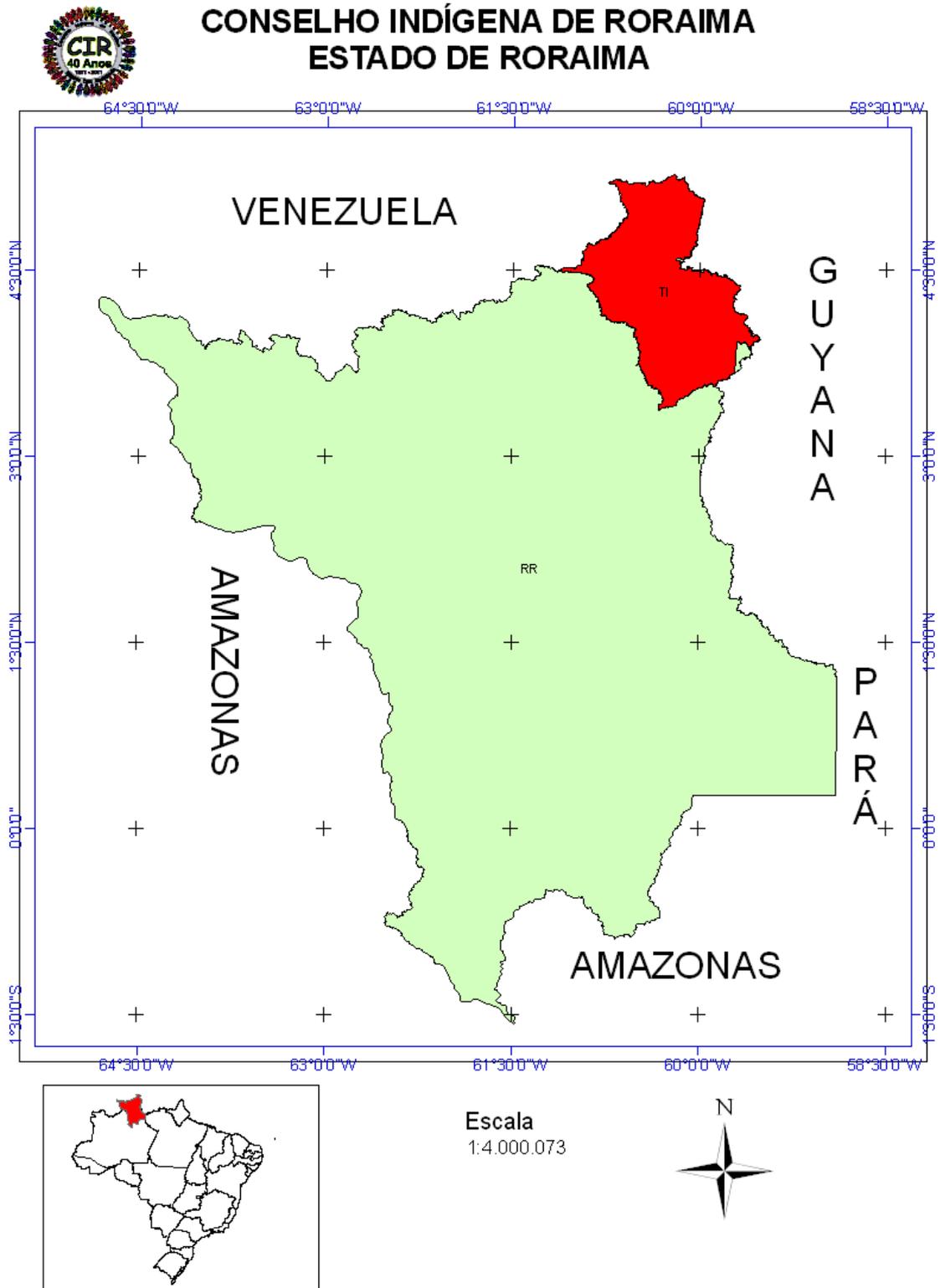
SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética do português**: roteiro de estudos e guias de exercícios. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOUZA, Carla Monteiro. ; MARAVALHA, Patrícia Rodrigues. A "escrita de si" como fonte para o estudo da cidade de Boa Vista/RR. In: **II Colóquio Internacional Poéticas do Imaginário**: literatura, interfaces e fronteiras, 2010, Manaus. Anais do II Colóquio Internacional Poéticas do Imaginário: literatura, interfaces, fronteiras. Manaus : UEA Edições, 2010. p. 164-174.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1 - Localização da Terra Indígena Raposa Serra do Sol



ANEXO 2 - Localização das comunidades em estudos na TIRSS



ANEXO 3 A - Termo de consentimento e esclarecimento

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS MESTRADO EM LETRAS

(Em duas vias, firmado por cada participante da pesquisa e pelo pesquisado)

Prezado (a) Senhor (a)

Eu, Idelvânia Rodrigues de Oliveira, aluna do Mestrado em Letras da UFRR, venho através deste convidá-lo (a) a participar da pesquisa intitulada **Os Monaikó: Um registro etnográfico e linguístico**³⁴, a qual tem por objetivo Comprovar se há ou não a existência da língua ou dialeto Monaikó e sua população. Sobre a pesquisa seguem as informações:

1. A participação é voluntária. Caso você aceite participar, você gravará entrevistas por meio de gravador digital. Serão gravadas lista de palavras relacionadas a nome de parentesco, partes do corpo, seres vivos, artefatos domésticos e verbos. Serão gravadas também narrativas relacionadas à vida cotidiana e história desse povo acompanhado de registro fotográfico, que terão o objetivo de fundamentar e provar de fato a existência dessa língua.
2. Não há nenhum fim lucrativo para a sua participação na pesquisa, a pretensão maior é a realização do registro etnográfico e linguístico dos Monaikó, até então, desprovido de estudos comprovados cientificamente. Sendo assim, sua participação será espontânea e gratuita. Informo, ainda, que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma. Pode, também, fazer qualquer pergunta sobre a pesquisa.
3. Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e aceitar participar do estudo, solicito a assinatura do mesmo em duas vias, ficando uma em seu poder. Para maiores esclarecimentos acerca desse estudo poderá ser obtido junto à aluna pelo telefone 3625-4587/9114-0671 ou pelo endereço Rua Dahas Abraham, 419, Jardim Floresta. Boa Vista/RR.

Eu discuti com a aluna Idelvânia Rodrigues de Oliveira, sobre a minha decisão em participar desse estudo. Ficaram claros para mim quais são os

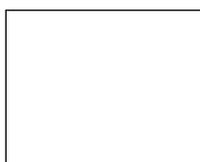
³⁴ À época da pesquisa, este era o nome do projeto.

propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados. Ficou claro também que a minha participação é isenta de quaisquer despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido. Declaro que eu recebi uma cópia desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Boa Vista/RR, _____ de _____ de 2011.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador



Impressão dactiloscópica no caso de não saber escrever

Anexo 3 B - Autorização para entrevista gravada em áudio e uso de imagens

Pelo presente termo particular de autorização de uso de imagem e voz,

Nome:

Nacionalidade:

Estado civil:

Profissão:

RG nº

CPF nº

Residente e domiciliado:

autoriza a senhora Idelvânia Rodrigues de Oliveira, aluna regularmente matriculada (matrícula nº 201012306) no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRR – Nível Mestrado, inscrita no CPF sob o nº 063860832-53 RG nº 27.013, residente à Rua Dahas Abraham, 419 – Jardim Floresta, Boa Vista/RR, **o uso de sua imagem e voz**, em decorrência da participação na pesquisa de Mestrado intitulada: **Os Monaikó: Um registro Etnográfico e linguístico**.

O presente instrumento particular de Autorização é celebrado a título gratuito, podendo ser utilizada, divulgada e publicada, para fins científicos, a mencionada entrevista e imagens no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso à mesma.

O presente instrumento particular de Autorização é celebrado em caráter definitivo, irrevogável e irretratável, obrigando as partes por si e por seus sucessores a qualquer título, a respeitarem integralmente os termos e condições estipuladas no presente instrumento.



Boa Vista, RR, _____ de _____ de 2011.

Participante

Impressão dactiloscópica no caso de não saber escrever

ANEXO 4 - Inventário lexical do Monaikó - Português

Inventário de palavras coletadas em Monaiko

ayan	[a' ðã]	'piolho'
aya'	[a' ðaʔ]	'Caranguejo'
aya	[a' ða]	'timbó'
a'nai	[aʔ' nai]	'milho'
a'po	[aʰ' pɔ]	'fogo'
aketon	[ai, kɛ' tō]~[aʃ, kɛ' tō]~[ah, kɛ' tō]	'velho'
akare	[a, ka' rɛ]	'jacaré'
auta	[aw' ta]	'rede'
a'ne	[aʔ' nɛ]	'quente'
arimaraka	[a, ri:ma, ra: ' ga]~[a, ri:ma, ra: ' ka]	'cachorro'
apono	[a, pɔ' nɔ]	'banco'
amoko	[a, mɔ' gɔ]~[a, mɔ' kɔ]	'vovô'
amai	[a' mai]	'mãe'
astun	[aʃ' tū] ~[ki, sɛ' mā]~[ksɛ' mā]	'vento, vento forte'
e'ma	[ɛʔ' ma]	'caminho'
enapî	[ɛ, na' pi]	'comer'
eramai'	[ɛra' mai]	'buscar'
e'ren	[ɛrê]	'rio'
euna	[ɛu' na]	'nariz'
îinî	[iini]	'panela de barro'
ikupî	[iʃ, ku' pi]~[i, ku' pi]~[ku' pi]	'lago'
inekata	[i, nɛka' ta]~[i, nɛga' da]	'cabeça'
ina	[ina]~[inã]	'sim'
inkê	[ikê] ~[igê]	'brilho'
iwo	[i' wɔ]	'muxiwa'
iwoi	[i' wɔi]	'ao redor'
imoi	[i' mɔi]	'ovo'
iuyare	[iu, ða' rɛ]	'folha'
iwaron	[iwa' rō]	'escuro'
iwarika	[i, wari: ' ka]	'macaco'
ipo	[ipɔ] ~ [iʃ' pɔ]	'gostoso'
ikei	[ikei]	'beiju'
istenapî	[iʃ, tɛ:na' pi]	'semente'

ka'	[kaʔ]	'céu'
kanau	[ka ' naw]	'canoa'
kane	[ka ' nɛ]	'não'
kaikan	[kai ' kãŋ]	'tatu peba'
kapoi	[kapɔi]	'lua'
karankarapo	[ka , rãga , ra ' pɔ]	'carvão'
kariwinan	[ka , ri:wi ' nã]	'galinha'
ka'tupuru	[ka ^h , tupu ' ru]	'nuvem'
kawai	[k ^w ai]	'tabaco'
kawono	[ka , wɔ ' nɔ]	'estrela'
kisaban	[ka , sa ' bã]~[ksa ' bã]~[iʃ , ka ' bã]	'areia'
kiseman	[kisɛmã]	'vento'
kise	[ksê]~[kisê]	'mandioca'
kono	[kɔ ' nɔ]	'chuva'
konoï	[kɔ ' nɔi]	'anzol'
ko'ko	[kɔʔ ' kɔ]	'vovó'
korenan	[kɔ , rɛ ' nã]~[ku , rɛ ' nã]	'grande'
komanpîra	[kɔ , mã , bi ' ra] ~ [tɔ , mãbi ' ra]	'ontem'
ku'toka	[kuʔ , tɔ ' ka]	'algodão'
kuwayare	[ku , waia ' rɛ]	'palha'
komi	[kɔ ' mi]	'frio'
kupî	[ku ' pi]	'lago'
kuwai	[ku ' wai]	'buriti'
kuyawari	[kuia , wa ' ri]	'mingau'
kusan	[ku ' sã]	'comprido'
man	[mã]	'pescoço'
marapa	[ma , ra : ' pa]	'morcego'
mikî	[mi ' ki]	'formiga'
mî	[mi] ~ [mõ]	'roça'
mo	[mɔ]	'minhoca'
more	[mɔ ' rɛ] ~ mu ' rɛ]	'criança'
moro	[mɔ ' rɔ]	'peixe'
murú	[mu ' ru]	'tatu bola'
naire	[nai ' rɛ]	'remo'
non	[nõ]	'terra'
orota	[ɔrɔ ' ta ~ irɔ ' ta ~ irɔ ' da]	'barriga'
pana	[pa ' na] ~ [pa ' nã]	'orelha'
paruru	[pa , ru : ' ru]	'banana'
para'man	[pa , raʔ ' mã]	'não'

pemonkon	[pɛ , mō ' gō]~[pɛ , mō ' kō]	'povo'
Penane	[pɛ , nã ' nê]	'amanhã'
perisi	[pɛ , ri ' ʃi]	'cotovelo'
piasan	[pia ' sã]	'pajé'
pimi	[pi ' mi]	'pimenta'
pisa	[pi ' ʃa]	'cuia'
pisini	[pi , ʃi ' ni]	'aquele'
pono	[pɔ ' nɔ]~[a , pɔ ' nɔ]	'banco'
po'kome	[pɔʔ , gɔ ' mɛ]	'lenha'
pon	[pō]	'roupa'
pun	[pũ] ~ [bũ]	'carne'
pupai	[pu ' pai] ~ [pu ' bai]	'cabeça'
pîrau	[pi ' raw]	'rio'
pîreu	[pi ' rew]	'flecha'
pu	[pu]	'pé'
sa'	[saʔ]	'batata'
samanta	[sa , mã ' ta]~[sa , mã ' da]	'morrer'
san	[sã]	'mãe'
sakanen	[sa , ga ' nê]	'dois'
seni	[se ' ni]	'aquele'
serenka	[sɛ , rê ' ka] ~ [sɛ , rê ' ga]	'cantar'
si	[ʃi]	'perna'
sipo	[ʃi ' pɔ]	'cabelo'
sikî	[ʃi ' ki] ~ [iʃ ' ki]	'pulga'
si'mirikî	[ʃiʔ , miri ' ki]	'pequeno'
suwu	[ʃu ' wu]	'vermelho'
sumari	[ʃu , ma: ' ri]	'ralo'
tanki	[tã ' gui]	'tipiti'
temukon	[tɛ , mu ' kō]~[tɛ , nu ' kō]	'braço'
tî	[ti]	'pedra'
tiwin	[ti ' wî]	'um'
toron	[tɔ ' rō]	'pássaro'
tuna	[tu ' na]~[tu ' nã]	'água'
tumpa	[tʃũ ' ba]	'abano'
tukui	[tu ' kui]	'beija-flor'
unta	[ũ ' ta] ~ [ũ ' da]	'minha boca'
urapa	[u , ra: ' pa]~[u , ra: ' ba]	'arco'
uri	[uri]	'eu'

uri	[uri]	‘mulher’
ukumatu	[u , ku:ma ' tu]	‘minha lenha’
uraro	[u , ra ' ro] ~ [wa , ra ' ðo]	‘homem’
urunupu	[u , runu ' pu]	‘cinza’
urunukon	[u , runu ' kō] ~ [uru ' kō]	‘nós’
yun	[iū]	‘pai’
yei	[ðei]	‘árvore’
yeuka'	[ðeu ' kaʔ]	‘pescar’
ye	[ðe]	‘dente’
yepi	[ðe ' pi]	‘lábios’
warara	[wa , ra: ' ra]	‘tartaruga’
warinan	[wa , ri ' nã]	‘sim’
waimu	[wai ' mu]	‘rato’
waikin	[wai ' kí]	‘veado’
waira	[wai ' ra]	‘anta’
waron	[wa ' rō]	‘noite’
wayamori	[wa , ðamo ' ri]	‘jabuti’
wei	[wei]	‘sol’
wî	[wî]	‘serra’
wîî	[wî ' tî]	‘casa’

ANEXO 5 – Imagens

Comunidade Placa



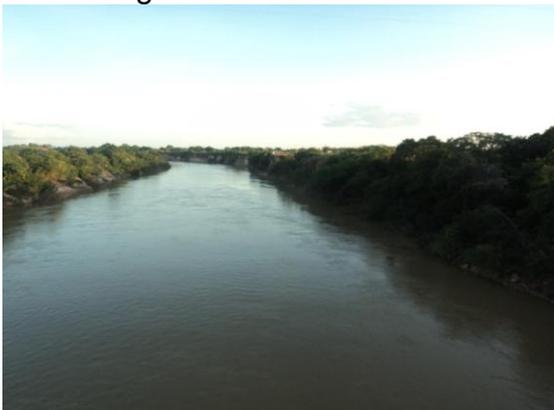
Fonte: Oliveira, 2011.

Comunidade Contão



Fonte: Oliveira, 2011.

Rio Cotingo



Fonte: Oliveira, 2011.

Mandioca sendo ralada para o caxiri



Fonte: Oliveira, 2011.

Comunidade Araçá da Serra



Fonte: Oliveira, 2011.

Naíde preparando Caxiri



Fonte: Oliveira, 2011.

Ko'ko Idália (Comunidade Araçá)



Fonte: Oliveira, 2011.

Ko'kos da Enseada



Fonte: Oliveira, 2011.

Madalena fiando algodão (Contão)



Fonte: Oliveira, 2011.

Informante Ambrósio (Contão)



Fonte: Oliveira, 2011.

Pedra do Branco



Fonte: Oliveira, 2011.

Comunidade Pedra Branca



Fonte: Oliveira, 2011.